

**Os saberes geográficos construídos por alunos
da Escola José Rufino: uma pesquisa etnográfica dialogando
com os saberes do senso comum e os saberes científicos
numa perspectiva de inovação pedagógica.**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Maria Rita da Silva Oliveira

MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO - INOVAÇÃO PEDAGÓGICA



UNIVERSIDADE da MADEIRA

A Nossa Universidade

www.uma.pt

FUNCHAL | 2016

UNIVERSIDADE DA MADEIRA
BIBLIOTECA

Os saberes geográficos construídos por alunos da Escola José Rufino: uma pesquisa etnográfica dialogando com os saberes do senso comum e os saberes científicos numa perspectiva de inovação pedagógica.

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Maria Rita da Silva Oliveira

MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO - INOVAÇÃO PEDAGÓGICA

ORIENTADORES

Professora Doutora Maria Gorete Gonçalves Rocha Pereira
Professora Doutora Maria Sandra Montenegro



**Faculdade de Ciências Sociais
Departamento de Ciências da Educação
Mestrado em Ciências da Educação-Inovação Pedagógica**

Maria Rita da Silva Oliveira

Os saberes geográficos construídos por alunos da Escola José Rufino: uma pesquisa etnográfica dialogando com os saberes do senso comum e os saberes científicos numa perspectiva de inovação pedagógica.

Dissertação de Mestrado

FUNCHAL – 2016

Maria Rita da Sila Oliveira

Os saberes geográficos construídos por alunos da Escola José Rufino: uma pesquisa etnográfica dialogando com os saberes do senso comum e os saberes científicos numa perspectiva de inovação pedagógica.

Dissertação apresentada ao Conselho Científico do da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade da Madeira, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Ciências da Educação.

Orientadoras: Professora Doutora Maria Gorete Gonçalves Rocha Pereira

Professora Doutora Maria Sandra Montenegro

AGRADECIMENTOS

A Deus Pai todo poderoso que é a força e fortaleza nos momentos de angústia e indecisão que sempre esteve comigo desde o ventre da minha mãe já me consagrava e concedia muitas graças e vitórias. A Ele toda graça e louvor.

A minha mãe do céu a Imaculada Maria cheia de graças pela intercessão.

Aos meus pais: João Vicente da Silva (in memória) e Rita Maria da Silva por todo amor, coragem, e sabedoria na Palavra de Deus. Suas dificuldades foram tamanhas, porém não desistiram de mim apoiar, de exigir a minha formação mesmo sendo semianalfabetos foram meus educadores para servir a Deus e a sociedade

Aos alunos da pesquisa e a professora, Josefa Maria do Nascimento (Lucineia) minha eterna gratidão. Especialmente a Tamires, Epitácio Viana e João Tadeu pela ajuda durante a pesquisa.

A gestora da Escola Maria de Fátima e todos e todas que fazem parte da Escola José Rufino – Vicência PE, pela ajuda, apoio e colaboração.

A minha orientadora e amiga, professora doutora Sandra Montenegro da Universidade Federal de Recife-Pe. por tudo que me ajudou, me entendeu e colaborou para minha vitória.

A orientadora de Portugal, a professora doutora Gorete Pereira pelo atendimento, apoio, ajuda na elaboração deste objeto tão relevante para minha vida.

As duas amigas orientadoras todo meu respeito e gratidão

A DH2 e toda sua equipe pela oportunidade deste curso em parceria com a UMa, trazendo uma formação de destaque a nível de Brasil com a temática Inovação Pedagógica e neste momento um agradecimento especial a Carlos Fino e Jesus Maria pela iniciativa e defesa deste Mestrado tão valioso.

Ao coordenador do curso no Brasil, Pedro Florentino pelo apoio na caminhada e toda ajuda e compreensão de Rodrigo da DH2

Aos professores que muito contribuíram na construção dos conhecimentos. As amigas da turma especialmente a Maria José minha irmã e ao apoio de Maria do Carmo da Silva, minha irmã da turma anterior a nossa

Ao esposo Ledilson Martiliano pela compreensão e ajuda em todo momento.

Aos filhos Ledilma, Ledilza, Luan e a neta - filha Maria Júlia pela compreensão e apoio nas faltas nos momentos que precisavam.

A UMA na pessoa de Carlos Fino e Jesus Maria pela brilhante ideia de trazer para o Brasil um Mestrado nessa linha de pesquisa relevante para realização do meu sonho.

RESUMO

Este estudo tem como objetivo geral investigar: De que forma os saberes construídos por alunos dialogando com os saberes do senso comum e os saberes científicos contribuem para aprendizagem significativa numa perspectiva de inovação pedagógica. Trata-se de uma pesquisa qualitativa de cariz etnográfica, por se adentrar no estudo permitindo o diagnóstico da realidade profunda. A pesquisa de campo realizou-se no lócus da pesquisa com a imersão da investigadora nesse ambiente durante nove meses. Foram utilizados diversos instrumentos da pesquisa tais como: observação participante que deu luz ao diário etnográfico no qual a investigadora fez os registros observados no campo, num diálogo e questionamentos constantes com os sujeitos, como também a entrevista e questionários individuais e em grupo com os educandos do 7º Ano A da Escola Municipal José Rufino e com a professora de geografia da referida turma na perspectiva da coleta dos dados que deram base às análises. As conclusões desta investigação apontam para inovação pedagógica na prática da professora de geografia, a mesma sem materiais de apoio apropriados, com poucos recursos didáticos, com a estrutura da sala de aula e da escola a desejar possibilita ambientes de aprendizagens diferentes onde seus alunos constroem aprendizagens significativas partindo dos conhecimentos do senso comum de forma coletiva, participativa envolvendo as outras ciências com pouco ensino e muita aprendizagem dentro e fora da sala de aula.

Palavras-chave: Inovação Pedagógica, Aprendizagem Significativa, Senso comum.

ABSTRACT

This study is to investigate: How the knowledge built by students in dialogue with the common sense knowledge and scientific knowledge contribute to meaningful learning in educational innovation perspective. This is a qualitative study of ethnographic nature, how they enter the study allowing the diagnosis of deep reality. The fieldwork took place in the locus of research with the immersion of the researcher in this environment for nine months. Several research instruments such as were used: participant observation that gave birth to the ethnographic book in which the researcher did the records observed in the field in a dialogue and constant questions with the subjects, as well as interviews and questionnaires individual and group learners the 7th year The Municipal School José Rufino and geography teacher of that class from the perspective of data collection that based the analyzes. Its findings point to pedagogical innovation in the practice of geography teacher, the same without appropriate support materials, with few teaching resources, with the structure of the classroom and school to be desired allows different learning environments where students build learning significant building on the knowledge of the common sense of collective, participatory involving other sciences with little teaching and a lot of learning in and out of the classroom.

Keywords: Pedagogical Innovation, Meaningful Learning, Common Sense.

RÉSUMÉ

Cette étude sert à enquêter sur: Comment la connaissance construit par les étudiants dans le dialogue avec la connaissance de bon sens et de savoir scientifique contribue à l'apprentissage significatif dans le contexte de l'innovation pédagogique. Ce est une étude ethnographique qualitative, comment ils entrent dans le studio qui permet un diagnostic de la réalité profonde. Le travail de terrain a été menée à l'endroit de la recherche avec l'immersion du chercheur dans cet environnement pendant neuf mois. Plusieurs outils de recherche qui ont été utilisés: l'observation participante a donné lieu à l'ouvrage ethnographique qui enregistre le chercheur a observé sur le terrain dans un dialogue et constants des questions aux sujets, ainsi que des entretiens individuels et des questionnaires au groupe des étudiants la septième année de l'École Municipale José Rufino et professeur de géographie de cette classe du point de vue de l'analyse comparative de la collecte de données. Leurs résultats suggèrent l'innovation pédagogique dans la pratique de professeur de géographie, juste sans les matériaux de soutien appropriés, avec peu de ressources pour l'enseignement, avec la structure de la classe et de l'école avec peu de ressources permet différents environnements d'apprentissage où les élèves construisent significative le renforcement des connaissances de l'apprentissage du sens commun de la participation collective avec d'autres sciences avec peu d'éducation et beaucoup d'apprentissage à l'intérieur et l'extérieur de la salle de classe.

Mots-clés: l'innovation pédagogique, l'apprentissage significatif, le sens commun.

RESUMEN

Este estudio sirve para investigar: ¿Cómo el conocimiento construido por los estudiantes en el diálogo con el conocimiento de sentido común y el conocimiento científico contribuya al aprendizaje significativo en la perspectiva de innovación educativa. Se trata de un estudio cualitativo de carácter etnográfico, cómo ellos entran en el estudio que permite el diagnóstico de la realidad profunda. El trabajo de campo se llevó a cabo en el lugar de la investigación con la inmersión del investigador en este entorno durante nueve meses. Varios instrumentos de investigación, como se utilizaron: la observación participante que dio origen al libro etnográfico en el que el investigador tenía los registros observados en el campo en un diálogo y constantes preguntas con los sujetos, así como entrevistas y cuestionarios individuales a el grupo Estudiantes de la séptima año de la Escuela Municipal José Rufino y el profesor de geografía de esa clase desde la perspectiva de la recopilación de datos que basa el análisis. Sus conclusiones apuntan a la innovación pedagógica en la práctica de profesor de geografía, de la misma sin los materiales de apoyo adecuados, con pocos recursos para la enseñanza, con la estructura del aula y la escuela con pocos recursos permite diferentes entornos de aprendizaje donde los estudiantes construyen el aprendizaje edificio significativo en el conocimiento de el sentido común de los colectivos, de participación con otras ciencias con poca enseñanza y una gran cantidad de aprendizaje dentro y fuera del aula.

Palabras clave: Innovación Pedagógica, el aprendizaje significativo, el sentido común.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	V
RESUMO.....	VII
ABSTRACT	IX
RÉSUMÉ	XI
RESUMEN	XIII
LISTA DE SIGLAS	XIX
LISTA DE FIGURAS.....	XXI
LISTA DE TABELAS.....	XXIII
1. INTRODUÇÃO	1
PARTE I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO.....	7
CAPÍTULO I – A ABORDAGEM DA EDUCAÇÃO NO BRASIL.....	7
1.1 Os dilemas da educação para o mercado: um paradigma ainda presente na educação brasileira.....	7
1.2 O senso comum: tendências e perspectivas	12
1.3 Educação popular: história e contextos.....	24
CAPÍTULO II - A APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA E A VALORIZAÇÃO DO SENSO COMUM.....	31
2.1- Teorias da aprendizagem: Cognitivismo - Construtivismo.....	31

2.2-Teoria de Gagné e Bruner.....	33
2.3- A teoria de Novak é considerada de aprendizagem.....	36
2.4- A contribuição de Moreira para Aprendizagem Significativa	39
2.5- A teoria de Ausubel é cognitiva	43
2.6- O pensamento de Paulo Freire para a aprendizagem	47
2.7- A inteligência no contexto de Piaget e Vygotsky	49
2.8 - A posição sociogenética de Vygotsky adotada por Luria para a aprendizagem.....	59
CAPÍTULO III- A INOVAÇÃO PEDAGÓGICA CONTRIBUINDO PARA SUSTENTABILIDADE DA ESCOLA NO MUNDO DA COMPLEXIDADE.....	61
3.1 - Aspectos históricos da inovação pedagógica e a sua importância para cidadania ..	61
3.2- Cenários necessários para a educação do futuro	71
3.3 - As tecnologias como instrumentos facilitadores da aprendizagem	74
PARTE II – O ESTUDO EMPÍRICO.....	81
CAPÍTULO IV- PERCURSO METODOLÓGICO	81
4.1- Pesquisa Qualitativa	81
4. 2- Etnografia.....	83
4.3- Instrumentos da Pesquisa	85
4.3.1- Observação Participante	85
4.3.2- Diário Etnográfico	88
4.3.3- A Entrevista em Investigação Qualitativa	89
4.3.4- O Questionário na Pesquisa Etnográfica	92
4.4- Descrição do Campo da Pesquisa	94
4.4.1- Descrição do Espaço Físico	96
4.4.2- Caracterização da Turma	97

4.4.3- Participantes da Pesquisa	98
4.4.4- Caracterização da professora.....	100
CAPÍTULO V- AS RESPOSTAS AS QUESTÕES DE INVESTIGAÇÃO.....	103
5.1- Questões da Pesquisa	103
5.1.2 – Análise da entrevista com os pesquisandos – individual.....	104
5.1.3- Análise da entrevista com os pesquisandos em grupo	114
5.1.4- Análise do questionário com a professora.....	122
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	129
6.1- Os saberes construídos pelos alunos	129
6.1.2. Recomendações	132
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	133
APÊNDICES	143
APÊNDICE - 1	143
APÊNDICE - 2	162
APÊNDICE - 3	163
APÊNDICE - 4	164
ANEXOS	165
ANEXO 1.....	165
ANEXO 2- FIGURAS	173

LISTA DE SIGLAS

IDH - Índice de Desenvolvimento Humano

LDBE- Lei de Diretrizes e Bases da Educação

MEC - Ministério da Educação e Cultura

UMa - Universidade da Madeira

UNESCO - União das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

TICs - Tecnologias da Informação e da Comunicação

ZDP - Zona de Desenvolvimento Proximal

MCP- Movimento de Cultura Popular

OP- Observação Participante

OPE- Observação Participante Externa

OPI- Observação Participante Interna

CAD- Centro de Apoio Didático

CTB-Central dos Trabalhadores do Brasil

EJA- Educação de Jovem e Adulto

PPP- Projeto Político Pedagógico

ONGs- Organização Não Governamentais

ASSECO- Associação dos Serviços Comunitários

MCP- Movimento de Cultura Popular

UNESCO- Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1- CAMPO DE PESQUISA – FONTE- OLIVEIRA – RITA, 2014.....	173
FIGURA 2 - PESQUISANDOS –FAZ RECICLAGEM – OLIVEIRA. RITA- 2014.....	173
FIGURA 3 - PESQUISANDOS NO TEATRO - FONTE- OLIVEIRA. RITA - 2014	173
FIGURA 4-PESQUISANDOS SISTEMATIZAÇÃO DA PESQUISA DE CAMPO.....	174
FIGURA 5-PROFESSORA – PESQUISANDO - ESCOLA	174
FIGURA 6-PESQUISANDOS – SISTEMATIZAÇÃO: MAPA DA COMUNIDADE – CAD. FONTE- OLIVEIRA- RITA, 2014	174
FIGURA 7- PESQUISANDOS – TRABALHO COLETIVO NA ESCOLA – FONTE- OLIVEIRA. RITA - 2014.....	175
FIGURA 8- PROJETO MAIS CULTURA NA ESCOLA – OLIVEIRA. RITA - 2014	175
FIGURA 9- MOMENTO RELIGIOSO – PESQUISANDO DO MINISTÉRIO DE MÚSICA	176
FIGURA 10- SUJEITOS DA PESQUISA – ESCOLA JOSÉ RUFINO- FONTE OLIVEIRA- RITA, 2014.....	176
FIGURA 11- PESQUISA NA COMUNIDADE – BORRACHA- RITA OLIVEIRA- 2014	177
FIGURA 12- CULMINÂNCIA DO PROJETO LER PRA VALER –ESCOLA - OLIVEIRA. RITA – 2014.....	177
FIGURA 13- OFICINA: CAVALO MARINHO – ESCOLA FREI CANECA – RITA OLIVEIRA-2014.....	178

LISTA DE TABELAS

TABELA 1-APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA CONSTRUÍDA NA PESQUISA DE CAMPO.....	104
TABELA 2-ABASTECIMENTO DA ÁGUA DA COMUNIDADE.....	106
TABELA 3-AS ESCOLAS LOCAIS CONTRIBUINDO PARA APRENDIZAGEM DE GEOGRAFIA E DE OUTRAS CIÊNCIAS.....	107
TABELA 4-A SAÚDE X EDUCAÇÃO.....	109
TABELA 5-A INTERDISCIPLINARIDADE NA APRENDIZAGEM DE GEOGRAFIA .	111
TABELA 6-A GEOGRAFIA X SOCIEDADE	112
TABELA 7-IMPORTÂNCIA DA GEOGRAFIA	114
TABELA 8-CONHECIMENTOS CIENTÍFICOS X CONHECIMENTOS TRAZIDOS PELOS ALUNOS.....	115
TABELA 9-RELACIONAMENTO ALUNO X ALUNO.....	116
TABELA 10-RELACIONAMENTO ALUNOS X PROFESSORA	117
TABELA 11-RELACIONAMENTO ESCOLA X COMUNIDADE.....	118
TABELA 12-AULAS DE GEOGRAFIA	119
TABELA 13-APRENDIZAGEM DE GEOGRAFIA	120
TABELA 14-TRABALHO EM GRUPO	121

1. INTRODUÇÃO

A motivação para o estudo

A investigação surgiu do percurso acadêmico no âmbito do Curso de Mestrado em Ciências da Educação - Área de Inovação Pedagógica na UMa - Funchal- Portugal.

O objeto de estudo durante minha experiência profissional sempre me inquietava no convívio com alunos, professores e comunidade, despertava cada vez mais a vontade de realizar cientificamente a pesquisa na perspectiva de investigar de que forma o senso comum dos alunos são utilizados na prática do professor de geografia e se aponta para a aprendizagem significativa a luz da inovação pedagógica.

A investigação empírica foi realizada durante nove meses, de abril a dezembro de 2014 numa escola escolhida por ser a primeira Escola Municipal de Vicência a atender o Ensino Fundamental II com um público da comunidade rural e local.

As razões que me motivaram a essa investigação sobre o objeto de estudo está relacionada ao ensino da geografia na Rede Pública. É uma pesquisa de suma importância para o fortalecimento do conhecimento acadêmico, científico, pessoal, profissional , será útil como fonte de pesquisa científica tanto na academia, como na escola lócus da pesquisa. A autora escolheu a turma do 7º Ano A do Ensino Fundamental na Escola Municipal José Rufino no Município de Vicência-PE.

Seguiu-se numa orientação de cunho etnográfico por ser considerada uma metodologia mais apta para sondar as dinâmicas de natureza social e cultural de uma turma. (SOUSA & FINO, in PEREIRA, 2012)

Os pressupostos da investigação

O senso comum é considerado como conhecimento organizado. Os alunos ao chegarem à escola já trazem em si alguns conhecimentos, segundo a teoria construtivista dá-se a interação do sujeito com o seu meio cultural, político e econômico. Não há tábua rasa, mas uma rica cultura oriunda de milhares de anos de civilização. O aluno neste contexto é um sujeito cultural

ativo na ação que se dá por assimilação e por acomodação. Quanto ao professor não deve permitir a passividade, nem a repetição, nem a mecanização. (PIAGET in BECKER, 1992)

O senso comum é a premissa para a aprendizagem significativa. O princípio da aprendizagem significativa valoriza os conhecimentos do aluno. É partindo do que o aprendiz já sabe que os novos conhecimentos são construídos na sala de aula, partindo do geral para o particular na prática construtivista, os organizadores prévios são considerados como pontes cognitivas. Assim o currículo parte do cotidiano se baseando nas experiências vividas. (PIAGET in SAVIANI, 2000)

A importância do senso comum para a cidadania é por ser um novo caminho que permite o agir, o operar, a criação, a construção do conhecimento partindo da realidade vivida pelos alunos e professores, e sociedade, é a premissa para o desenvolvimento humano.

Segundo Vygotsky, (2009) a construção do conhecimento valoriza os conceitos cotidianos, pois os mesmos abrem caminhos para os conceitos científicos. O senso comum é valioso na construção da aprendizagem, partindo do intelecto do aluno numa prática pedagógica inovadora, a aprendizagem acontece fazendo a ligação entre o senso comum e o conhecimento científico. Para tanto, o mesmo pode usar a interdisciplinaridade, a multidisciplinaridade e a transdisciplinaridade. A aprendizagem cooperativa e a interdependência individual e coletiva dos indivíduos envolvidos no processo. A aprendizagem ocorre na interação social entre aluno e professor, ato considerado pelo autor por Zona de Desenvolvimento Proximal.

De acordo com Piaget, in Becker, (1992) o conhecimento é uma construção, nele o sujeito age espontaneamente, independentemente do ensino, mas dependentemente dos estímulos sociais, com os esquemas ou estruturas já possuídas sobre o meio físico ou social, retirando desse meio a abstração de seu interesse, parte-se para reconstrução da reflexão e a dinâmica acontece da ação a abstração, do fazendo e compreendendo, do conhecimento teórico com o prático.

Infelizmente a maioria das escolas desprezam os saberes trazidos e levam o conteúdo fragmentado, e nas avaliações se o aluno passar na matemática e em português pode aprová-lo, se não, deve ser reprovado.

Para Piaget o ensino público brasileiro constitui uma das grandes preocupações da atualidade (in SABER, 1997). É a matemática e o português que mais reprovam, geram medo,

como também tornam o aluno cansado com a carga horária exagerada, que leva a perda da autoestima do aluno, pois não as vê como fundamentais para a vida. Nem é preciso ser especialista em pedagogia para saber que a educação pública brasileira tem deixado a desejar. Conversando com as crianças das nossas instituições podemos constatar quão pouco apreenderam do que se pretendeu ensinar na escola.

São diagnosticadas a evasão, a repetência e o aproveitamento só é relevante nas disciplinas consideradas básicas: Matemática e Português. Faz-se necessário a reversão desse quadro, que parece ainda difícil, pois o que tem sido feito neste sentido só contribui para negar os conhecimentos dos alunos menosprezando assim as demais áreas de conhecimentos, e quanto mais têm aumentado a quantidade de estabelecimentos, tem decrescido o nível de aproveitamento que as escolas propõem-se a ensinar.

Para Gadotti (2000), a educação tradicional ainda se encontra enraizada na sociedade, onde a maioria dos alunos são vítimas das práticas desumanizantes oriundas do poder capitalista burguês. Mesmo sabendo do seu declínio, muitos professores ainda reproduzem neste século a ideologia do poder, não construindo conhecimentos com significação.

Na sociedade atual a maioria das escolas ainda apresentam características das escolas de séculos anteriores. Mantendo a cultura imposta por excelência dos grupos dominantes sobre os dominados, mantinha a visão não consensual da realidade. (...) a escola transmite a cultura dos grupos dominantes. (BOURDIEU, 1997). A mesma ao longo dos anos continua reproduzindo a ideologia do poder, cometendo uma violência contra os dominados sem oportunidade de contribuir com seus saberes curriculares da vida com os saberes científicos da escola.

A educação não é, portanto, o processo de produção, transmissão, reprodução de conhecimento. “O saber, (sentir, pensar, agir), ou a cultura, é a matéria prima da educação”. (SCOCUGLIA, 1999. p. 112-113). A educação para o mercado desqualificou e empobreceu muitas pessoas.

O século XX foi marcado por sofrimentos, erros, ilusões e desorientações na história do povo. O ser humano não deve no novo século ser tratado como brinquedo inconsciente como no século anterior. O processo cognitivo é antropológico, político, histórico e social. (MORIN, 2002)

Uma nova epistemologia é necessária para construção da cidadania em sua plenitude dentro e fora do ambiente escolar. Entendemos que o construtivismo na educação poderá contribuir para a humanização por ser a forma teórica ampla que reúne as variadas tendências atuais do pensamento educacional.

Objetivos do estudo

Com o propósito de interpretar a realidade de maneira descritiva elaboramos o seguinte objetivo geral:

De que forma os saberes construídos por alunos numa pesquisa etnográfica dialogando com os saberes do senso comum e os saberes científicos contribuem para aprendizagem significativa numa perspectiva de inovação pedagógica?

Quanto aos objetivos específicos são: analisar se a prática pedagógica desenvolvida na aula de geografia aponta para inovação pedagógica; verificar se a aprendizagem da geografia provoca mudanças na maneira que os estudantes analisam a realidade social; descrever os saberes do senso comum que os educandos utilizam para aprender geografia.

Para o desenvolvimento da pesquisa, optamos por uma pesquisa qualitativa, por entender que tal abordagem é a mais apropriada para a investigação na área da educação, pois ela envolve a obtenção de dados descritivos, obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada, além de destacar mais o processo que o produto e se preocupar em retratar a perspectiva dos participantes (LÜDKE e ANDRÉ, 1986).

A organização do estudo

Esperando alcançar o objetivo destacado, esta pesquisa está organizada em duas etapas: a primeira consistirá na revisão da literatura e a segunda numa pesquisa de campo para coleta e análise de dados.

Na primeira etapa realizaremos uma revisão da literatura em torno do objeto de estudo, com o objetivo de buscar um referencial teórico para fundamentação. Acreditamos que não é possível interpretar, explicar e compreender a realidade sem um referencial teórico. Entretanto,

a teoria não compõe um modelo no qual alguma realidade deve se adaptar. Ao contrário, é a teoria que deve ser adequada a cada realidade.

Na segunda etapa da investigação organizaremos a coleta e análise dos dados adotando as seguintes fases: escolha do ambiente da pesquisa, dos participantes e instrumentos de coleta de dados em que utilizou-se a observação participante, onde a mesma permitiu a descrição do percurso realizado pela investigadora durante a pesquisa desde o momento da chegada ao campo até a conclusão do estudo. A análise dos dados permitiu encontrar as respostas às questões de investigação. (LAPASSADE, 2001)

O trabalho está estruturado em duas partes: a primeira apresenta o enquadramento teórico e a segunda o estudo empírico. O capítulo I – apresenta a abordagem da educação no Brasil. Tratou-se dos dilemas da educação para o mercado, um paradigma ainda presente na educação brasileira, do senso comum, tendências e perspectivas para escola cidadã no século XXI e da educação popular, história e contextos.

O capítulo II - A aprendizagem significativa e a valorização do senso comum. As teorias de aprendizagem segundo Gágner e Bruner, Novak, Moreira, Ausubel, Pensamento de Freire; a inteligência no contexto de Piaget e Vygotsky; a contribuição de Luria para a aprendizagem.

O capítulo III- A inovação pedagógica contribuindo para sustentabilidade da escola no mundo da complexidade. Aspectos históricos da inovação pedagógica e a sua importância para cidadania, os cenários necessários para a educação do futuro e as TICs como instrumentos facilitadores da aprendizagem.

A parte II – capítulo IV - apresenta o percurso metodológico: Pesquisa qualitativa, Etnografia, Instrumentos da Pesquisa; Observação Participante; Diário Etnográfico; A entrevista em investigação qualitativa; O questionário na pesquisa etnográfica; Descrição do campo da pesquisa; Caracterização da turma e dos participantes da pesquisa; Caracterização da professora; Técnica de Análise e interpretação dos dados.

No capítulo V - são descritas as respostas às questões de investigação, apresentação e interpretação dos dados, análise de conteúdos, análise das entrevistas com os pesquisandos – individual e em grupo, análise do questionário com a professora de geografia.

Por fim, o capítulo VI apresenta as conclusões finais com a reconstrução dos saberes construídos pelos alunos e algumas recomendações finais.

Os resultados desta investigação apontam para inovação pedagógica. Diagnosticou-se que a prática pedagógica vivenciada nas aulas de geografia está buscando novos cenários para aprendizagem significativa crítica da geografia na perspectiva da inovação pedagógica. Neste contexto o objeto de estudo tem contribuído para a educação emancipadora da seguinte maneira: desenvolvendo um trabalho pedagógico dialógico, democrático, participativo e coletivo onde os alunos têm oportunidades de construir seus conhecimentos, partindo das contribuições dos seus saberes vividos, trazidos e dialogados com os saberes científicos. Assim, o senso comum vem sendo valorizado deixando os alunos socializados, mais interessados e envolvidos nas ações na sala de aula e fora dela, tem melhorado os resultados avaliativos, tem feito com que as relações entre eles, com a professora e comunidade avançassem de forma contínua, tem estimulado as pesquisas bibliográficas e de campo, a leitura e o gosto pela geografia.

PARTE I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO

CAPÍTULO I – A ABORDAGEM DA EDUCAÇÃO NO BRASIL

1.1 Os dilemas da educação para o mercado: um paradigma ainda presente na educação brasileira

A escola concebida na época da Revolução Industrial tinha como objetivo formar para a obediência, para suprir a necessidade da preparação da mão de obra para o trabalho fabril, tirando a responsabilidade da educação do domínio familiar, baseada nas técnicas para o desempenho nas fábricas. Era exigida pontualidade, obediência, trabalho repetitivo, a burocracia, o controle no comando, e a produção tinha prioridade (FERREIRA, 2004).

A escola surge na época que tinha a missão de reproduzir a ideologia dominante. A produção era a sua principal meta. Segundo Fino, “A escola pública foi inventada, no auge da Revolução Industrial, ela tinha por missão dar resposta às necessidades relacionadas com profundas alterações de produção emergente nesse tempo” (2001, p. 12)

A Revolução Industrial causou a miséria das massas proletariadas, os trabalhadores foram explorados nos serviços das fábricas ganhando baixos salários, digo salários de fome, as famílias eram obrigadas ao trabalho fabril, tinham uma longa jornada de trabalho, os trabalhadores eram considerados subprodutos do sistema produtivo. Em 1871 houve uma tomada de consciência com base na Revolução Francesa, surge um ambiente social na Comuna de Paris a proliferação de uma atividade sindical fabril a conscientização da classe dirigente.

Neste contexto Toffler (1970) fala da escola padronizada da era industrial, baseada na burocracia onde os alunos seguiam as regras dadas pelo professor que não é mais capaz de sobreviver no mundo das mudanças.

O homem industrial era instrumentado pelas escolas para ocupar um lugar comparativamente permanente na ordem social e econômica. A educação superindustrial deve preparar as pessoas para atuarem em organizações temporárias – as ad-hocracias de amanhã (1970, p.328).

As crianças chegam na escola e descobrem que fazem parte de uma organização padronizada, onde na classe elas são regidas pelo professor o adulto e seus subordinados são os alunos que são organizados sentados em fileiras fixas do modelo da escola industrial, olhando

para frente, essa pedagogia se repete nos anos seguintes de escolarização sem nenhuma mudança organizacional. Essa prática exclui quaisquer experiências de organização.

Nesta linha de pensamento a hierarquia administrativa educacional segue a burocracia industrial. “Esse sistema não surgiu instantaneamente. Ainda hoje ele guarda elementos passadistas da sociedade pré – industrial” (TOFFLER, 1970, p.322).

A escola hierarquizada cresceu seguindo o modelo da burocracia industrial, os estudantes vistos como matéria-prima e o mestre como operário, a escola centralizada – fábrica, estudantes sentados em pontos determinados, a sineta toca, um sistema rígido, o professor autoritário, entre outros.

Em oposição ao capitalismo ignora as práticas socialistas que visam o bem uns dos outros, a democratização, o fim da hierarquia, da burocracia, etc. Giroux neste sentido questiona o sistema da educação ainda burocratizada na realidade atual.

O sistema hierárquico de produção capitalista, estruturado em divisões de classe, gênero e raça em nossa sociedade, não será alterado pela qualidade superior e igual da educação básica a menos que sejam feitos esforços concorrentes para democratizar a economia e burocracia do Estado (1997.p.227-228).

Infelizmente a prática pedagógica da escola mantém a seleção, a divisão, a sua maioria ainda não abandonou a reprodução das desigualdades. A escola neste sentido serve para reproduzir as ideologias do poder dominante, não pode construir conhecimento partindo dos saberes dos alunos.

O capitalismo foi denunciado principalmente por Marx, um defensor da cidadania, contra o poder da burguesia. Contra o poder do capital financeiro sobre o povo. Nesta perspectiva a escola contribuiu para o fortalecimento da ideologia da burguesia capitalista. Marx denuncia: “A exploração do capitalismo – seja a da acumulação primitiva, seja a exploração das condições e da extensão da jornada de trabalho a que são submetidos os operários.” (in MANZINI, 2003).

A acumulação do capital surge dos saques das riquezas dos povos das Américas e das Índias com a exploração dos trabalhadores, pagando míseros salários, levando a falência dos pequenos proprietários rurais, levando-os ao êxodo rural, neste contexto são obrigados a vender para os exploradores. São ao longo da história anos de perda de sangue, músculos e cérebros sugados pela burguesia.

O Brasil precisa de uma educação que supere o controle da educação que nega a capacidade do pensamento crítico, da possibilidade do aluno de resolver problemas, etc. (...) “A escola dá mais importância ao conhecimento aos números e gramática do que ao conhecimento sobre aprendizagem” (POLYA in PAPERT, 2008.p.89).

A escola em sua maioria não tem se preocupado com a aprendizagem, tem se preocupado mais com o ensino dos números e da gramática do que com o pensar. Assim a educação tradicional tem ensinado fatos, valores, ideias etc. A inteligência nessa educação é inerente à mente humana. O ensino voltado só para matemática e gramática cobrado obrigatoriamente até o momento, tem negado a aprendizagem das outras áreas de conhecimento, e a evasão, a alienação, a reprovação são danos dessa educação antidialógica.

Para muitos professores é muito natural o ensino voltado para a transmissão do conteúdo, nada mais resta a fazer, não há mais razões para mudanças de rumos, pois sempre deu certo assim, mesmo as crianças reclamando, elas gostam mesmo de reclamar. “O essencial é conservar os mesmos procedimentos, orientar a ação educativa em uma única direção: a da submissão das crianças as predeterminações dos adultos” (PIAGET, in SABER, 1997, p. 22).

As crianças são treinadas para ler, escrever e contar. A leitura é mecânica e silábica sem permissão de nenhum significado, isso também com a contagem que muitos alunos já fazem antes de chegar à escola, também sem significação. Nem sempre as crianças seguem o caminho da imposição, para os que se recusam, acabam fracassando sob o ponto de vista do professor, outros alunos vão se arrastando empurrando os conteúdos com a barriga e vão para as milagrosas aulas de reforço onde passarão pela mesma repetição para passarem de ano.

Conforme Vesentini, a fragmentação dos conteúdos trabalhados pelo professor é fruto da formação acadêmica. Também vale salientar que as condições de trabalho, do projeto coletivo curricular da escola, soma-se com a formação acadêmica contribuindo para que os docentes e os discentes fiquem fechados nos seus mundos geográficos. O sistema dominante controla a formação, o docente e o currículo. “Torna-se já sobejamente o papel, exercido pela escola e pelo professor, de reproduzir a ideologia dominante, de inculcar na consciência das novas gerações as ideias e os valores apropriados para o exercício da dominação social, das relações de poder” (1992.p.32).

A prática de ensinar geografia como as demais ciências embasadas no paradigma fabril, idealizada para o progresso, para o desenvolvimento do capitalismo, do imperialismo,

valorizando o nacionalismo desumanizou crianças, jovens e adultos especificamente os menos favorecidos.

Nesse sentido Moraes (1997) faz crítica à escola pública brasileira e aos sistemas de ensino. Para a autora as escolas continuam como instituições fechadas, passivas, cumpridoras de normas, entre outros. De acordo com Moraes

(...) Em todo mundo e a grande maioria dos professores ainda continua privilegiando a velha maneira como foram ensinados, reforçando o velho ensino, afastando o aprendiz do processo de construção do conhecimento, conservando um modelo de sociedade que produz seres incompetentes, incapazes de criar, pensar, construir e reconstruir conhecimento (1997, p. 16).

A escola, infelizmente, não tem acompanhado em sua totalidade as mudanças da nova era. Continua no mundo das mudanças atuais desconectada da realidade, vem em sua maioria reproduzindo as ideologias do capital financeiro excluindo assim o capital humano. Nesta perspectiva a escola por muitos anos reproduziu a ideologia neoliberal.

Para Saviani, a educação tecnicista presente na pedagogia escolar tem marginalizado muitos alunos particularmente na América Latina.

(...) a pedagogia tecnicista acabou por contribuir para aumentar o caos no campo educativo gerando tal nível de descontinuidade, de heterogeneidade e de fragmentação, que praticamente inviabiliza o trabalho pedagógico. Com isto, o problema da marginalidade só tendeu a se agravar (1988, p.26).

A pedagogia tecnicista fragmenta o ato pedagógico. Trouxe para escola as formas de funcionamento do sistema fabril, ignorando a construção do aprender a aprender, se importando com a pedagogia do fazer. Essa pedagogia junto com a tradicional presente nas escolas fortaleceu a marginalização e a exclusão de uma grande massa da sociedade latino-americana. A evasão e a repetência, conteúdos rarefeitos, a burocracia, a fragmentação tem negado a possibilidade de humanização.

Pedagogia transmissiva, conhecimento para o consumo e as mídias também estão repassando sem nenhuma reflexão. “Criticamos também a postura da escola pública brasileira e dos sistemas educacionais nas mais diversas instâncias que continuam caracterizando-se como instituições fechadas, passivas e obedientes... longe do seu contexto social” (MORAES, 1997, p. 53)

Assim as escolas continuam fechadas, passivas, cumpridoras de normas e longe do contexto social, seu papel tem sido de obedecer e pouco pensar. Professor e aluno são

secundários, além do descompromisso com os serviços oferecidos a população. É criticada também sua administração, no ambiente de aprendizagem, na falta de postura filosófica e pedagógica, descomprometida com a educação que o povo necessita no mundo atual e futuro. Conforme a autora essa escola reforça a linealidade,.

Em termos escolares, educar significava a entrega do saber pelo professor, centro do sistema, aos alunos. A educação significava o repasse do saber dogmático do professor considerado “mais” por estar no centro do sistema dominante, para os alunos considerados “menos” os subordinados. O professor transmite o que chamava de saber na pedagogia antidialógica, na prática da memorização e da repetição, bastava o domínio de um único conhecimento compartimentado e cobrava a restituição ao pé da letra do saber repassado. Ao aluno nega-se qualquer possibilidade de comunicação entre eles, a arrumação das carteiras reforça a linearidade (SOUSA, 2000).

Compreender a heterogeneidade é o fator essencial neste século. A passagem do século XX para o XXI segundo (Maffesoli in Scocuglia, 2006), estaria marcada pela heterogeneidade e pela emersão da potencialidade subterrânea do micro-social. Neste contexto o intelectual se arma dos sentimentos partilhados buscando novos ideais, são os ideais comunitários que levam a contribuição das forças sociais invisíveis. O grande desafio epistemológico atual é a capacidade de compreensão do que nasce atualmente nas entranhas dos subterrâneos.

Uma revolução deve acontecer na educação brasileira para transformação da sociedade. Essa mudança da crise paradigmática atual deve partir do povo. Marx, in Manzini, (2003) defende o socialismo dentro e fora do espaço escolar. O conhecimento popular sendo respeitado na prática educativa formará o cidadão trabalhador líder da sua comunidade com dirigente social, sem divisão de classe, nem exploração, assim as mazelas herdadas do poder será vencida pela pedagogia emancipatória.

Para Giroux, (1999, p.122) “A luta pela cidadania democrática é uma estratégia, é uma tentativa de desafiar as práticas não-democráticas do neoliberalismo, construindo diferentes identidades”. A mesma é inspirada numa visão da política que assume uma comunidade de iguais que partilham direitos, responsabilidade social e uma solidariedade baseada em uma preocupação comum com uma comunidade política cujos objetivos políticos – liberdade e igualdade para todos- são buscados pelas instituições participante.

1.2 O senso comum: tendências e perspectivas

A escola brasileira em sua maioria não valoriza a relação dialógica nem a formação permanente dos educadores, nem tem respeitado a cultura do aluno.

A priorização da relação dialógica no ensino que permite o respeito à cultura do aluno, a valorização do conhecimento que o aluno traz, enfim, um trabalho a partir da visão de mundo do educando é sem dúvida um dos eixos fundamentais sobre os quais deve se apoiar a prática pedagógica de professores e professoras (FREIRE, 2000, p. 82).

O autor propõe uma proposta pedagógica trabalhada partindo do conhecimento do aluno, que o conhecimento seja significativo para a formação do educando. Repudia a educação bancária e defende uma pedagogia crítica - dialógica, uma pedagogia do questionamento, deseja uma escola pública que estimule a pergunta, a criticar, a criar, onde o conhecimento seja construído coletivamente, articulando-se o saber popular, o crítico, o científico através da mediação com as experiências do mundo.

O senso comum é o conhecimento adquirido pelo homem a partir das suas experiências e vivências e por isso é precioso e necessário para o desenvolvimento humano na modernidade e na pós-modernidade. Ele é tão importante porque todo conhecimento científico constitui-se através dele.

Segundo o autor:

A ciência moderna construiu-se contra o senso comum que considerou superficial, ilusório e falso. A ciência pós-moderna procura reabilitar o senso comum por reconhecer nesta forma de conhecimento algumas virtualidades para enriquecer a nossa relação com o mundo. (SANTOS BOAVENTURA, 1995, p.55-56)

Considerado um conhecimento mistificado, mistificador, conservador, ele possui uma dimensão libertadora ampliando o diálogo com o conhecimento científico. Sem o mesmo é impossível a relação com o mundo. E na escola sem essa relação não há aprendizagem significativa. Toda construção sem consideração ao senso comum, nega o diálogo, a participação do aluno, o trabalho coletivo, a consciência crítica, em suma a humanização dos sujeitos.

Para (Ausubel, Novak, Hanesian (1980), Os saberes podem ter origem no senso comum ou na educação não formal, na experiência educativa, na mídia, na internet, nos lugares afins. Neste sentido, são necessárias as estratégias de ação para suscitação dos saberes prévios que, às vezes repousam no intelecto dos aprendizes. A mente humana tem estrutura organizada de conhecimentos e se altera pela incorporação de novos conceitos, assim o professor cria as oportunidades fazendo a conexão dos conhecimentos identificados e criando novas aprendizagens.

Ausubel refere-se ao conhecimento prévio, como elemento essencial, como horizonte no processo da aprendizagem escolar. “Se eu tivesse que reduzir toda a psicologia educacional a um único princípio, diria isto: o fator singular que mais influencia a aprendizagem é aquilo que o aprendiz já conhece. Descubra isso e ensine-o de acordo” (AUSUBEL, NOVAK, HANESIAN, 1980, p. 137)

Em função desse processo o mesmo considera necessária a identificação e o estudo dos conceitos iniciais relevantes, os conceitos âncoras, subsunçores, articuladores, integradores que estão presentes na estrutura cognitiva dos estudantes para que eles funcionem como estruturas que integram os novos conteúdos veiculados pela escola. Neste sentido os conhecimentos prévios definem-se na estrutura cognitiva inclusiva já existente na relação com o novo conhecimento. Na estrutura cognitiva já existente com o novo conhecimento incorporado os mesmos são modificados e influenciam-se mutuamente durante a experiência de aprender significativamente.

O ponto de partida para a aprendizagem é o conhecimento prévio. A construção partindo desse conhecimento se dá na criticidade. Moreira, baseado no terceiro princípio da pedagogia freireana ensinar é uma especificidade humana, uma pedagogia que vai além da pedagogia do oprimido, da educação popular libertadora, que nela a construção dos conhecimentos parte da interação social dialógica (2011).

Nesta construção do conhecimento o autor vem sugerindo que discutir com os alunos a razão de ser desses saberes é um princípio importante para a aprendizagem. Os educandos chegam à escola munidos de saberes socialmente construídos nos ambientes vividos no meio comunitário, entre outros. Neste sentido:

As crianças antes de chegarem à escola têm seus conhecimentos de mundo que aprendem em ambientes vividos. A função educativa deve proporcionar aos alunos um ambiente estimulador, tendo também a obrigação de respeitar

e valorizar o conhecimento que a criança carrega consigo, pois a função educativa não está de modo algum confinada as paredes da escola (FREINET, 1966, p.296).

O autor defende os princípios pedagógicos como a autonomia, respeito às crianças e as suas necessidades imediatas, a liberdade, como também o conhecimento cotidiano em detrimento do conhecimento erudito sistematizado e elaborado. Coloca-se contra a pedagogia tradicional, é contra a sociedade burguesa que alienou os sujeitos do processo histórico e fez da educação um instrumento de reprodução dos interesses das classes dominantes. Sua pedagogia defende a liberdade, a igualdade de oportunidades, o socialismo.

Ao longo da vida cada pessoa vai construindo sua estrutura cognitiva em ambientes vividos. “Pode-se dizer que o indivíduo vai construindo uma estrutura de significados é, essencialmente, sua estrutura cognitiva” (MOREIRA, 2011.p.181).

Os alunos vão construindo sua estrutura cognitiva nas consideradas concepções alternativas. Essa proposta construtivista é defendida por Novak, Ausubel. Nela o aluno vai construindo no seu mundo vivido, suas teorias, modelos, conceitos, etc. As concepções são importantes para os aprendizes, pois eles vão construindo estrutura cognitiva e trazem para sala de aula ou em outros ambientes de aprendizagem, deve o professor organizá-las com significados corretos de acordo com a matéria de ensino.

Segundo o autor os diversos saberes dos educandos não podem ser esquecidos na sala de aula, ou fora dela.

O que tenho dito sem cessar, e redito, é que não podemos deixar de lado, desprezado com o algo imprestável, o que os educandos trazem consigo de compreensão do mundo, nas mais variadas dimensões de sua prática social. Sua fala, sua forma de contar, de calcular, seus saberes em torno do chamado outro mundo, sua religiosidade, seus saberes em torno da saúde, do corpo, da sexualidade, da vida, da morte, da força dos santos, dos conjuros (FREIRE, 1992, apud SOUZA, 2001.p.207).

A metodologia dialoga com o participante. Neste caso, o professor atenta para descobrir quais os saberes que eles trazem para sala de aula. Como esses conhecimentos oriundos da prática social envolvem todas as áreas do conhecimento, o professor deveria trabalhá-los envolvendo todas as disciplinas. Acredita-se que o ato pedagógico seria mais construtivo para a vida dos envolvidos, o currículo seria democrático e interessante.

A aprendizagem acontece com a reelaboração dos conhecimentos em situações propostas pelo professor ou pelo aluno. “Os conceitos que a criança possui ao chegar à escola são formados por interação com situações da vida cotidiana e pela concepção prévia que ela já tem das relações, em especial, da ciência-matemática” (PESSOA, 1985 in RODRIGUES, 1999, p.59).

Quando a aprendizagem é desenvolvida de forma verbal sem considerar o que as crianças pensam sobre o mesmo, essa estratégia torna-se prejudicial, inútil, sem significação, são descartáveis por elas. Elas precisam ser ajudadas pelo professor na organização das ideias e procedimentos, para a ampliação dos conceitos. Essas ideias são formadas fora da escola, em grupos e locais diferentes, por isso elas têm visões variadas e experiências formais e informais diferentes.

Neste contexto para Scocuglia, a educação parte do conhecimento do povo. O mesmo é sistematizado pela atividade prática dos trabalhadores. O autor concorda com o pensamento de Gramsci quanto à passagem do senso comum a Filosofia que transforma o mundo.

Ao lado da reorganização da produção, este, é, enfatize-se, um dos aspectos centrais a ser criticamente compreendido e trabalhado por uma sociedade revolucionária: o da valoração, e não idealização, da sabedoria popular que envolve a atividade criadora do povo e revela os níveis de seu conhecimento em torno da realidade (ROSSI, 1982 in SCOCUGLIA, 2006, p. 72).

Partir do conhecimento popular é necessário para construção da sociedade revolucionária. A pesquisa parte sempre do universo das pessoas, seus costumes, dos valores. A prática revolucionária é a porteira da consciência e facilita a compreensão da teoria escolar, é necessária para derrubada do poder de submissão, e da opressão da consciência. Seguindo o exemplo dos guineenses pode-se criar um homem novo, uma mulher nova livre de todo sistema colonial ainda presente na realidade da educação brasileira.

Nesta perspectiva, a formação de conceitos começa logo cedo na vida das crianças, neste contexto o professor deve estimular os educandos, trabalhar a problematização, o ambiente, as experiências vividas e pensar dialeticamente para sair da pedagogia tradicional.

Pensar certo coloca ao professor ou, mais amplamente, a escola, o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, chegam a ela - saberes socialmente construídos na prática comunitária, mas também discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino desses conteúdos (FREIRE, 1996. p.33).

O respeito aos saberes dos educandos é um princípio emergente para emancipação dos sujeitos. Aproveitar as experiências dos educandos, seus conhecimentos adquiridos no meio comunitário, problematizar sobre a realidade do seu mundo como: poluição, lixões, riscos para a saúde, entre outros, é um paradigma emancipador na construção do currículo. Necessita-se desenvolver uma intimidade entre os saberes curriculares e a experiência social dos alunos. Os educadores problematizadores num diálogo constante com os alunos constroem a aprendizagem significativa partindo da realidade dos mesmos, das suas leituras de mundo, entre outros.

O professor intelectual detentor do saber científico em sua maioria menospreza o saber popular, o saber do senso comum é visto como um não saber. Segundo Faundez in Freire; (...) “O saber popular é uma riqueza sociológica fundamentada para qualquer ato político, para qualquer ato de transformação da sociedade” (1998, p. 57).

O respeito aos saberes das massas e a apropriação deles é preciso. O intelectual se apropriando dos sentimentos, do sentir pode em conjunto propor o saber científico na relação com as massas. O conhecimento popular se transforma num saber de ação e de transformação quando também se apropria do saber científico.

Na sala de aula o saber que vem como bagagem em cada aluno deve entrar como currículo da escola. Neste sentido, Fávero, contribui; “Conhecer significadamente implica em estabelecer conexões e eixos entre os novos conhecimentos que se pretende sejam aprendidos e aquilo que o educando traz como bagagem” (FÁVERO, 2002 p. 134).

A escola não deve se prender só ao conhecimento da realidade do aluno e de sua comunidade escolar, é fundamental que ela no momento de construção do seu currículo tome a comunidade escolar e a sociedade como objeto de investigação. Neste contexto, os representantes da comunidade têm acesso a se fazer presente na escola, discutindo, planejando, e decidindo em conjunto com os professores, pais e funcionários a qualidade da escola.

Concordando com Macedo, (2011), O aluno chega à sala de aula sem deixar suas referências individuais e socioculturais oriundas dos seus nascedouros ou dos corredores da escola, ele chega com suas bagagens de valores e crenças pelo que o professor deve desenvolver o diálogo autêntico criando os meios que facilitam didaticamente a implementação do aprendizado através da sua aproximação com as cosmovisões dos alunos, não as aceitando passivamente, mas na perspectiva de trabalhar no mundo da diversidade.

Neste sentido o sentimento do aluno deve ser socializado. “O conhecimento cotidiano é mais previsível do que o conhecimento científico, ou simplesmente, é mais eficaz, uma vez que leva aos mesmos resultados com menor custo cognitivo” (PEREZ & POZO, 1994 in POZO, 2009, p.127). O conhecimento cotidiano apresenta teorias culturais fortes e significativas, socialmente compartilhadas, por isso não é um conhecimento errôneo, nem pode ser abandonado ou substituído, pois é um produto de mecanismos da aprendizagem implícitos, robustos e econômico do ponto de vista significativo.

A comunhão entre o senso comum e a rigorosidade é o caminho necessário para a apropriação da teoria. “A única verdade afinal está no sentido comum, na base popular, a única verdade está nas massas populares. Então é com elas que devemos ficar” (FREIRE, 1998, p.59).

A assunção da ingenuidade leva à assunção da criticidade que está presente nas raízes das massas populares. Dialogando Faundez com Freire ambos concordam que não podem separar os saberes populares e científicos, entre o senso comum, ou filosofia dos não – filósofos, entre o sentir, o compreender, entre o doxa e a episteme. A união entre eles prática e teoria, transformarão a realidade, a união do saber do senso comum com o científico, da prática com a teoria e vice-versa poderá compreender a globalidade ainda que adotar o empirismo torna-se um desafio para os professores latino-americanos.

As atividades pedagógicas devem aproximar a mente do aluno ao discurso científico. Partindo do conceito Vygotskiano de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), assume-se que o trabalho da educação científica é conseguir que os alunos construam, nas aulas, atitudes, procedimentos e conceitos com ajuda do professor que facilitará a aproximação do conhecimento cotidiano ao conhecimento científico (POZO, 2009).

O autor sugere o uso de organizadores prévios, uma estratégia proposta por Ausubel para, deliberadamente, manipular a estrutura cognitiva, a fim de facilitar a aprendizagem significativa. Eles são recomendados pelo autor como âncora para a nova aprendizagem, eles são saberes introdutórios chegam com os aprendizes antes do material a ser aprendido. Esses organizadores servem de ponte entre o que o aprendiz já sabe e o que o mesmo deve aprender, esse aprendizado é significativo (MOREIRA, 2011).

Os conhecimentos prévios são fundamentais para a aprendizagem significativa. Dependendo dos princípios da mesma, às vezes torna-se necessário uma desaprendizagem, ou seja, aprender a desaprender os conceitos irrelevantes é uma condição prévia para

aprendizagem. Neste caso os conceitos e as estratégias irrelevantes não servem para a sobrevivência no mundo em transformação. “Para aprender de maneira significativa, é fundamental que se perceba a relação entre o conhecimento prévio e o novo conhecimento” (MOREIRA, 2011.p.236).

Tratando-se do contexto educativo na sala de aula acontece a relação entre os conhecimentos prévios trazidos pelos alunos com o conhecimento novo que interage com o prévio, de certa forma se ancorando no mesmo. Para Ausubel é na interação que os aprendizes ganham os significados psicológicos. Neste contexto a assimilação é um mecanismo humano por excelência, é por ela que as várias informações constituem os conhecimentos. Caso o conhecimento prévio impeça a captação dos significados do novo conhecimento, uma desaprendizagem deve acontecer. Na aprendizagem esse conhecimento não pode ser apagado, apenas nesse caso não é usado como subsunçor.

Uma visão coletiva é precisa na escola para a superação da opressão, da exploração. Mas para liberdade e felicidade dos envolvidos. A democracia partindo do cotidiano dos alunos contribui para a realização individual e coletiva dos envolvidos. (...) Afirmam-se como imprescindíveis outros tipos de lutas mais próximo ao cotidiano e as subjetividades, possibilitando o prenúncio de uma outra sensibilidade política e cultural (SOUZA, 1999, p.227).

Sem uma ação democratizada, torna-se inviável a luta pelo respeito dos conhecimentos de mundo dos educandos. Nessa ação coletiva valoriza-se a vida humana, é uma nova cultura democrática que busca a felicidade, a realização pessoal e coletiva, a mesma ultrapassa o tradicionalismo. As lutas partem do cotidiano e das subjetividades dando origem a uma nova sensibilidade política e cultural. Assim, permite-se a inter-relação entre a prática social com a construção de novas relações sociais.

A função do ensino em qualquer conteúdo deve considerar os princípios da aprendizagem e da motivação, o potencial dos alunos devem ser estimulados pelo professor, relacionado com o contexto da vida. Na aprendizagem as crianças têm oportunidades de fazer investigações e análises entre as inter-relações. Neste contexto o seu modo de pensar e de agir faz parte da construção do conhecimento científico. Os conteúdos e metodologias relacionam-se com o dia- a- dia dos estudantes sendo eles a utilidade prática como também importante para formação integral do cidadão (MATHIAS, 1991 in RODRIGUES, 1999).

O autor conceitua o senso comum e da sua importância na vida das pessoas e grupos sociais e como ele pode contribuir para aprendizagem com significado.

As teorias científicas sobre as realidades naturais e sociais interagem com a cosmovisão (senso comum, saber popular, saber da prática) dos diferentes grupos sociais, possibilitando a construção de outra compreensão dessas mesmas realidades, a construção de um novo real histórico-social, um saber diferente (MOSCOVIC,1978 in SOUZA, 1999, p.23).

É um tipo de saber resultante do confronto do conhecimento científico dos profissionais com os valores, regras, saberes do povo, é nas relações onde se organizam a elaboração dos comportamentos e do diálogo entre os participantes. As representações sociais são os saberes que situam o indivíduo no mundo, partindo deste contexto é definida a identidade dos envolvidos, o modo de serem, como também produz e determina os comportamentos coletivos e pessoais.

Neste sentido a educação dialógica ou libertadora desenvolve a ação cultural contrária a educação antidialógica que transmite conhecimentos sem consideração ao conhecimento velho já existente, ela como ação cultural busca constantemente novos conhecimentos de forma crítica e participativa partindo do velho, para o novo e demais conhecimentos que irão surgir.

Freire ainda reforça esse pensamento:

(...) de um lado, de desenvolver e de conhecer ou de refazer o conhecimento existente; de outro, de desvelar e de conhecer o ainda não conhecido. Se assim não fosse, isto é, se a consciência que pode conhecer o conhecimento existente não fosse capaz de buscar novos conhecimentos, não haveria como explicar o próprio conhecimento hoje existente, uma vez que, como processo, o conhecimento que hoje existe foi viabilidade e logo depois conhecimento novo, com relação ao conhecimento existente ontem e assim sucessivamente (2002, p.117).

A educação dialógica supera a prática da ação cultural dominante que o educador sabe e o educando não sabe, ela na ação cultural o aluno sabe, educador educando são considerados corpos existentes na busca de novos conhecimentos, reconhecendo os conhecimentos existentes. Nela há indagação, há pesquisa da consciência para que seja reflexiva que por ela é possível reconhecer ou de refazer o conhecimento existente. A aprendizagem para libertação jamais pode considerar a consciência humana como um recipiente vazio, mas é na proposição aos homens, a arqueologia da consciência que emergem para humanização.

Os alunos trazem para sala de aula seus conhecimentos oriundos do seu contexto de vida, nesse espaço escolar constroem suas identidades.

Para Freire,

O conhecimento não é apenas o que é ensinado pelo professor, mas os significados produtivos dos alunos que trazem para sala de aula. Eles constroem suas identidades pessoais e sociais, tem sua leitura de mundo e da palavra, e constroem subjetividades como autores ativos dos seus mundos nas relações de interação com o professor (1990. p.17).

Os alunos logo cedo têm seus conhecimentos do mundo, tal conhecimento precede a palavra. Antes dos alunos chegarem à escola já possuem a leitura do seu mundo. Antes do desenvolvimento da linguagem falada a criança já possui a leitura do seu universo.

A leitura do mundo é construída antes da escola, antes do desenvolvimento da linguagem. “A leitura do mundo precede mesmo a leitura da palavra” (FREIRE, 1994, p.32). A consciência do mundo vai se construindo na relação com o mundo. O eu é construído na relação com você. O mundo não é para ser escrito, mais para ser falado e compreendido. Neste sentido a aprendizagem é coletiva, acontece na relação com o outro. No caso da escola o aluno chega com os conhecimentos de seu mundo, cabe ao professor na prática problematizadora se apropriar do senso comum fazendo a relação com o conhecimento científico.

Neste sentido são contemplados todos os homens e mulheres independentes de idades no processo de ressocialização.

Crianças, adolescentes, jovens e adultos, homens e mulheres, aprendemos com os conflitos sócio-cognitivos gerados entre os saberes que cada um já possui e as informações que podem ser recebidas nos diferentes ambientes sociais e educativos, inclusive na escola e na sala de aula (SOUZA, 2001.p. 89).

Os saberes são construídos nos conflitos no processo de ressocialização (reconhecimento e reinvenção), nas novas formas de convivências incluindo das crianças a adultos. Os saberes construídos são múltiplos, intrincados, fascinantes e surpreendentes, construídos nos processos socioculturais desenvolvidos mundialmente, atravessando fronteiras, territórios, mesclando culturas e civilizações. Esses processos devem ser vividos na escola pública que deveria ser um centro cultural onde preparasse seres humanos para o mundo diferente.

Para Piaget o diálogo com a cultura acumulada deve ser desenvolvido na sala de aula. Para o autor uma pedagogia articulada com os interesses populares é necessária para a escola funcionar bem, com métodos eficazes, métodos que vão além dos métodos tradicionais e novos, visando à estimulação as atividades e as iniciativas dos alunos e do professor, favorecendo o diálogo entre alunos e entre professor com aluno, valorizando o diálogo com a cultura acumulada, levando em conta os interesses, ritmos de aprendizagem, o desenvolvimento psicológico, considerando a sistematização dos conhecimentos, ordenação, gradação no processo de transmissão-assimilação dos conteúdos cognitivos (in SAVIANI, 1988).

Nesta perspectiva da aprendizagem está vinculada a sua funcionalidade, Coll acrescenta:

(...) Quanto mais complexas e numerosas forem as conexões estabelecidas entre o novo material de aprendizagem e os elementos já presentes na estrutura cognitiva, quanto mais profunda for a sua assimilação, em suma, quanto maior for o grau de significância da aprendizagem realizada, tanto maior será também a sua funcionalidade (2002, p.128).

Os conhecimentos aprendidos: os fatos, os conceitos, as normas, as atitudes, os valores, habilidades, etc. já presentes na cognição estrutural do aluno, sendo esses elementos funcionais, ou seja, que eles possam ser usados nos momentos de conexões, deve ser um assunto de preocupação contínua da educação escolar. Quanto mais o professor ajudar a aumentar a significância da aprendizagem, maior será sua funcionalidade, também possibilitará a abertura de oportunidades de se relacionar com amplas e novas situações e de novos conceitos.

Coll ainda afirma que: “Aprender a aprender, sem dúvida o objetivo mais ambicioso, mas irrenunciável, da educação escolar, equivale a ser capaz de realizar aprendizagens significativas por si só numa ampla gama de situações e de circunstâncias” (COLL, 2002, p.129).

O objetivo de aprender a aprender deve partir da riqueza da estrutura cognitiva do aluno, quanto mais na prática pedagógica esses saberes da cognição forem descobertos, explorados, maior será a funcionalidade das estratégias, como também surgirão novas oportunidades de aprendizagem. Quanto mais a aprendizagem escolar estiver integrada nas estratégias cognitivas do aluno sua significância e sua funcionalidade será maior.

O construtivismo engaja os aprendizes na construção dos conhecimentos, encoraja o uso da matemática e de solucionar problemas. “Um dos princípios matemáticos propostos por Papert

(1986), que ilumina e facilita a aprendizagem, reforça a importância de relacionar a atividade a ser aprendida com algo que já se sabe, que é familiar” (MOREAES, 1997, p.141)

O autor aconselha como construtivista. Chamou a área de estudo de matemática, nela está contido os princípios norteadores da aprendizagem. A arte de aprender é sua preocupação. Outro princípio importante é tomar a coisa nova e torná-la sua, também defendida por estudos Piagetianos enfocando sobre as aprendizagens espontâneas das crianças onde as mesmas absorvem o novo com base no velho e constroem conhecimentos brincando com eles. É o que chama de assimilação e de acomodação. No construtivismo o autor aconselha a fazer conexões entre as entidades mentais já existentes com as novas, ainda propõe uma aprendizagem com sintonia com a vida dos indivíduos, com sua realidade, com sua própria cultura.

Pensando no futuro da humanidade, os educadores críticos lutam para que não haja mais uma ideologia desumanizadora. A humanidade está passando da primazia do passado para a primazia das expectativas de vastas mudanças futuras (LASSWELL in TOFFLER, 1977).

Concordamos com a ideia abaixo:

A integração do conhecimento disciplinar e o conhecimento cotidiano é importante para o desenvolvimento conceitual das crianças. O conhecimento cotidiano é uma pré-condição importante para a aprendizagem do conhecimento disciplinar por parte da criança, mas o desenvolvimento do conhecimento cotidiano não deixa de ser importante (HEDEGAARDE, 1998 in DANIELS, 2003, p.152).

O Conhecimento disciplinar é construído na integração com as atividades cotidianas das crianças. Tanto os conceitos científicos como os cotidianos são partes necessárias para o desenvolvimento, é na conexão entre eles que o desenvolvimento acontece.

A cultura dos aprendizes deve ser o ponto de partida para qualquer ato pedagógico na sala de aula ou fora dela. É uma cultura popular que pode ser revolucionária e transformadora do mundo, jamais poderá ser equacionada, nem negada.

Para Gramsci:

O senso comum não sugeria simplesmente uma consciência mistificada; referia-se, em vez disso, ao terreno onde os homens adquiriam consciência de si mesmos. (...) a cultura da classe trabalhadora não deve ser equacionada com passividade e unidimensionalidade; ela deve ser vista como um modo de prática incapaz de romper com o mundo dado e transformá-lo (in GIROUX, 1997, p.239)

O professor é sempre um aluno e vice-versa, sendo crítico não equaciona a cultura das classes populares, deve usá-la para dar significado a aprendizagem. Neste contexto os estudantes participam da construção dos conhecimentos partindo do que já sabem e com a mediação do professor vão além do seu senso comum compreendendo, criticando, questionando e melhorando seu mundo com base nos seus referenciais. Também um princípio educacional relevante é o melhoramento nas relações professor x alunos negando coletivamente o elitismo e abandonam o apego pela pedagogia disciplinada.

A escola cidadã elevará o (IDH) do País, pois, enquanto a educação permanecer na prática retrospectiva seguindo o modelo universal repassando conteúdos e o aluno absorvendo essa educação não pode contribuir para o desenvolvimento humano. “Nas condições dinâmicas da modernidade, tornou-se óbvia a necessidade de educação prospectiva, em vez de retrospectiva” (KOZULIN, 1998, p.151 in DANIELS, 2003, p.164).

Neste contexto o aluno é orientado para praticar e produzir conhecimento, tendo capacidade de abordar os problemas da sua aprendizagem, aqueles que ainda para ele é desconhecido. O conhecimento é um processo autoral, onde o aluno é o autor da aprendizagem. Na prática pedagógica participativa os alunos democraticamente com o professor produzem aprendizagem como sujeitos dos seus conhecimentos.

Segundo o autor faz-se necessário à aproximação dos conhecimentos empíricos e teóricos.

Daydov (1988-1990-1995)

Insistiu que a tradição do ensino do conhecimento empírico deveria ser mudada para um foco no ensino do conhecimento teórico, e desenvolveu um programa de ensino desenvolvimental que perseguia esse objetivo. A conexão entre os conhecimentos espontâneos, que surgem pela aprendizagem empírica, e os conceitos científicos, que se desenvolvem pelo ensino teórico, é vista como a principal dimensão da ZDP. O processo de subir do substrato para o concreto (In DANIELS, 2003. p.128).

Em suas obras insiste que uma conexão entre os conhecimentos empíricos com os teóricos é importante na construção da aprendizagem. Os conhecimentos espontâneos são oriundos da aprendizagem empírica, e os científicos são desenvolvidos nas teorias. Essa prática é considerada a principal dimensão da ZDP. A aprendizagem começa na base para o concreto considera-se o cerne dos seus trabalhos também expandido por Hedegaard.

Vygotsky pensando na cidadania dos homens e das mulheres do futuro a escola como formadora de opiniões deve os conhecimentos vividos dos alunos. “A prática pedagógica deve levar em consideração o conhecimento cotidiano dos educandos” (in MOLL, 1996, p.11).

Vygotsky enfatizou que os conhecimentos do dia -a- dia dos alunos e os conhecimentos científicos são interconectados e interdependentes. Existe influência mútua entre ambos. O conhecimento cotidiano, ou vivido é mediado e transformado no conhecimento científico, eles tornam-se “portão” para conscientização e controle. O conhecimento científico cresce dentro do cotidiano e as experiências com significado e sentido. Caso não sejam respeitados, o professor continuará excluindo o educando da construção do conhecimento partindo da realidade e das experiências vividas

Os alunos têm o direito de saber melhor o que já sabem. Os alunos não chegam de mãos vazias. (...) trazem consigo seu conhecimento em nível de senso comum e tem direito de ir além desse nível de conhecimento (FREIRE, 2003, p. 158). Os alunos possuem conhecimentos que obtiveram na vivência, trazem esperanças, expectativas, desespero e conhecimentos dentro deles, nos corpos, na vida. A prática necessita, descobrir as razões de ser dos fatos, ir além dos níveis do senso comum, aproveitar a leitura da realidade do mundo, lê-lo profundamente a realidade de forma crítica e dialética, entendendo o mundo criando novas práticas, sendo exemplo de bom professor.

1.3 Educação popular: história e contextos

A educação popular é o paradigma educacional essencial para educação brasileira e dos demais países que queiram construir em plenitude a verdadeira cidadania.

Nesta perspectiva a educação popular, como prática pedagógica e educacional é encontrada em todos os continentes, é conhecida mundialmente, suas concepções e práticas pedagógicas são muitos diferentes da educação tradicional. A mesma tem passado por diversos momentos epistemológicos – educacionais, sua busca constante tem sido pela conscientização nos anos 50, 60 e até os dias atuais. Nos anos 70 e 80 a luta tem acontecido pela escola pública popular comunitária. (...) “A educação popular nasceu na América Latina, no calor das lutas populares, dentro e fora do Estado” (GADOTTI, 2000, p. 267).

Por onde Paulo Freire passou deixou marcas da educação popular emancipatória, numerosos grupos e organizações se unindo na conscientização e nas organizações populares realizaram o Fórum Paulo Freire na perspectiva de discutir seu legado no mês de abril em São Paulo no ano de 1998. Contou-se com 24 países e com mais de 200 expositores. Assim no calor, nas lutas do povo nasce a educação popular na América Latina. Ela como prática e como teoria é encontrada em todos os continentes, graças às lutas populares por conscientização, por uma escola pública popular pela escola cidadã, em anos anteriores. No Brasil o pensamento, prática, métodos, etc. devem nascer na prática pedagógica dos professores como também nos educandos (GADOTTI, 2000).

O paradigma importante para educação na atualidade é a vivência da educação popular. Ela possibilita que o senso comum seja transformado em sabedoria. “Educação popular é formação. É, portanto, bem mais do que informação. É o aprofundamento ou imbecialização do sentir, pensar, agir” (SCOCUGLIA, 1999, p. 114)

A educação necessária para sanar os entraves causados pela educação antidialógica é a educação popular. Ela é a educação capaz de emancipar os sujeitos que atuaram na sociedade moderna e pós-moderna.

O (MCP) coordenado por Freire a partir de 1960 foi muito importante para alfabetização dos trabalhadores e das trabalhadoras. Sua pesquisa sobre a educação de jovens e adultos foi realizada em Poço da Panela em Recife. A experimentação de um método de alfabetização baseado nas experiências na perspectiva da garantia da apropriação dos conhecimentos da leitura e da escrita. Esse método de educação de adultos foi coordenado por ele em 1963 (SOUZA, 2001).

Na segunda Conferência Internacional realizada em Montreal no ano de 1963 surgem os enfoques sobre a educação popular de adultos com a continuação da escola formal e da educação comunitária ou de base. A terceira Conferência Internacional em 1972 realizada em Tóquio em que a educação de adulto volta como suplência da escola formal, pois o objetivo da educação de adultos era a reintrodução dos analfabetos jovens e adultos na educação formal (GADOTTI, 2000).

Esse esforço foi barrado em 1964 pelos golpistas nacionais e internacionais. A repressão, a tortura extinguiu e proibiu qualquer mobilização das camadas populares. Após anos com o apoio dos progressistas da igreja católica chamados grupos da igreja viva continua a

educação formal, a escola como reprodutivista totalmente controlada pelo Estado: professor, currículo, estrutura, alunos. Em 1979 após a Amnistia a Educação Popular passou a ser considerada significativamente um trabalho político-educativo junto aos movimentos sociais, conquistando um trabalho em várias modalidades para jovens e adultos nos municípios conquistados pelos partidos de esquerda (BORDIEU, in SCOCUGLIA, 1999, p. 104-105).

Corroborando com Scocuglia, a educação popular é a que trata gente como gente, capaz de transformar a sociedade partindo da sua comunidade, da escola, etc.

A educação popular é um modo de atuar e tem uma perspectiva: a apuração, organização, aprofundamento do senti, pensar, agir dos excluídos do modo de produção capitalista, dos que estão vivendo ou viverão do trabalho, bem como dos seus parceiros e aliados em todas as práticas e instâncias da sociedade (1999, p. 115).

Essa apuração, aprofundamento e a organização do saber popular já é a construção da sociedade em que as pessoas são tratadas como seres humanos e úteis para produção de bens, serviços e cultura, não mais tratados como mercadorias para quem as pode comprar. Acredita-se que todos os cidadãos, educadores, especialistas, profissionais que têm a função de formadores, pensam na transformação e não mais na prática neoliberalista excludente. A educação popular para Scocuglia está voltada para as necessidades, para os interesses e os desejos da população.

Todas as formas de educação, e qualquer país que queira reduzir suas disparidades, deve entrar no rol da educação popular. Ela não se restringe só a escola instituição, mas em diversos ambientes de aprendizagem. A escola não pode ser contraditória a educação do povo. Ela deve combater a exclusão social, o elitismo, as ideologias seculares dominantes e emancipar os homens, as mulheres, trabalhadores ou não, religiosos ou não, sindicalistas ou não do campo ou da cidade. A educação popular é um espaço político pedagógico, em construção permanente de resistência de paciência e de esperança construtora como dizia (FREIRE, 1987).

A educação popular é a base para superação da educação antidialógica, elitista e reprodutora das desigualdades. Neste contexto o Brasil deve investir e fortalecer a educação popular dentro e fora das escolas.

Nas últimas décadas, assistiu-se a crescente crise no campo da educação, colocando em risco, também, o desenvolvimento econômico dos países periféricos ou, como se diz hoje, globalizados (não globalizadores). Diante dessa crise dos sistemas de ensino, diante do debate de novos parâmetros

curriculares, a educação popular coloca a disposição dos educadores um arsenal de experiências e reflexões sobre ela (GADOTTI, 2000, p.290).

Diante dos avanços do mundo e principalmente nos países periféricos que não conseguiram acompanhar a evolução, chega-se ao momento da preocupação para mudança dos rumos da educação. Apesar das suas limitações, pela deteriorização dos sistemas de ensino, por falta de vontade política dos governos, que se aproximam das classes populares com interesses assistenciais.

A escola deve reinventar a partir dos processos transculturais vividos. A pedagogia para uma nova sociedade é necessária atualmente. Para Scocuglia a educação popular é a base para conscientização.

Conhecer e explorar as inúmeras modalidades de educação do povo, as incontáveis experiências através das quais, fora das escolas, fora do sistema oficial de ensino, o povo da roça, e da cidade reproduz seus conhecimentos, valores de classe e comunidade (2006, p.93).

A Educação Nacional deve partir do projeto de educação popular. Essa educação visa à reinvenção na perspectiva da conscientização e a aquisição de novos conhecimentos. Ela é muito importante devido seus objetivos democráticos e solidários. O povo brasileiro tem poder acima da sociedade, pode criar, pensar e controlar sua educação dentro e fora da escola.

A epistemologia da educação popular tem por base o senso comum trazido para os ambientes de aprendizagem.

Um dos princípios originários da Educação popular tem sido a criação de uma nova epistemologia, baseada no profundo respeito pelo senso comum que trazem aos setores populares em sua prática cotidiana, problematizando-o, tratando de descobrir a teoria presente na prática popular teoria ainda não conhecida pelo povo, problematizando-a, incorporando-lhe um raciocínio mais rigoroso, científico e unitário (GADOTTI, 2000, p.268-269).

Uma educação considerada de classe, entendida como não formal, reprodutora dos saberes das classes populares, a educação popular se baseia na formação, fortalecendo a instrumentalização das práticas e dos movimentos populares, objetivando o apoio da passagem do saber popular ao saber orgânico, a educação do sistema oficial contém os programas de capacitação de pessoas e de grupos populares, visando produzir a passagem dos saberes tradicionais para os modernos reproduzindo os valores dos pólos da dominação.

Nas concepções Freireanas o Brasil no século XXI precisa sair das crises e dos labirintos que envolvem educadores, pedagogos e educandos, para ele o ser humano-social é o centro das

ações políticas, culturais, sociais e econômicas. Faz-se necessário se recolocar as problemáticas existenciais, corriqueiras e cotidianas no centro das ações políticas. O conhecimento deve ser problematizado, o saber popular deve ser valorizado, o coletivismo, a solidariedade, a pedagogia dialógica, a criticidade, a ética, o repúdio a todo tipo de ditadura, são os elementos sustentáveis as propostas político-pedagógica (SCOCUGLIA, 2006).

A Educação de jovens e adultos deve desenvolver-se na perspectiva da educação permanente, contribuindo de forma significativa, o desenvolvimento centrado no ser humano, possibilitar a criação de uma sociedade participativa, promovendo o exercício pleno da cidadania, buscando o fortalecimento do respeito integral aos direitos humanos, desenvolvendo o processo de desenvolvimento ecológico justo e sustentável, promovendo a igualdade entre os sexos, promover o desenvolvimento da cultura de paz baseada na justiça, aperfeiçoamento dos homens e das mulheres em suas qualificações técnicas e profissionais, construindo uma sociedade tolerante e instruída, entre outros (SCOCUGLIA, 1999).

Para Freire, (2002, p.58)

Para ser um ato de conhecimento o processo de alfabetização de adultos demanda entre educadores e educandos, uma relação de autêntico diálogo. Aquela em que os sujeitos do ato de conhecer (educador-educando; educando – educador) se encontram mediatizados pelo objeto a ser conhecido.

Essa educação na perspectiva de libertar os oprimidos que não tiveram oportunidade de estudar na idade adequada, tornaram os trabalhadores analfabetos. Sabendo dos conhecimentos de mundo que eles possuem a educação para essa classe deve ser em prol de erradicar o analfabetismo partindo da mediatização entre educandos – educador e vice-versa, numa relação dialógica os educandos vão assumindo sua ação como sujeitos criadores, reflexivos e conscientes, dando significados a sua aprendizagem. Neste contexto não há espaço para prática da memorização, mas uma reflexão crítica sobre a prática, a unidade entre: prática e teoria, ação e reflexão, subjetividade e objetividade.

Necessita-se da escola pública popular na realidade brasileira do local ao global. Nela não há espaço para obediência, submissão, nem burocracia. “O problema da escola pública entre nós é, em grande parte, o problema de tornar popular o público e de elevar o popular ao nacional” (GADOTTI, 2000, p. 277).

As escolas estão inseridas num contexto histórico de luta e de contradições, tanto o popular, o local, o nacional, o internacional estão ligados. Há dificuldades da escola pública ser

totalmente popular devido a falta de autonomia e da democracia. Os movimentos populares vêm reivindicando autonomia do Estado são movimentos participativos que interferem na escola latina - americana há vários anos.

CAPÍTULO II - A APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA E A VALORIZAÇÃO DO SENSO COMUM

2.1- Teorias da aprendizagem: Cognitivismo - Construtivismo

As teorias de aprendizagem são fundamentais para sistematização de uma área de conhecimento, elas permitem ver as coisas, explicar, observar, resolver problemas. “Uma teoria de aprendizagem é, então, uma construção humana para interpretar sistematicamente a área de conhecimento que chamamos aprendizagem” (MOREIRA, 2011, p 12).

A mesma representa o ponto de vista do autor/pesquisador de como interpretar o tema da aprendizagem, quais são as suas variáveis e tenta explicar o que é aprendizagem por que funciona e como funciona. Para Piaget a teoria de aprendizagem, é considerada por teoria do desenvolvimento cognitivo. Vários autores defendem suas teorias que têm seus significados não partilhados. No geral as definições das teorias de aprendizagem se referem à aprendizagem cognitiva que é resultante de armazenamento organizado de informações, de conhecimentos, ou seja, conhecimentos que formam a estrutura cognitiva. Moreira cita as teorias de aprendizagens, as filosofias subjacentes: “A Comportamentalista (behaviorismo), a humanista e a cognitivista (construtivismo)” (MOREIRA, 2011, p.13).

A comportamentista – behaviorista nela o comportamento é controlado pelas consequências, não considera as atividades mentais entre os estímulos e as respostas. Surgiu principalmente nos Estados Unidos no início do século, domina a psicologia europeia, fundamentou um enfoque tecnológico, a instrução e nas décadas de 1960 e de 1970 dominava a didática das matérias de ensino. Ao docente cabia apresentar estímulos, o que importava era a quantidade e o momento certo para o controle dos comportamentos dos alunos. Controlavam o que os alunos deveriam aprender, e avaliavam as condutas definidas nos objetivos comportamentais se estavam presentes no final das instruções.

Por outro lado, “Segundo a abordagem da aprendizagem cognitiva, os alunos se envolvem numa aprendizagem significativa e solucionam problemas enquanto trabalham com problemas autênticos” (DANIELS, 2003, p.151). Entre o cotidiano e o conhecimento científico de Vygotsky leva-se a conclusão que para se formar os conteúdos de um currículo deve-se ter

muito cuidado como selecionar os problemas autênticos e os cenários diferentes. Para Davydov e Kozulin os problemas devem levar a aprendizagem teórica.

Os três pontos de âncora ou de referência – chave proposto por Hadegaard são: as situações da vida cotidiana características da comunidade; as áreas disciplinares de problemas relevantes para a sociedade dominando as diferentes ciências que desenvolvam conceitos e procedimentos centrais de ciências e as matérias escolares e seu desenvolvimento. Neste contexto Tharp e Gallimore, (1988) propõem que os professores devem entrelaçar a compreensão cotidiana e a escolarizada (1998 in DANIELS, 2003).

Ausubel é um dos representantes do cognitivismo. A aprendizagem cognitiva resulta das informações organizadas na estrutura cognitiva dos alunos. A afetiva resulta dos sinais internos, como dor, satisfação, prazer, alegria. As experiências afetivas acompanham as experiências cognitivas. A aprendizagem psicomotora depende do treino e da prática para os músculos responderem, como também essa aprendizagem tem importância para aquisição das habilidades psicomotoras. Segundo o autor, aprendizagem significa a organização e a integração do material na estrutura cognitiva (1980).

A teoria construtivista neste objeto se destaca como uma teoria cognitiva relevante porque é por meio dela que o conhecimento é construído pelos sujeitos.

O construtivismo é a ideia que nada a rigor está pronto, acabado, que especificamente o conhecimento não é dado como algo terminado, ele é constituído na interação do indivíduo com o meio social e físico, com o simbolismo humano, com o mundo das relações sociais, com a força da sua ação e não por dotação prévia na bagagem genética hereditária, pois, antes da ação não há pensamento (BECKER, 1984).

Para Piaget:

O construtivismo não é uma prática ou um método; não é uma técnica de ensino, nem uma forma de aprendizagem, não é um projeto escolar; é, sim, uma teoria que permite (re) interpretar todas as coisas, jogando-se para dentro do movimento da história- da humanidade e do universo (in BECKER, 1984).

Na educação o construtivismo pode reunir várias tendências atuais em prol da construção dos conhecimentos, tais tendências têm em comum a insatisfação com o sistema educacional que em sua maioria há transmissão de conhecimento no que já se encontra pronto,

ao invés de fazer agir, criar, construir partindo da realidade vivida por alunos, professores e sociedade

A humanista vê o ser que aprende como pessoa. Dar importância a autorrealização humana, a seu crescimento como pessoa. Vê o aprendiz como um todo, considera as ações, sentimentos, pensamentos, seus domínios afetivos. Os sentimentos e as ações se integram, a aprendizagem é penetrante, não visa só aumento de conhecimento ela influi nas escolhas e nas atitudes das pessoas. Deu origem ao ensino centrado no aluno e as escolas abertas conhecidas na década de 70, principalmente nos Estados Unidos. Nela os alunos tinham direito de escolher sobre o que queriam estudar. “Tratava-se, pois, de construir uma sociedade democrática, de consolidar a democracia burguesa” (SAVIANI, 1988, p.17).

Essa teoria inspirada no princípio que a educação é direito de todos e um dever do Estado, na Constituição dos Sistemas Nacionais de Ensino no início do século passado, vem na perspectiva da superação da opressão do antigo regime para uma sociedade fundada no contrato social, para liberdade e o vencimento da ignorância, transformando assim os súditos em cidadãos, homens livres, ou seja, esclarecidos, ilustrados. Essa tarefa foi designada para o ensino. A escola é considerada para essa finalidade como um antídoto a ignorância. Alguns teóricos merecem destaques com as suas valiosas contribuições para aprendizagem significativa:

2.2-Teoria de Gagné e Bruner

Para Gagné a aprendizagem ocorre dentro, é algo interno, que ocorre quando o aluno interage com o ambiente externo.

A aprendizagem é algo que se realiza dentro da cabeça do indivíduo e é destacada a importância das teorias de aprendizagem. (...) A aprendizagem é um processo formalmente comparável a outros processos humanos orgânicos e, como tal, o conhecimento sobre a aprendizagem pode ser acumulado por meios dos métodos científicos (MOREIRA, 2011, p.67).

A aprendizagem é ativada por variados estímulos dos ambientes vividos. Dos conhecimentos científicos decorrem os princípios da aprendizagem e quando se inter-relacionam de forma racional dão origem às teorias da aprendizagem. A sua teoria é conhecida como “teoria do processamento da informação”. Para se explicar como ocorrem os fenômenos da aprendizagem é preciso às formas diferentes de transformações de insumos em exsumos. Os

insumos são estímulos para o processo de aprendizagem e os exsumos são modificações do comportamento.

A aprendizagem ocorre quando o comportamento foi modificado, o desempenho dos aprendizes é essencial para Gagné. (...) “O que foi aprendido, e de alguma forma, alterado pelo processo de codificação, então, na fase seguinte, armazenado na memória: é a fase da retenção” (MOREIRA, 2011 p. 69).

Quando o estudante passa pela motivação, da apreensão para a fase da aquisição chega-se a codificação, assim no ato da aprendizagem deve-se incluir o que foi aprendido e lembrado, é o momento da rememorização ou a recuperação do armazenamento da memória. A generalização acontece quando os aprendizes conseguem usar os conhecimentos em outros contextos diferentes do meio da sua aprendizagem original. Segue-se com o desempenho onde os mesmos dão respostas, assim passa para retroalimentação (feedback) também considerado como resultado da aprendizagem. Entre as categorias apresentadas por Gagné todas são importantes, entre elas o autor enfatiza mais as habilidades intelectuais (MOREIRA, 2011, p. 69).

Propõe que existem cinco categorias de capacidades humanas que podem ser aprendidas, em cinco categorias principais de resultados de aprendizagem: informação verbal, habilidades intelectuais, estratégias cognitivas, atitudes e habilidades motoras

A aprendizagem por informação verbal é a que o aprendiz tem condições de apresentar o que aprendeu de variadas maneiras: dizer verbalmente, escrever ou em forma de proposição. As intelectuais constituem o saber como comparando com o saber o que, são subdivididas em outras categorias relacionadas entre si, e requer aprendizagem prévia de habilidades mais simples. As aprendizagens cognitivas são organizadas internamente, o aluno por ela sabe diferenciar uma leitura se é para sua intelectualidade ou só para informação. As motoras são habilidades aprendidas nas conexões, dirigir, escrever, tocar, etc. são desempenhos que envolvem os músculos.

A teoria de Bruner para o desenvolvimento intelectual. Para o mesmo a estrutura, as ideias e as relações são fundamentais em uma matéria de aprendizagem. “O ambiente ou conteúdos de ensino tem que ser percebidos pelo aprendiz, em termos de problemas, relações e lacunas que ele deve preencher, a fim de que a aprendizagem seja considerada significativa e relevante” (MOREIRA. 2011, p.82).

O ensino é o esforço para a moldagem do desenvolvimento e a teoria são as maneiras auxiliadoras para o desenvolvimento. O ensino acontece no processo de descoberta pelas explorações de alternativas, e o assunto pode ser visto mais vezes no chamado currículo de espiral. Os aprendizes percebem os conteúdos para moldar o desenvolvimento, sua teoria de várias maneiras visa o desenvolvimento intelectual, para isso todos devem ter condições de representar o ocorrido no seu ambiente. O desenvolvimento intelectual tão valioso na sua teoria é caracterizado pela independência das respostas em relação à natureza dos estímulos, na absolvição de eventos que se armazenam que corresponde ao meio ambiente, e pela capacidade de lidar com as alternativas, atendendo variadas sequências, distribuindo tempo, atenção a demandas múltiplas.

O autor também cita três modos de representação do mundo nos quais as pessoas passam: 1- representação ativa- considerada pré-operacional. Nela a criança estabelece relação entre a experiência e a ação, é pela ação que se pode manipular o mundo. É no período da aquisição da linguagem e quando ela começa a manipulação de símbolos. 2- A representação icônica- a criança na escola, já no estágio operacional-concreto, manipula os objetos, obtém na mente dados sobre o mundo, organiza e os utiliza para solução de problemas. A representação simbólica é considerada por operações formais. No primeiro estágio ela resolve os problemas pela ação simples, no 2º já é capaz de interiorizar a ação e tentar resolver problemas que podiam ser feitos mentalmente, essas são as fases internas do desenvolvimento (BRUNER, in MOREIRA, 2011.p.83-84).

Tratando-se das predisposições, mesmo reconhecendo a importância dos fatores culturais, motivacionais e pessoais, Bruner concentra-se nas predisposições para exploração das alternativas.

Partindo da premissa que o estudo e a resolução de problemas baseiam-se na exploração de alternativas, propõe que a instrução deverá facilitar e ordenar tal processo por parte do aluno. Existem três fatores no processo de exploração de alternativas: ativação, manutenção e direção (BRUNER, 1976, in MOREIRA, 2011, p. 86).

A ativação inicia o processo a manutenção o mantém e a direção evita a confusão, a angústia, ou seja, o caótico. Para exploração das alternativas necessita-se de um ótimo nível de incertezas e a curiosidade é a resposta a incerteza e a ambiguidade. A manutenção exige que se aprenda que o ensino seja suficiente mesmo sendo com um instrutor, pois para não correr riscos ou perigos de fazer por conta própria cometendo erros ou seguindo falsas alternativas devem

ser solucionados num regime de instruções com alternativas corretas e aumento dos resultados. A direção considera a meta da tarefa e o conhecimento da verificação das alternativas com o objetivo de atingir a meta.

2.3- A teoria de Novak é considerada de aprendizagem

Novak foi professor da Universidade de Cornell nos Estados Unidos um defensor da teoria da aprendizagem significativa junto a Ausubel desde que o mesmo deixou a psicologia educacional, Novak tem assumido os trabalhos com outros colaboradores. Essa teoria deve ser considerada dos dois.

A teoria de Ausubel (1981) deveria ser dele e de Novak. A colaboração entre eles é muito antiga desde que Ausubel abandonou a psicologia educacional, todo trabalho da sua teoria tem sido continuado por Novak e seus colaboradores. É também coautor da segunda edição do livro sobre teoria da aprendizagem significativa de Ausubel, et al 1980.

Partindo da ideia de que a educação é um conjunto de experiências (cognitivas, afetivas e psicomotoras) que contribuem para o engrandecimento (empowerment) do indivíduo para lidar com a vida diária, ele chega ao que chama de uma teoria da educação (1981 in MOREIRA, 2011, p. 175).

O pensar, o sentir e o fazer do aluno é a premissa da teoria de Novak, ele vê a educação como base para ajudar e explicar esses elementos importantes na troca de conhecimentos entre o aprendiz e o professor, baseado nas ideias de lugares comuns defendida por Schwab (1973), ele amplia essa ideia e considera quatro lugares comuns: aprendiz – aprendizagem, professor-ensino, matéria de ensino- currículo e matriz social- meio, contexto.

Também Novak considera mais um elemento importante e acrescenta a avaliação. Os cinco citados são os elementos básicos e constituintes de números infinitos nos eventos educativos. Na sua teoria propõe como fundamental a ideia de que qualquer evento educativo implica uma ação necessária para a troca de significados e sentimentos entre professor e aluno. Essa troca ele chama de aprendizagem significativa onde à mesma dá significados ao conhecimento novo por interações entre o previamente existente no cognitivo do aprendiz.

Novak se referindo à aprendizagem significativa quando “diz que um evento educativo é uma ação para trocar significados” (Moreira, 2011, p.178). O autor também se refere a uma troca de sentimentos, acrescentando que o evento educativo deve ser acompanhado de

afetividade. Segundo ele e Ausubel há duas condições para aprendizagem significativa: que o indivíduo apresente a predisposição para aprender e que o material de aprendizagem seja potencialmente significativo. A predisposição para aprender se relaciona com a afetividade que o aprendiz possui no evento educativo. A experiência afetiva é construtiva, intelectualmente positiva, pois por meio dela o aprendiz ganha compreensão do novo conhecimento.

A técnica do mapeamento conceitual foi desenvolvida pelo professor Novak em 1960 na Universidade de Cornell. O mesmo fundamentou seu trabalho usando mapas conceituais na Teoria da Aprendizagem significativa de Ausubel. Para Novak a aprendizagem significativa envolve a assimilação de conceitos novos, como a preposição nas estruturas cognitivas diferentes (AUSUBEL, 1980).

Os mapas conceituais são recursos importantes para o ensino e a aprendizagem. “Em sua essência, os MCs dispõem as representações gráficas de conceitos em um domínio específico de conhecimento construídas de tal forma que as interações entre os conceitos sejam evidenciadas” (NOVAK, 1996, p.33).

Eles facilitam para os professores e para os alunos as relações entre os conceitos os conteúdos. Apesar da sua importância e da sua utilidade para organizar e demonstrar o que se sabe a respeito de um tema particular, os mapas podem ser complexos, por isso é preciso tempo, muita atenção na sua construção.

A teoria da aprendizagem significativa é um conceito-chave da teoria de Novak e o “V” epistemológico de Gowin é um instrumento heurístico para a análise no processo de produção ou para sistematização do conhecimento documentado.

“Os princípios norteadores da teoria de Novak” (MOREIRA, 1999, p.35).

Todo evento educativo envolve cinco elementos: aprendiz, professor, conhecimento, contexto e avaliação. Pensamentos, sentimentos e ações estão interligados positiva ou negativamente.

1-A aprendizagem significativa requer: a) disposição para aprender; b) materiais potencialmente significativos; c) Algum conhecimento relevante.

2-Atitudes e sentimentos positivos em relação à experiência educativa têm suas raízes na aprendizagem significativa e por sua vez, a facilitam.

3-O conhecimento humano é construído; a aprendizagem significativa subjaz a essa construção.

4-O conhecimento prévio do aprendiz tem grande influência sobre a aprendizagem significativa de novos conhecimentos.

5-Significados são contextuais; aprendizagem significativa não implica aquisição de significados “corretos.”

6-Conhecimentos adquiridos por aprendizagem significativa são muito resistentes a mudança.

7-O ensino deve ser planejado de modo a facilitar a aprendizagem significativa e a ensejar experiências afetivas positivas.

8-A avaliação da aprendizagem deve procurar evidências de aprendizagem significativa.

9-O ensino, o currículo e o contexto também devem ser avaliados.

10-Mapas conceituais podem ser representações válidas da estrutura conceitual / proporcional de conhecimento de um indivíduo; podem ser instrumentos de meta-aprendizagem.

11- “V” epistemológico pode ser útil para compreender a estrutura do conhecimento e da produção do conhecimento; pode ser instrumento de metaconhecimento.

12-Mapas conceituais e diagramas “V” podem ser instrumentos efetivos de avaliação da aprendizagem.

Esses princípios estão claros e são paradigmas relevantes para educação. Em síntese pode-se constatar a importância dessa teoria para o desenvolvimento intelectual humano. Neste contexto a educação é construída partindo do contexto do aprendiz. Novak afirma que na ação educativa há troca de significados entre o aprendiz e o professor. Neste contexto verifica-se a importância do conhecimento do senso comum para aprendizagem significativa de novos conhecimentos, que valoriza os envolvidos no processo ensino-aprendizagem, entre outros.

Novak salienta que a aprendizagem significativa apresenta quatro grandes vantagens sobre a aprendizagem por memorização ou mecânica (AUSUBEL, 1980, p. 61).

Os conhecimentos adquiridos significativamente ficam retidos por um período maior de tempo.

As informações assimiladas, resultam de um aumento da diferenciação das ideias que serviram de âncoras, aumentando assim, a capacidade de uma maior facilitação da subseqüente aprendizagem de materiais relacionados.

As informações que não são recordadas (são esquecidas), após ter ocorrido a assimilação, ainda deixam um efeito residual no conceito assimilado e, na verdade, em todo o quadro de conceitos relacionados.

As informações apreendidas significativamente podem ser aplicadas numa enorme variedade de novos problemas e conceitos.

Os alunos têm seus conhecimentos e outros conceitos podem ser ancorados. Neste sentido o autor sugere que haja a manipulação da estrutura cognitiva dos alunos por meio dos organizadores prévios. Necessita-se da ativação das ideias dos alunos, essa tarefa caberia ao professor descobrir os conhecimentos prévios dos alunos, e nesta base trabalhar outras temáticas. As ideias que proporcionam a ancoragem dos conceitos o autor chama de subordinadores, integradores ou subsunçores.

2.4- A contribuição de Moreira para Aprendizagem Significativa

A teoria de Moreira tem relevância para educação na modernidade e pós-modernidade. Ela valoriza os conhecimentos prévios dos aprendizes. A escola ainda em sua maioria não construiu a aprendizagem necessária no mundo contemporâneo. A mesma precisa construir novos caminhos tendo em foco a aprendizagem do aluno no mundo das mudanças.

Postman e Weingartner em 1969 diziam; “Embora devesse preparar o aluno para viver em uma sociedade caracterizada pela mudança, cada vez mais rápida, de conceitos, valores, tecnologias, a escola ainda se ocupava de ensinar conceitos fora do foco” (in MOREIRA, 2011, p.223).

Os conceitos considerados fora do foco são:

- 1- O conceito de “verdade” absoluta, fixa, imutável, em particular desde uma perspectiva polarizadora do tipo boa ou má.
- 2- O conceito de certeza. Existe sempre uma e somente uma resposta “certa” e é absolutamente “certa.”
- 3- O conceito de identidade isolada, ou seja, “A” é simplesmente “A”, e ponto final, de uma vez por todas.
- 4- O conceito de estados e “coisas” fixos, com a concepção implícita de que quando se sabe o nome se entende a “coisa”.
- 5- O conceito de causalidade simples, única, mecânica; a ideia de que cada efeito é o resultado de uma só, facilmente identificável, causa.
- 6- O conceito de que diferenças existem somente em formas paralelas e opostas: bom-ruim, certo-errado, sim-não, curto- comprido, para cima-para baixo etc.
- 7- O conceito de o conhecimento é “transmitido”, que emana de uma autoridade superior, e deve ser aceito sem questionamento.

De acordo com o desenvolvimento e as evoluções mundiais que passa por drásticas transformações, preparar as pessoas para sobreviverem na época da energia nuclear das viagens espaciais, não dá mais para continuar educando seres passivos, dogmáticos, aquiescentes, inflexíveis, intolerantes e resistentes a mudança. Necessita-se de uma educação inovadora que leve a flexibilidade, a tolerância, com novos significados para encarar as ameaças das mudanças ambientais.

A aprendizagem significativa crítica defendida por Moreira (2011) é o foco que a educação necessita para superar a passividade, a transmissão do conhecimento, dando significados aos conceitos. Ela é um paradigma fundamental para construção de conhecimentos partindo dos significados já internalizados pelos alunos. Nela os mesmos não são objetos passivos, mas sujeitos ativos construtores e produtores dos seus conhecimentos.

Novos conceitos devem ser construídos com os alunos na perspectiva de preparar novos tipos de pessoas num processo de busca, de questionamentos, etc.

Ao contrário, as estratégias intelectuais de sobrevivência nessa época de energia nuclear e de viagens espaciais dependeriam de conceitos como relatividade, probabilidade, incerteza, função, causalidade múltipla (ou não causalidade), relações não simétricas, graus de diferença e inconclusão (ou diferença simultaneamente apropriada). Tais conceitos deveriam ser promovidos por uma educação que objetivasse um novo tipo de pessoa (MOREIRA, 2011, p. 224).

Um mundo que vive continuamente passando por transformações, com mudanças aceleradas no que tange aos conceitos, valores, tecnologias, etc. a educação precisa preparar pessoas com personalidade inquisitiva, capazes de construir significados para sobrevivência no mundo da modernidade. É o aprender a aprender que possibilitará o processo de busca, de questionamentos, onde o indivíduo aprenderá a conviver com as mudanças, e sobreviver com elas.

Sendo o ensino subversivo como defende Postman e Weingartner e Moreira (2011) optam mais pela aprendizagem subversiva, para eles a aprendizagem significativa crítica que pode subjazer a subversão, ela possibilita a participação do aluno na sua cultura não sendo subjulgado por ela, nem por seus ritmos, nem ideologias, por essa aprendizagem o aluno constrói a mudança sendo independente dela, pode manejar a informação sendo capaz de lidar com a disponibilidade e velocidade de fluxo, usufruir e desenvolver as tecnologias sem ser tecnófilo.

Moreira cita os princípios programáticos norteadores de Ausubel que facilitam a aprendizagem significativa crítica. Segundo ele é possível ser implantados em sala de aula.

Analogamente aos princípios programáticos de Ausubel para facilitar a aprendizagem significativa, o autor propõe alguns princípios, ideias ou estratégias facilitadores da aprendizagem significativa crítica, tendo como referência as propostas de Postman e Weingartner, porém de maneira bem menos radical e bem mais viável (2011. p.227).

No objeto deste, alguns dos princípios programáticos merecem ser vistos como prioritários para aprendizagem significativa crítica na escola:

O princípio do aprendiz como receptor/representador.

Essa prática de tratar o aprendiz como receptor da matéria de ensino, vem sendo criticada. Na aprendizagem significativa defendida por Ausubel, (1978, 1980, 1983, 2000) ela não implica passividade, ela é um processo dinâmico de interação entre os conhecimentos novos e pré-existentes. O aluno neste contexto percebe o mundo e pode representá-lo, ele é receptor e

percebedor de tudo e o importante são as percepções que em grande parte são prévias. “Parafesando Ausubel, poder-se-ia dizer que, se fosse possível isolar um único fator como o que mais influencia a percepção, dir-se-ia que seria a percepção prévia” (ibid-p. 23).

Na psicologia cognitiva os seres humanos o representam internamente. Conforme Johnson-Laird (1983 in Moreira, 2011), as pessoas podem construir modelos mentais através da percepção. O professor lida com as percepções prévias dos alunos, nesta perspectiva o professor é também um perceptor e o que ensina também é fruto das percepções e que a comunicação só acontece quando o professor e o aluno percebem de maneira semelhante os materiais educativos do currículo, comprovando assim que a interação pessoal e o questionamento são facilitadores da aprendizagem significativa.

Princípio da consciência semântica:

Esse princípio baseia-se nas conscientizações. Inicia-se da consciência que os significados estão nas pessoas e que os significados que as pessoas dão as palavras que estejam além das suas experiências. “Observa-se aí, outra vez a importância do conhecimento prévio, i, e, dos significados prévios na aquisição de novos significados” (MOREIRA, 2011.p.232).

Só quando o aprendiz atribui significados as palavras acontece a aprendizagem significativa crítica. A segunda conscientização é que as palavras representam as coisas e significam as coisas. Outro tipo de conscientização é que o significado das palavras mudam, que o mundo está sempre mudando e que os nomes das coisas tende a fixar.

Princípio da desaprendizagem:

Considerada como aprendizagem significativa subordinada, é na interação que os significados significativos são transformados em significados psicológicos para o aprendiz. (...) “Como já foi dito, o novo conhecimento interage com o conhecimento prévio e, de certa forma, ancora-se nele” (MOREIRA. 2011, p.236).

Para aprender significativamente é preciso perceber a relação entre o conhecimento prévio e o novo conhecimento. Nessa aprendizagem é impossível apagar os conhecimentos já existentes na cognição do aluno, e quando ele não consegue captar os significados é preciso desaprender e utilizá-lo como âncora. No mundo em constante transformação a desaprendizagem é fundamental. O autor ainda enfoca que o “Princípio da não utilização do

quadro de giz. Da participação ativa do aluno. Da diversidade de estratégias de ensino” (MOREIRA, 2011.p.239).

O quadro de giz é um recurso que é usado negando a aprendizagem significativa crítica. O mesmo utilizado de forma mecânica só contribui para a passividade através das cópias, exercícios aplicados e corrigidos durante as aulas, leitura repetitiva, entre outros. Como também o livro não é autoridade, não emana conhecimento, nem o professor deve repetí-lo ou parafraseá-lo, ou para responder exercícios, cópias, para estudo das provas. Nessa aprendizagem não há a aprendizagem mecânica ainda presente na maioria das escolas atualmente. O ensino é centrado no aluno.

2.5- A teoria de Ausubel é cognitiva

O conceito mais importante da teoria de Ausubel é a aprendizagem significativa. “A ideia central da teoria de Ausubel é a de que o fator isolado mais importante influenciando a aprendizagem é aquilo que o aprendiz já sabe” (NOVAK, 1977, in AUSUBEL, 2001, p.17).

Ela é o processo que permite que a nova informação interaja com as estruturas específicas do conhecimento humano. Esse conhecimento específico é definido como subsunçor e a aprendizagem significativa acontece quando a nova informação ancora-se com os conceitos preexistentes no cognitivo do aprendiz. Para ele o cérebro humano armazena as informações formando uma hierarquia de conceitos no qual os mais significativos são assimilados a conceitos mais gerais, mais inclusivos.

O autor contrário à aprendizagem mecânica ou automática a considera como informativa, com pouca ou nenhuma interação com os conceitos relevantes da estrutura cognitiva dos alunos, a nova interação entre o novo conhecimento com o já armazenado, dessa forma há memorização de fórmulas, conceitos, etc. Essa é a aprendizagem por recepção nela o aluno recebe o que vai ser aprendido, defende a descoberta, o aprendiz é o descobridor do conteúdo a ser compreendido. A aprendizagem significativa se dá quando o conteúdo descoberto liga-se aos subsunçores já existentes na estrutura cognitiva (AUSUBEL, 2001).

A aprendizagem significativa de Ausubel não é sinônimo de aprendizagem de material significativo. Em primeiro lugar, o material de aprendizagem é apenas potencialmente significativo, o método deve contribuir para essa aprendizagem como também deve haver uma

disposição do aluno para aprender significativamente. Se o material for significativo, mas se for trabalhado de forma automática, o aluno permanecerá na aprendizagem mecânica sem significados (1980, p.32).

Na teoria de Ausubel a aprendizagem significativa é um processo em que as novas informações ou os novos conhecimentos estejam relacionados com um aspecto relevante, existente na estrutura de conhecimentos de cada indivíduo, teoria defendida por NOVAK, (2000). Essa teoria Ausubeliana trata de fazer a investigação e a descrição do processo de cognição numa perspectiva construtivista considerada também como teoria da aprendizagem verbal significativa por ela privilegiar a linguagem verbal, o mesmo autor a renomeou como Teoria da Aprendizagem Significativa. “A teoria da Assimilação pertence à família das teorias cognitivas de aprendizagem que rejeita a máxima dos behavioristas de que não se pode especular sobre os mecanismos internos da mente” (AUSUBEL, 1980.p.56).

Os psicólogos cognitivistas são contrários à teoria behaviorista que acham que não se pode especular os mecanismos internos da mente humana. Na maioria das vezes fazem experimentos principalmente sobre o comportamento com animais ou com estudos humanos sem envolver o raciocínio. Tolmim (1972 in Ausubel 1980) afirma que essa teoria pode ter valor para trabalhar com os seres inferiores que não formam conceitos, mas não para as teorias de aprendizagens que tenham pretensão de fundamentar práticas educacionais.

A teoria da assimilação de Ausubel (1980) sustenta a influência genética sobre a aquisição da linguagem recaindo sobre a capacidade da criança adquirir conhecimentos e preposições, esse processo é influenciado principalmente pela experiência. Os linguistas que defendem a teoria behaviorista que proclamam o inatismo da linguagem não são aceitos por Ausubel e demais teóricos cognitivistas.

Acreditamos que Chomsky junto aos seus colaboradores destruiu o homem-máquina” (as explicações dos teóricos behavioristas sobre a aprendizagem verbal humana). Tratando-se da teoria da assimilação o que a criança precisa para a compreensão da nova sentença é relacioná-la de forma não arbitrária e substantivamente aos princípios e aos conceitos já existentes na sua estrutura cognitiva, como também os conceitos de funções, estruturas sintáticas adquiridas oriundas das exposições excessivas aos múltiplos exemplos transmitidos pela linguagem dos adultos. (AUSUBEL, 1980)

O princípio da assimilação introduz-se precisamente quando o processo de aquisição e organização de significados é introduzido na estrutura cognitiva e sua hipótese ajuda a explicar como esse conhecimento é introduzido na cognição humana. Neste sentido as ideias - âncoras e ideias assimiladas permanecem estruturadas na estrutura cognitiva. A assimilação é um processo ocorrido quando um conceito ou proposição é potencialmente cognitivo se assimila as ideias ou conceito já existente na cognição do indivíduo. Para o autor a assimilação ou ancoragem facilitam a retenção. (AUSUBEL, 1968)

A estrutura cognitiva do aprendiz é fundamental para aprendizagem. “Naturalmente, do ponto de vista Ausubeliano, o primeiro e mais importante fator cognitivo a ser considerado no processo instrucional é a estrutura cognitiva do aprendiz no momento da sua aprendizagem” (MOREIRA, 2011, p.169).

Ela pode ser influenciada substantivamente ou programaticamente. Substantivamente quando é apresentado ao aprendiz os conceitos, dos princípios, com poder explanatório e por programas que utilizam os métodos adequados de apresentação dos conteúdos fazendo uso dos princípios programáticos apropriados para sequência das matérias de ensino.

O fator isolado mais importante que influencia a aprendizagem é aquilo que o aluno já sabe, descobri-lo e ensiná-lo de acordo é defendido na abordagem de Ausubel nas obras de (1968, 1978, 1980, 2000), o que o aluno já sabe é considerado organizadores ou instruções – remédio. Deve-se dar importância à estrutura cognitiva preexistente, identificá-la e ensinar partindo da identificação (MOREIRA, 2011).

Ausubel como representante da teoria cognitiva procura descrever o que sucede quando o ser humano se situa no mundo, se organiza no seu mundo distinguindo sistematicamente o igual do diferente.

O cognitivismo de Ausubel é um caminho que busca responder a essas questões, ao se propor estudar o ato da formação de significados ao nível da consciência ou, em outras palavras, ao estudar o ato da cognição. Ausubel (1968) é um representante do cognitivismo e, como tal, propõe uma explicação teórica do processo de aprendizagem, segundo um ponto de vista cognitivista, embora reconheça a importância da experiência afetiva (MOREIRA, 2001, p.12-13).

O mundo dos significados tem origem na cognição, o ser humano se situando no seu mundo vai estabelecendo relações de significados atribuídos à realidade que se encontra. Tais

significados são pontos de partida para a aquisição de outros significados esse processo dá origem a estrutura cognitiva.

Os conceitos ou significados são explanados de duas maneiras: como eles são adquiridos e como são usados.

Ausubel considera na sua teoria na formação de conceitos um tipo de aprendizagem por descoberta que envolve, de um modo geral, os seguintes processos. (MOREIRA, 2001)

- a- Análise discriminativa de diferentes padrões de estímulo;
- b- Formulação de hipóteses em relação a elementos abstraídos comuns;
- c- Testagem subsequente dessas hipóteses em situações específicas;
- d- Seleção dentre elas de uma categoria geral ou conjunto de atributos comuns sob os quais todas as variações possam ser assimiladas;
- e- Relacionamento desse conjunto de atributos a elementos relevantes que sirvam de ancoradouro na estrutura cognitiva;
- f- Diferenciação do novo conceito em relação a outros conceitos previamente aprendidos;
- g- Generalização dos atributos criteriais do novo conceito a todos os membros da classe;
- h- Representação do novo conteúdo categórico por um símbolo de linguagem congruente com o uso convencional.

As informações sobre a formação dos conceitos nas crianças pequenas e nas idades escolar acima delas, são oriundas de laboratório. Na vida real os conceitos são formados num processo mais longo e menos ordenados e resultam da exposição dos diferentes tamanhos, formas e tipos do objeto. A aquisição desses conceitos é o que se chama assimilação. Os princípios da assimilação dos conceitos são importantes para aprendizagem escolar. Para aprender um novo conceito levam-se em consideração as propriedades existentes na estrutura cognitiva do indivíduo.

2.6- O pensamento de Paulo Freire para a aprendizagem

O autor brasileiro, nordestino, humanista, dedicou-se a educação na perspectiva da conscientização principalmente das classes populares para revolucionar, transformar, reinventar, etc. Através da educação dialógica, paradigma libertador dos oprimidos, criou o método de humanização baseado na realidade dos educandos que o tornou conhecido mundialmente. Em 1964 foi coordenador do Programa Nacional de Alfabetização, lecionou na Universidade de Harvard nos Estados Unidos. Seu amor à educação e por acreditar nela tornou-se um militante da pobreza. A pedagogia do oprimido mantém a dominação das consciências. E os caminhos da libertação são dos oprimidos que se libertam. “Paulo Freire é um pensador comprometido com a vida: não pensa ideias, pensa existência” (1987.p.9).

Um humanista apaixonado na experiência de educador redescobre nas suas técnicas pedagógicas em que e por que se constitui a consciência humana. Para ele, alfabetizar é conscientizar. Um mínimo de palavras, com a máxima polivalência é o ponto de partida para o aprendiz conquistar o universo vocabular. Neste contexto uma pesquisa prévia investiga as palavras contidas no universo cultural dos alfabetizandos, elas têm significações constituídas ou re-constituídas por eles.

A pedagogia do oprimido apresenta essa educação bancária e a necessidade da educação libertadora.

Narração de conteúdos que, por isto mesmo, tendem a petrificar-se ou a fazer-se algo quase morto, sejam valores ou dimensões concretas da realidade. Narração ou dissertação que implica um sujeito- o narrador- e objetos pacientes, ouvintes – os educandos (FREIRE, 1987, p.57).

A narração é quase uma enfermidade, na educação bancária não há relação entre o educador e educandos. O educador tem como tarefa encher os educandos de conteúdos narrados. Conteúdos considerados retalhos da realidade, desconectados da totalidade, sem significação. Nela o professor é o sujeito condutor dos aprendizes através da memorização mecânica, levando a narração para docilmente depositar nos recipientes educandos considerados depósitos.

Na educação antidialógica o educador educa; os educandos, são educados; o educador é o que sabe; os educandos, não sabem; o educador é o que pensa; os educandos são os pensados; o educador é o que diz a palavra, os educandos, a escuta docilmente; o educador é o que disciplina; os educandos são os disciplinados; o educador é o que opta e prescreve sua

opção; os educandos seguem a prescrição; o educador é o que atua; os educandos têm a ilusão que atuam, na atuação do educador; o educador escolhe o conteúdo programático; os educandos, jamais são ouvidos na escolha, se acomodam a ele. (Ibidem, 2000, p.59)

A educação problematizada vem superar a contradição entre o educador e educandos, ela não acontece fora do diálogo. O modelo é novo segundo Freire;

Não mais educador do educando, não mais educando do educador, mas, educador-educando com educando educador. Desta maneira, o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado também educa (1987, p.68).

Na educação dialógica- libertadora- problematizadora os homens educam-se em comunhão, mediatizados pelo mundo. O educador é sempre um sujeito cognicente que se refaz constantemente na cognoscitividade dos educandos que são investigadores críticos da realidade. Nela não há castramento do poder criador dos educandos, é reflexiva, quanto mais se problematiza mais é desafiadora, nega o educando como abstrato, desligado do mundo, isolado, são seres fora das relações com o mundo não pensam nem atuam nele.

Para Freire na sua obra da pedagogia da autonomia; “Não há docência sem discência, ensinar não é transferir conhecimento, ensinar é uma especificidade humana” (2002.p.7-8). O autor apresenta que ensinar não é transferir conhecimentos, mas gerar condições para sua produção ou construção, assim quem ensina aprende e quem aprende ensina, por isso a importância do educando que também educa e do educador que se educa com os educandos. Não se baseia no ensino de conteúdos, mais ensina a pensar certo, como seres históricos o conhecimento do mundo tem sua historicidade, o mesmo a ser produzido o conhecimento novo supera o conhecimento que antes foi novo e se faz velho podendo ser ultrapassado por outros da amanhã. “É uma pena que o caráter socialmente da escola, o que há de informal na experiência que se vive nela, de formação ou deformação, seja negligenciado” (2002.p.4).

Pensar certo implica no respeito ao senso comum dos educandos principalmente das classes populares, das suas experiências vividas, os conhecimentos informais, tais como: poluição, problemas das cidades, administrativos, das praças, no trabalho, dos bairros, das escolas, da saúde, por falta de ação do poder público que não valoriza o público, a violência dos alunos destruindo o que é público torna-se difícil contê-los.

Para Freire os homens e mulheres como sujeitos inacabados se inserem no processo de busca permanente, ultrapassando limites tornam-se fundantes da produção do seu

conhecimento. “Quando entro em uma sala de aula devo estar sendo um ser aberto a indagações, a curiosidade, as perguntas dos alunos, as suas inibições: um ser crítico e inquiridor, inquieto em face a tarefa que tenho- a de ensinar e não a de transferir conhecimento” (2002, p.52)

Na certeza que o discurso sobre a teoria deve ser concreto, prático, da teoria da sua importância na construção do conhecimento onde o educador está envolvido e envolvendo os alunos nessa construção, nessa aprendizagem se preocupa com a assunção dos envolvidos, não transfere conteúdos programáticos, epistemológico, pedagógico, ético, só na boniteza do discurso ela constrói na prática com os educandos e educadores inacabados o pensar certo.

Essas lutas fazem os sujeitos da história e não abjetos. A luta por conscientização começou em 1960, uma preocupação de Paulo Freire para vencer os obstáculos do mundo. (...) “A conscientização é uma exigência humana” (2002. p. 60).

Um mundo do fatalismo, do discurso neoliberal, da negação da decência, da liberdade ofendida, de opção, de possibilidade, entre outros, a conscientização é um paradigma de sobrevivência humana. É um dos caminhos para por em prática a curiosidade epistemológica.

Freire na sua obra educação na cidade volta à questão dos déficits da educação. Entre os milhões de crianças sem escola no Brasil sob o ponto de vista da qualidade da educação brasileira não atende plenamente as crianças populares, são elas que sofrem a desqualidade da educação. “Os déficits referidos da educação entre nós castigam, sobretudo as famílias populares” (2000, p, 22).

Os critérios de avaliação do saber são realizados por intelectuais formais usados pela escola, por livros ajudam os meninos e as meninas das classes favorecidas, e desajudam os das classes populares desfavorecidas. Desde a chegada dessas crianças na escola de um modo geral a escola não considera o “saber de experiência feito” que as mesmas trazem consigo, mais uma vez elas levam desvantagem, enquanto a escola considera certas as experiências das crianças das classes médias suas competências linguísticas.

2.7- A inteligência no contexto de Piaget e Vygotsky

Piaget nasceu na Suíça em 1896 cresceu num ambiente de pais intelectuais, inteligentes e aos 11 anos já escrevia seu primeiro trabalho científico, segue escrevendo e publicando suas pesquisas e com 22 anos tornou-se doutor em biologia. Interessou-se também pelo estudo de religião, filosofia, lógica, psicologia, metodologia científica, matemática e química. Decidiu se

interessar por um tema para ele fascinante: o conhecimento e consagrou sua vida a esse estudo, resolveu investigar sobre o conhecimento e explicá-lo sob o ponto de vista biológico (SABER, 1997).

Para Piaget o conhecimento na sua origem, não vem dos objetos do mundo, nem do sujeito, mas das interações-inicialmente indissociáveis - entre os sujeitos e os objetos. Os conhecimentos não aparecem prontos quando a criança nasce, são construídos nas trocas. Para as crianças conhecerem a realidade precisam atuar sobre os objetos que as rodeiam para assimilá-los, a sua organização intelectual. O conhecimento não é uma cópia, é um relacionamento entre o objeto de o sujeito (SABER, 1997, p.60-61).

A Teoria Construtivista surgida no século XX é uma das teorias mais importantes na educação. Graças às experiências de Jean Piaget (1896-1980) do biólogo, filósofo e epistemólogo, o mesmo observando crianças desde o nascimento até a adolescência - como um recém-nascido passava do estado de não reconhecimento de sua individualidade frente ao mundo que o cerca indo até a idade de adolescente, onde já se tem o início de operações de raciocínio mais complexas percebia que o conhecimento é construído por meio da interação do sujeito com o meio onde vive. (PIAGET, 2007)

Desde criança Piaget tinha curiosidade em conhecer como se processava a evolução da inteligência. (...) “Piaget prosseguiu durante muitos anos dedicando-se ao grande projeto que o fascinava desde o início de sua carreira: estabelecer “uma espécie de embriologia da inteligência.” (1976, p.22)

Desde a mais tenra infância estudou a evolução da inteligência, por muitos anos dedicou sua carreira para o estudo da epistemologia genética um grande projeto fascinante para sua pessoa, buscava estabelecer “uma espécie de embriologia genética.”. O autor estudou a evolução da inteligência desde o início da infância, com enfoque e métodos diversos, realizando confrontações entre os estudos realizados, formulou a hipótese de um paralelismo entre os processos de elaboração de conhecimentos individuais e coletivos. Essa hipótese transcende no âmbito da psicologia as fronteiras de Genebra, heurísticamente deu grande contribuição científica no centro Internacional de Genebra cujo trabalho conta com 37 volumes e a educação inspirada foi vivenciada sobretudo nos Estados Unidos.

(...) O Piaget “psicólogo” deixou uma pegada evidente nas práticas escolares, sobretudo no que se refere a educação da primeira infância; o Piaget “político” da educação contribuiu sem dúvida, para promoção de movimento de coordenação internacional em educação; o Piaget “epistemológico” por sua parte, influi, atualmente, nas práticas educativas que se situam em universos que não se tinha imaginado, (MUNARI, 2010.p.25-26).

São enormes as riquezas da contribuição de Piaget para educação e para os educadores com seus trabalhos, obras, métodos, estágios de desenvolvimento da inteligência. Na sua pedagogia para se aprender bem é preciso compreender bem, para isso seria preciso reconstruir. Para ele epistemólogo propunha descentralizar o aluno do seu nível das dificuldades, das habilidades, para abrirem-se ao contexto cultural considerando os percursos e as trajetórias históricas dos conceitos que pretende estudar.

A teoria de Piaget continua oferecendo, na atualidade, a visão mais completa de desenvolvimento cognitivo, pela quantidade de aspectos abordados: 1.desenvolvimento cognitivo do nascimento a fase adulta (desenvolvimento moral - noções sociais- lógicas, matemáticas, etc) 2. Pela coerência interna e a utilização de uma metodologia que deu origem a resultados produtivos durante 50 anos de pesquisa (CARRETEIRO, 1997).

Piaget situa sua teoria em um ponto de vista dialético ou relacional por defender a importância das contribuições mútuas entre a criança e o mundo, recusa o reducionismo tanto o psicológico – posição inativista, como o sociológico - empirista e substitui-os pela análise das interações hierarquizadas. Desconsidera que os mecanismos mentais sejam evoluídos pela influência social ou que o indivíduo molda a sociedade apenas mediante suas estruturas (PIAGET in SABER, 1997).

Piaget se destaca entre os demais estudiosos como um grande nome na psicologia do desenvolvimento. Sendo também biólogo, filósofo e epistemólogo elaborou a teoria da epistemologia genética ou psicogenética explicando como a inteligência humana é desenvolvida. Ele considera os sujeitos como construtores dos seus conhecimentos na interação com o meio baseando-se com os esquemas mentais já existentes, formulando as hipóteses para resolver as situações imediatas e nesse processo surgem construções cognitivas num movimento contínuo que buscam o equilíbrio, produz novas estruturas cognitivas (1990).

Na filosofia de Piaget o conhecimento humano tanto coletivo como individual é uma construção humana. Sua teoria é construtivista, como pioneiro do construtivismo do desenvolvimento cognitivo humano, seus trabalhos importantes começaram na década de 20 e

avança na década de 70 quando o autor foi redescoberto. Sendo um pioneiro do construtivismo, inicia-se com sua teoria a ascensão do cognitivismo e do declínio do behaviorismo. Entre outras visões essa teoria o enfoque Piagetiano é o mais conhecido e influente (MOREIRA, 2011).

Neste sentido nos conceitos está o construtivismo de Piaget; O “núcleo duro” da teoria de Piaget está na assimilação, na acomodação e na equilíbrio.” (MOREIRA, 2011, p.96)

O crescimento cognitivo se dá pela assimilação e acomodação. A assimilação acontece na interação do sujeito com o objeto. As pessoas constroem os esquemas de assimilação mentais abordando a realidade. A mente é o organismo que assimila e a pessoa incorpora a realidade aos seus esquemas de ação impondo-se ao meio. Na assimilação não há modificação da mente, o conhecimento da realidade não se modifica. Quando a criança ou adulto não consegue assimilar alguma situação, a mente desiste ou se modifica, esse processo Piaget chama de acomodação, é por meio dela que novos esquemas são construídos, é o que se denomina de desenvolvimento cognitivo.

Segundo Piaget, (1964) a cada momento a ação é desequilibrada pelas transformações do mundo tanto no exterior como no mundo interior do indivíduo, neste contexto age tentando o equilíbrio. O equilíbrio ocorre por meio da adaptação e da organização. A adaptação é a tendência que as pessoas possuem para conservar ou transformar as estruturas mentais sofridas pela função das variações do ambiente. A organização é a sistematização e a organização da estrutura cognitiva que acontece de forma hierárquica e combinando os processos isolados gradualmente.

O processo de ajustamento ao meio se dá pela assimilação e pela acomodação. A assimilação é o processo que os indivíduos incorporam novas experiências e informações as que já existem e a acomodação é resultante da estruturação dos esquemas anteriores a qual leva a mudança cognitiva, nela os indivíduos modificam suas ações, as ideias, os conceitos em função de novas experiências ou informações (PIAGET, 1964).

A teoria da Equilíbrio é um mecanismo auto-regulador necessário para assegurar a criança uma interação eficiente com o meio ambiente. A importância dessa teoria está contida principalmente frente a dois postulados organizados por Piaget. O primeiro postulado todo esquema de assimilação incorpora elementos que lhe são exteriores e compatíveis com sua natureza, o segundo postulado afirma que todo sistema de assimilação é obrigado a acomodar-se aos elementos assimilados, ou seja, o equilíbrio cognitivo implica na presença necessária de

acomodações, e na conservação das estruturas no caso de acomodações bem sucedidas (PIAGET, 1975).

Para Becker (1994) O construtivismo de Piaget é uma teoria, não é uma prática nem um método. Essa teoria permite conceber o conhecimento como algo construído pelos sujeitos através da ação e da interação com o meio onde vive. O construtivismo na educação é o paradigma que diferencia-se da escola transmissora de conhecimento, que insiste em ensinar levando para os alunos conhecimentos prontos repetindo-os como forma de aprendizagem.

Piaget estabeleceu os três tipos de conhecimentos: conhecimento físico, lógico-matemático e social. O conhecimento físico são objetos reais externos que podem ser observados empiricamente pela observação, esse é chamado de conhecimento empírico. O conhecimento lógico-matemático se origina na mente do indivíduo, são elaborados pelas crianças através das relações simples que elas criam sobre os objetos. O conhecimento social é arbitrário é adquirido na convivência com as pessoas (1994).

O mesmo subdividiu os períodos de desenvolvimento em 4 estágios ou fases de transição.

Piaget distingue quatro períodos gerais de desenvolvimento cognitivo: sensorio motor, pré – operatório, operatório concreto, operatório lógico – formal (1975).

O sensorio – motor começa do nascimento da criança (0-2 anos) aproximadamente. A principal característica desse período é a ausência da função semiótica. A função semiótica é a capacidade dos indivíduos de gerar imagem mental de objeto ou ação e por ela poder chegar a representação da ação ou do objeto. Devido a sua ausência neste estágio a linguagem da criança faz a repetição de sílabas a palavra-frase, não representa mentalmente os objetos e as ações. A sua conduta social é isolada e indiferenciada. Ela tem início na manipulação imitativa do objeto e segue na imitação interior ou deferência imagem mental na ausência do objeto. Lima, (1980 in Piaget 1975) diz que a função semiótica permite o pensamento. Lopes (1996 in Piaget, 1975) afirma que neste estágio a partir dos reflexos neurológicos básicos que o bebê começa a construir seus esquemas de ação para assimilar mentalmente o meio.

Com a idade de 2 a 7 anos aproximadamente inicia-se em geral o período pré-operacional ou simbólico. A função semiótica já presente permite o surgimento da linguagem, desenho, imitação, dramatização etc. Essa etapa é considerada como intuitiva e de

aprendizagem instrumental básica. A criança passa pelo período de fantasia, do jogo simbólico, do faz de conta, ela cria imagem mental na ausência de objeto ou da ação. Ela com capacidade de transformar imagens mentais podem transformar os objetos em algo que lhe satisfaça como uma caixa de fósforo num carro. É o período em que a criança dá alma (animismo) aos objetos como exemplo o carro do pai foi dormir na garagem. (PIAGET, 1975).

O período Operatório concreto começa aproximadamente dos sete aos onze anos. Nesta fase o pensamento lógico concreto e lógica infantil ainda é dependente de manipulação concreta de objetos com de relações entre eles. Já ordenam elementos por tamanhos, compreendem regras sendo fieis a ela, estabelecem compromissos, a linguagem já é socializada permitindo a conversação, tem noções de tempo, espaço, velocidade, causalidade, ordem, etc. Podem relacionar diferentes aspectos como também abstrair dados da realidade. Pode desenvolver a reversibilidade que é a capacidade de representar a ação no sentido inverso a ação anterior. (Ibid, 1975)

O período Operatório Lógico Formal de Piaget (1975) começa dos doze a dezesseis anos. É o ápice do desenvolvimento da inteligência, nela o indivíduo está apto para calcular uma probabilidade, liberta-se do concreto em proveito de interesses orientados para o futuro, há abertura para todos os possíveis, daí a dialética é possível que permite que a linguagem aconteça em nível de discussão para se chegar a uma conclusão. Na relação grupal estabelece relações de operação e reciprocidade.

Muitas pesquisas sobre a colaboração entre pares para Piaget tem sido construída por ele e não por Vygotsky. Ela tem sido benéfica conforme as pesquisas realizadas por estudiosos Neopiagetianos como também tem sido abordada pelos pesquisadores Vygotskyanos abordando a colaboração adulto-criança. Fica provado que a interação com um parceiro mais competente tem sido eficiente na indução do desenvolvimento cognitivo. Durante os últimos 15 anos os estudiosos que trabalham com referência Piagetiano têm desenvolvido um modelo relacionando colaboração e desenvolvimento cognitivo onde o mecanismo promotor do desenvolvimento é o conflito cognitivo ou o conflito sóciocognitivo (MOLL, 1996).

Muitos autores defendem esse modelo: (Ames e Murray, (1982), Bearison, Magzamen e Filardo, (1986), Doise e Mugny, (1984); Murray, (1972,1982); Perret-Clermont, (1980) A interação social entre pares abre perspectivas na fundamentação do problema, ela é o meio

efetivo para induzir o desenvolvimento cognitivo (MOLL, 1996). “As tarefas de conservação são as mais comumente utilizadas na pesquisa inspirada em Piaget” (MOLL, 1996 p. 155).

Neste contexto as crianças passam por pré- testes para a determinação do status se são conservadoras ou não-conservadoras. Uma criança mais conservadora é colocada em parceria com uma criança ou mais crianças conservadoras e delas solicita-se um acordo para o problema. Acontece nesse momento o conflito entre elas e o resultado é que 80% das crianças não conservadoras alcançam a conservação nas discussões com o parceiro. Esses resultados têm sido tomados como um claro apoio à posição neopiagetiana no que se refere ao impacto da interação entre pares. Esses são compatíveis com o modelo de desenvolvimento de Vygotsky como os conservadores, para ele são os “parceiros competentes”. A posição Piagetiana afirma que o conflito cognitivo baseado na diferença de ponto de vista, induz ao desenvolvimento cognitivo.

Ley Semyonovitch Vygotsky nasceu em 1896 em Orsha na Bielorrússia. Concluiu o primeiro grau em Gomel com medalha de ouro. Pós-Graduou-se em Moscou em 1917, com especialização em Literatura. Lecionou Literatura e Psicologia de 1917 a 1923, dirigiu a teatro do Centro de Educação de Adultos, recebeu o título de “A Psicologia da Arte” por ser o primeiro a fazer publicação literária. Em 1924 mudou-se para Moscou, lá trabalhou como psicólogo, criou o Instituto de Estudo das Deficiências, dirigiu o departamento de educação de crianças com deficiências físicas e retardamentos mentais. Nos anos 1925 e 1934 reuniu um grupo de jovens cientistas ligados a psicologia e aos estudos das deficiências físicas e mentais, cursou também medicina, faleceu em 1934 de tuberculose (VYGOTSKY, 2010).

A teoria de Vygotsky (1896-1934) parte da premissa que o desenvolvimento cognitivo só pode ser entendido com referência ao contexto social e cultural no qual ele ocorre e Piaget tem como princípio básico para explicar o desenvolvimento cognitivo a equilibração. “Vygotsky focaliza os mecanismos por meio dos quais se dá o desenvolvimento cognitivo, não produtos do tipo estágios de desenvolvimento como propõem Piaget e Bruner.” (MOREIRA, 2011, p.107)

Ele foi um erudito com larga formação, formou-se em direito na Universidade de Moscou em 1917. Sua grande e intelectual obra foi continuada pelos seus colaboradores. A ênfase Vygotskyana nas origens sociais dos processos psicológicos superiores, da primazia dos processos em detrimento dos produtos entre outros refletia as raízes do Marxismo, pela

predominância do behaviorismo no passado e Piagetiano recentemente, nas últimas décadas do século XX passou a ser considerado um referencial para o ensino aprendizagem. Os processos mentais dos indivíduos para ele têm origem nos processos sociais são uns dos pilares da sua teoria.

Vygotsky desenvolveu uma teoria em que as forças sociais, culturais e históricas desempenham um papel no desenvolvimento. Tentava teorizar os processos interpessoais e intrapessoais que fornecem a abertura de discutir o determinismo, o reducionismo e agência dentro da estrutura de formação social. Debateu o processo de como teorizar as implicações psicológicas de fatores sociais, os culturais e o histórico. Para isso buscou desenvolver metodologias apropriadas para criar as formas apropriadas de investigação e de intervenção, deu sua contribuição trans/multidisciplinar para a vida intelectual do século XX. Seu trabalho permeou-se na leitura do pensamento filosófico, psicológico, sociológico, e político europeu. (DANIELS, 2003)

A teoria da mediação de Vygotsky representa as possibilidades das relações entre sujeito e objeto.

Ele identifica as características principais de uma pedagogia cultural geral e desenvolve sua própria versão de uma abordagem cultural- histórica da área. Diz que ela:

Salienta a ação mediada num contexto; Insiste na importância do “método genético”, que, como geralmente entendido, inclui níveis históricos, ontogenéticos e microgenéticos de análise; Procura basear sua análise em eventos da vida cotidiana; Pressupõe que a mente surge na atividade mediada conjunta das pessoas. A mente é, então, em importante sentido, “co-construída e distribuída”; (COLE, 1996 in DANIELS, 2003, p.24).

Esta síntese é útil é um ponto de partida na discussão do legado de Vygotsky. Apresenta as principais características abordadas por ele na sua psicologia, Cole considera conceitos-chave específicos à psicologia histórica cultural graças à escola Russa formada por Luria, Vygotsky e Leontiev. Entre esses conceitos-chave o mais importante é a mediação, pois, o mesmo abre o caminho para o desenvolvimento de uma exploração não determinista onde os mediadores dão condições pelas quais as pessoas agem sobre os fatores sociais, culturais e históricos sofrendo a ação deles.

A mediação traz implicações importantes relativas ao controle pedagógico negando a possibilidade do determinismo se associar a uma bagagem intelectual potencialmente carregada especialmente no contexto político

(...) Ele deu os seguintes exemplos de ferramentas psicológicas: “língua; vários sistemas de contagem; técnicas mnemônicas; sistemas de símbolos algébricos, obras de arte; esquemas, diagramas, mapas e desenhos mecânicos; todos os tipos de sinais convencionais, (VYGOTSKY, 1960-1981, p 136-137 in DANIELS, 2003, p. 26.)

Seu comentário é que os homens se dominam pelos sistemas culturais e simbólicos externos. Assim o homem é o sujeito ativo no desenvolvimento em primeiro lugar, em segundo lugar é a importância dos efeitos contextuais, pois o desenvolvimento se dá pelo uso das ferramentas disponíveis, para ele as ferramentas psicológicas se diferenciam das outras, elas podem ser usadas para atingir a mente e o comportamento de si mesmo, como das outras pessoas.

Vygotsky também explica como na Zona de Desenvolvimento Proximal o estágio se realiza passando para o estágio seguinte ao nível de desenvolvimento atual.

(...) O ensino deve orientar-se não ao ontem, mas sim ao amanhã de desenvolvimento infantil. Somente então poderá a instrução provocar os processos de desenvolvimento que se acham agora na ZDP. (VYGOTSKY, 1993, p.241-242)

O ensino escolar tem a tarefa de transmitir a criança os conteúdos historicamente produzidos, socialmente necessários, fazendo a seleção dos conteúdos contidos no processo pedagógico, na Zona de Desenvolvimento Proximal. O ensino fracassará se o conteúdo escolar for além dela, pois a criança ainda não é capaz de apropriar-se do desenvolvimento como também das faculdades cognitivas a ele correspondentes. “O estado de desenvolvimento mental de uma criança só pode ser determinado se forem revelados seus dois níveis: O Nível de Desenvolvimento Real e a Zona de Desenvolvimento Proximal” (VYGOTSKY, 1984, p. 98). A ZDP e a colaboração entre pares são valorizadas pelo autor. As crianças que trabalham em grupo na sala de aula são orientadas pelo professor, elas conseguem unidas com os colegas resolver problemas sem intervenção de adultos. Também entre elas são ajudadas pelos colegas mais competentes.

A interação adulto-criança, reforçando o ponto de vista que fornece informação dentro da ZDP da criança é considerado algo benéfico, o desenvolvimento avança na direção de

modelos adultos presentes na prática culturalmente apropriada. “Nos últimos anos tem havido um reconhecimento cada vez maior da complexidade dos efeitos da interação entre pares sobre o desenvolvimento cognitivo” (MOLL, 1996, p.163). No desenvolvimento cognitivo a idade dos colaboradores deve ser considerada. As crianças mais velhas nas interações verbais e nos engajamentos das tarefas apresentam mais habilidades. Damon e Phelps (1987) consideram que é preciso distinguir os tipos de interação pelo grau de igualdade e de envolvimento mútuo expressado pelos pares. Esses autores diferenciam tutoramento, colaboração e aprendizagem cooperativa entre pares.

Os conceitos científicos e cotidianos para Vygotsky não são possíveis sem a palavra e o pensar, sem conceitos não acontece o pensamento verbal. “Para ele, pensar era um processo social de comunicação culturalmente mediado.” (COLE, 1994 in DANIELS, 2003, p.69)

Considera que as teorias sobre a relação entre processos de desenvolvimento cultural, comunicação social e instrução são essenciais nos projetos pedagógicos. O mesmo esteve preocupado nos anos de (1927-1934) com a formação dos conceitos científicos e com os conceitos espontâneos. O científico é conceito que o professor introduz na escola apresenta alto grau de generosidade e pela sua relação com objetos, mediada por outros conceitos. Quanto aos conceitos espontâneos são adquiridos pela criança fora de contextos da instrução explícitas da escola.

Lave e Wenger (1991) in Vygotsky (1987) definem que o conceito científico é considerado cultural e conceito cotidiano é considerado como ativo e individual. Quando eles se fundem surge o conceito maduro. Vygotsky (1987 in Daniels, 2003) diz que as crianças podem usar deliberadamente os conceitos científicos, pois são conscientes deles e podem refletir sobre os quais.

Para Vygotsky (1987 in Daniels),

A dependência dos conceitos científicos em relação aos conceitos espontâneos é a influencia destes neles deriva da relação única que existe entre o conceito científico e seu projeto. (...) essa relação é caracterizada pelo fato de ser mediada por outros conceitos. Consequentemente, em sua relação com o objeto, o conceito científico inclui uma relação com outro conceito, isto é, ele inclui o mais básico elemento de um sistema conceitual. (2003, p. 70-71)

Na era da comunicação o autor argumenta que a compreensão social se tornaria disponível para comunicação individual. É graças à comunicação que os indivíduos desenvolvem conceitos científicos, é pela comunicação que há o desenvolvimento da função

mediacional entre a sociedade da escolarização e o indivíduo. Para ele a diferença fundamental entre os conceitos citados é que nos conceitos cotidianos a criança o faz voluntariamente, com facilidade espontânea, e nos conceitos científicos ela desenvolve com a ajuda do professor.

O conceito cotidiano adquire estrutura e ordem no pensamento científico sistemático. Os mesmos se desenvolvem simultaneamente em duas direções: geral e particular. “Vygotsky apresentou, portanto, um modelo interconectado da relação entre os conceitos científicos e cotidianos ou espontâneos” (DANIELS, 2003, p.73). O desenvolvimento do conceito científico se dá com a definição verbal por diferentes níveis de diálogo entre aluno e professor e vice-versa no processo social e o cotidiano se desenvolve fora do contexto definido e no processo conceitual entre ele e o científico resultam na produção de redes ou padrões de conexão conceitual.

2.8 - A posição sociogenética de Vygotsky adotada por Luria para a aprendizagem.

Luria se coloca teoricamente adotando a posição sociogenética de Vygotsky. Para ele o ato voluntário é, inicialmente, um evento compartilhado socialmente.

(...) os seres humanos podem conceder um plano e levá-lo adiante. Eles podem desejar levantar sua mão, e efetivamente o fazem. Isto é auto-eficiente. A principal dificuldade para os psicólogos tem sido descobrir uma explicação científica para o fenômeno. (MOLL, 1996, p.132)

No início da aprendizagem a criança por não ser capaz da ação voluntária, passa a ser controlada pelo adulto por meio da instrução. Por ele é dirigida sua ação, nesse momento o ato voluntário é compartilhado quando a criança nesse processo responde com a ação motora o comando. Quando a mesma começa a falar começa também a emitir e a repetir o comando verbal e através dos discursos internos e externos ela incorpora as funções voluntárias antes compartilhadas entre ela e o adulto.

Na teoria de Luria um aspecto importante é a afirmação de que as origens do discurso privado devem ser encontradas nos comandos verbais do adulto que cuidam da criança.

Em consequência um aspecto da teoria de Vygotsky, que necessita ser mais elaborado, tanto conceitual quanto empiricamente, é o entendimento da natureza e origens das diferenças individuais na realização das capacidades auto-reguladoras. (MOLL, 1996.p.133)

A criança quando desempenha uma tarefa cognitiva, na maioria das vezes começa a falar quando percebe algum impedimento ou dificuldade. Quando ela tem dificuldade não

conseguindo resolver o problema, verbalmente ela inicia o diálogo social com o professor ou pesquisador. O discurso dela começa pela descrição e experimentação das dificuldades originando assim aos poucos o planejamento com a função de: direção e regulação dando origem ao diálogo social. Tanto Luria como Vygotsky nos seus escritos acrescentam a auto-regulação das funções cognitivas que é o fenômeno universal do desenvolvimento.

Neste sentido, para Vygotsky e Luria a auto-regulação é de origem social, ou seja, o desenvolvimento auto-regulatório é facilitado pelo ambiente social e as diferenças individuais em relação a aprendizagem são devidas aos ambientes diferentes. Ambos fizeram estudos sobre a literatura, desenvolvimento e estratégias de ensino maternal.

(...) a grande maioria de conhecimentos, habilidades e procedimentos do comportamento de que dispõe o homem não é resultado de sua experiência própria, mas adquiridos pela assimilação da experiência histórico-social de gerações. Este traço diferencia radicalmente a atividade consciente do homem do comportamento animal. (LURIA, 1979.p. 73)

A diferença do homem entre os outros animais que o torna superior é sua capacidade de acumular e de transmitir experiências. A autora faz algumas indagações como: no pedagógico não se fala em transmissão de conhecimento não existente? O verbo ensinar tem sinal negativo? E o preferível é falar em “favorecer a aprendizagem” propiciar condições para aprendizagem. A resposta é na força escola novista até hoje no senso comum pedagógico.

CAPÍTULO III- A INOVAÇÃO PEDAGÓGICA CONTRIBUINDO PARA SUSTENTABILIDADE DA ESCOLA NO MUNDO DA COMPLEXIDADE

3.1 - Aspectos históricos da inovação pedagógica e a sua importância para cidadania

A educação atual não atende as exigências do amanhã. Para saber quais são as mudanças que são impostas no mundo atual, é preciso que conheçamos as necessidades futuras. Precisa-se de preparar as escolas e professores para treinar e estimular urgentemente estratégias inovadoras, conscientizar professores e gestores para as possíveis mudanças e desafios. (SOUSA, 2001)

O modelo de escola que vem nos acompanhando desde o início do século XIX, não contribui para o desenvolvimento intelectual dos aprendizes.

Nos nossos dias, há muito que sabemos que a escola já deixou de ser o locus da informação (a que alguns chamam, ingenuamente, conhecimento, desconhecendo que o conhecimento é uma construção do aprendiz e não de uma substância independente e descontextualizada que se pode transaccionar). (FINO, 2008, p.3)

A escola a beira de um esgotamento no século atual precisa superar a prática tradicional que desconsiderou a capacidade de construção dos conhecimentos dos aprendizes, hoje em dia deixa de ser o locus de informação, ninguém precisa mais recorrer a ela para ter acesso as informações, as mesmas disponíveis atualmente não cabem nas bibliotecas, nem nas mentes dos professores, a acessibilidade as informações atingiram as próprias casas, a escola neste contexto atinge o prazo de validade, o mundo é o locus de informação incluindo obrigatoriamente a interação social.

Desde 1986 a UNESCO realizou um encontro na Venezuela onde importantes cientistas, literatos, filósofos discutiram sobre a inovação. A ciência face aos confins do conhecimento, o prólogo do nosso passado cultural. Seria para o mundo o fim da visão reducionista para o começo de uma nova história da ciência, além do microscópio.

É o fim de uma ciência sem consciência... é o surgimento de um novo espírito científico, tendo como referência a afirmação do princípio unitário da natureza que, por sua vez, deverá provocar mudanças no método científico e filosófico e em decorrência, haverá uma nova visão do mundo (MORAES, 1997, p.108).

Historicamente a preocupação para uma nova concepção de humanidade foi debatida para combater a visão reducionista a nível mundial, infelizmente estamos no século XXI sem a conquista dessa nova visão do mundo que ainda não é considerada pela maioria dos educadores uma necessidade emergente no campo da educação. Nesse encontro na Venezuela foi declarado a urgência de novos métodos para educação que levem em conta os avanços das ciências em harmonia com as tradições culturais cuja preservação e estudos são fundamentais. Neste contexto a prática pedagógica deve ser inovadora possibilitando nas crianças que são as bases do futuro o despertar para maior consciência que elas possam compreender o ser humano como uma unidade que integra o corpo e a mente.

De acordo, com Patrício a inovação pedagógica emergiu partindo dos interesses dos investigadores, dos políticos, dos professores devido as transformações que afetam a sociedade e devido aos problemas das escolas, assim a história da inovação começa nos anos 60. Em (1964) Eichholz e Rogeres identificaram 8 ações de recusa, em (1967) Watson verificou 8 fontes de resistência, em (1971) Havelock verificou resistências endógenas e exógenas, em (1982) verificou-se os interesses do sistema considerando a inovação como a chave para o conhecimento empírico do homem e que o mesmo precisa descobrir sua regulação essencial (1988 in PEREIRA, 2012).

A inovação gera solução para os diversos problemas. A escola vem sendo pressionada para reagir e a conviver com as mudanças, pois a mesma ainda no convívio atual vem mantendo as práticas, as mesmas estruturas e as representações do paradigma anterior. Assim a inovação surge na perspectiva da mudança das práticas tradicionais dando novo rumo as escolas. As práticas antidialógicas com a dialógica inovadora tem apresentado resistência dificultando as mudanças, a mesma tem enfrentado resistência, constrangimentos dificultando as mudanças. (ibid)

Pois a aprendizagem se constrói na troca das experiências e na socialização dialógica. A inovação pedagógica acontece nas relações dialógicas, de forma coletiva e participativa. A pedagogia do diálogo é relevante no processo da construção da aprendizagem significativa. De acordo com (Freire, 1987, p.68); “Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”. A educação acontece na dialogicidade, nessa prática inicia-se a libertação do ser humano. É no diálogo que o educador e educando se educam na troca de experiências, no trabalho interdisciplinar, socializam os conhecimentos, desenvolvem atitudes, habilidades, competências, consciências críticas, entre outros. Neste

contexto o educador e o educando são problematizadores e investigadores críticos e que contribuem para democratização, para transformação social, vencem o medo, e o ensino depositado e imposto. Também nega a abstração, a realidade estática, o isolamento, a desligação do mundo, se funda na criatividade e estimula a reflexão e a ação. Essa educação revolucionária e sua prática constitui-se em situação gnosiológica é o paradigma que supera o intelectualismo alienante e o autoritarismo.

Mesmo sabendo que a inovação pedagógica não estando atrelada ao currículo ela não acontecerá enquanto as escolas em sua maioria seguirem a cartilha do currículo negando a oportunidade da politização dos aprendizes. Há necessidade de rompermos com o currículo oculto levado para os estudantes de estudos sociais. “A construção de currículo requer que os educadores dêem atenção as disciplinas sociais como um produto humano cujos significados são transmitidos nos processos sociais” (GIROUX, 1997, p.64).

Os conteúdos de estudos sociais na sala de aula servem para socialização política dos estudantes, pois os conteúdos desempenham um papel vital para socialização dos mesmos. Diversos estudos têm assinalado que os conhecimentos nos estudos sociais o que conta como conhecimento objetivo muitas vezes representam uma visão parcial e teoricamente distorcida do assunto que é aceite como verdade sobre o mundo questionável ou evidentemente falsa. Os mesmos têm aprendido na escola mais sobre conformidade social porque a natureza ideológica não é trabalhada com clareza.

Uma mudança de paradigmas tornou-se necessário no mundo que enseja novas abordagens na educação.

No final do século XX com o advento da sociedade do conhecimento, da revolução da informação e da exigência da produção do conhecimento, aparecem outras denominações para o paradigma inovador. Cardoso (1995) e Crema (1995) denominaram “holístico;” Prigogine (1991) e Capra (1996) “Sistêmico”; Moraes (1998), Boaventura Santos (1989) e Pimentel (1994) Paradigma Emergente. (BEHERNS, 1999, p.58)

O paradigma inovador além da sua multiplicidade de denominações engloba diferentes pressupostos e teorias novas. Moraes afirma que no paradigma emergente há uma aliança entre as abordagens construtivistas, interacionistas, socioculturais e transcendentais. O ponto de encontro entre os autores citados que contribuem para esse paradigma é a visão de totalidade e o desafio de buscar superar a reprodução do conhecimento na perspectiva da produção do conhecimento.

A influência paradigmática do avanço das ciências possibilitou uma nova visão para o mundo, para educação e para a prática pedagógica dos professores. Há dificuldade da vivência da inovação da prática pedagógica nas instituições de ensino devido às mesmas em sua maioria ainda apresentarem características da era industrial.

Behrens,

Nesse contexto, a maior dificuldade em redimensionar as instituições de ensino essa nova abordagem é a superação da visão fragmentada que se instituiu com o positivismo no processo pedagógico. Em nome da racionalidade científica e da revolução industrial, objetivou-se formar profissionais com ações competentes, eficazes, eficientes e produtivas. (1998, p.63)

A educação não considerou a sensação, nem a intuição, nem a paixão, nem os sentimentos, assentava-se na razão, sua competência e suas técnicas não serviram para a emancipação dos aprendizes, mas para a manutenção do poder financeiro. O desafio é a superação desse saber fragmentado que foi dividido nas escolas em disciplinas isoladas, semelhante ao trabalho industrial que se especializou e se repartiu em setores, que se restringe em tarefas estanques sem consciência global do processo e do produto.

No sentido da superação das práticas desumanizantes, contribuindo para reflexão sobre a mesma, Cardoso (1995) propõe que ser holístico na educação o professor deve buscar opções metodológicas que levem a criticidade, que sejam iluminadas pela preocupação futura da humanidade e das formas de vida do Planeta. O respeito às diferenças, estimula o desenvolvimento harmonioso nas dimensões da totalidade: física, intelectual, espiritual e emocional. Essa prática dá oportunidade para o novo e para as infinitas oportunidades para os seres humanos, o mesmo transcende seu papel se preocupando com os sentimentos e com a vida na sociedade.

No paradigma voltado para a aprendizagem, o ensino não é o foco principal, mas os aprendizes. “A ênfase deverá estar na aprendizagem e não no ensino, na construção do conhecimento e não na instrução” (MORAES, 1997, p.139).

A aprendizagem não é instrutiva, mas construída pelos aprendizes. Assim o conhecimento se origina na ação endógena dos sujeitos com os objetos, essa compreensão nos leva a perceber que é preciso mudar a direção da educação. A mesma para mudar para novos rumos deve vivenciar práticas inovadoras reintegrando os sujeitos na construção dos

conhecimentos, que valorize as experiências dos alunos e que tudo que construímos ou organizamos são na realidade experiências próprias.

Assim a aprendizagem depende de uma prática adequada para construção do conhecimento. O desafio atual é levar o indivíduo a manejar e a produzir conhecimentos capazes de desenvolver valores e atitudes que permitam a adaptação deles no mundo das mudanças e das novas exigências do mercado de trabalho. Essas práticas construtivas tem como base o construtivismo Piagetiano que traz as fundamentações teóricas mais importantes deste século, segue-se com o construcionismo de Papert, na teoria das inteligências múltiplas de Gardner, na pedagogia social de Freire (MORAES, 1997)

Segundo Moraes, (1997), na realidade com tantas transformações que vem ocorrendo no mundo, é preciso aprender a viver com as incertezas. Neste contexto é preciso desenvolver nos novos ambientes de aprendizagens a autonomia das crianças e dos professores para o aprender a aprender, isso significa terem condições de refletirem, analisarem, tomarem consciência do que sabem, que podem mudar os conceitos e conhecimentos possuídos, seja para processar novas informações, ou para substituírem os cultivados no passado e de adquirirem novos conhecimentos. No meio de tantas incertezas a educação deve prever o que é preciso aprender utilizando as metodologias adequadas que desenvolva habilidades que produzam conhecimentos que leve os questionamentos, as manifestações da curiosidade, da criatividade do posicionamento de sujeitos.

Para Carbonell a inovação pedagógica pode modificar e renovar os processos da prática pedagógica. Ela vai além da mudança. Define-a como um conjunto de intenções, de decisões, de sistematizações que pode modificar as atitudes, as culturas, ideias, modelos e as práticas pedagógicas que pode introduzi-las na linha renovadora novos projetos, novos programas, novas estratégias de aprendizagens, novos modelos didáticos, outras formas de organização e gerenciamento do currículo (2002).

A inovação pedagógica atualmente é considerada um processo aberto, não é um fim, mas um meio para transformar os sistemas educacionais. É um processo de evolução constante que seu conceito como diz Canário, (1992) não pode ser confundido como reforma, como mudança, como evolução ou renovação. (MESSINA, 2001 in PEREIRA, 2012)

Segundo Cardoso, (1992) a inovação pedagógica exige esforço, exige algo novo, ela traz algo novo, renova a prática pedagógica, valoriza a troca de experiência, os debates entre os

envolvidos no processo pedagógico levando aos resultados positivos necessários às instituições educacionais brasileiras por elas serem as instituições consideradas importantes para socialização, atuação histórica e científica para as novas gerações, pois deixou ser a única fonte que constrói conhecimentos.

A inovação da prática pedagógica é o desafio da escola na atualidade inovar para garantir sua permanência no mundo contemporâneo. Fino reforça que a interação social é um paradigma relevante para aprendizagem, sem a qual a escola não conseguirá desenvolver seu papel social. Para ele a escola mesmo tendo procurado substituir a interação social de Lave e Wenger (1991), não há dúvida que a ela pode constituir-se em campo para inovação se no seu interior houver movimentos com tendências para substituir as velhas práticas pedagógicas por outras inovadoras. Essa prática acontece quando se reúnem pessoas, entre elas alguns com o propósito de aprender alguma coisa, enquanto outras têm o propósito de facilitar ou mediar nessa aprendizagem, ou quando todos têm os mesmíssimos propósitos de aprender alguma coisa em conjunto (FINO,2008).

Diante desse disposto, os sistemas educativos da Europa encontram-se numa constante revisão levando em conta as mudanças que ocorrem na sociedade à educação e a formação de professores sentem-se forçadas a adaptarem-se as novas circunstâncias. As mudanças na sociedade têm a ver com os variados fatores como: a globalização, a aceleração do conhecimento, a explosão da sociedade da informação, o crescimento da diversidade cultural, etc. Com essas rápidas alterações surgiram as exigências das novas abordagens talvez mais radicais para que a educação tenha um papel activo no desenvolvimento das pessoas nos aspectos da redução da pobreza, da exclusão, da guerra da ignorância e da opressão (SOUSA, 2001)

De acordo com Fino (2008), a linha de pesquisa em Inovação Pedagógica instituída há algum tempo pelo Centro de Investigação em Educação da UMa propõe focar a atenção dos investigadores sobre estudos que levem a compreensão dos motivos que levaram a desadequação das escolas e dos sistemas escolares face as necessidades actuais de desenvolvimento cultural, económico e social como das experiências pedagógicas que destinem a reconciliação da escola e dos sistemas educativos, também as invariantes culturais que dificultam ou obstam a inovação pedagógica, como as fixações dos paradigmas ancorados no passado dos aprendizes, nas mudanças paradigmáticas locais e dos estudos prospectivos sobre educação. Esses tópicos além das tomadas da consciência da erosão escolar formal, da

necessidade de detê-la, com a necessidade de compreender o que será a inovação em termos conceptuais, quer em termos dos locais para onde se deve olhar quando se pretende pensar em inovação pedagógica.

Redefinido os conceitos de inovação Miles (1971), Correia (1989 in Fernandez) afirmam ser:

Útil definir a inovação como uma mudança deliberada, original, específica, que se supõe contribuir para aumentar a eficácia de um sistema na prossecução dos seus objetivos, considerando a intencionalidade e a promoção de objetivos que aumentem a eficácia do sistema como características fundamentais da inovação educativa. (FERNANDEZ, 2000, p.1)

Neste sentido de superação do esgotamento da escola a inovação pedagógica é definida como uma mudança deliberada, original e específica, para assinalar a ruptura das práticas anteriores. Ela contribui para aumentar a eficácia essa é a sua principal característica, a mesma promovendo os objetivos eleva a eficácia do sistema, carrega consigo a intenção de mudanças, entretanto nem toda mudança pode ser considerada inovação. Ela não se refere às práticas tradicionais do passado, não obedece a nenhum planeamento pronto, se reserva ao conceito de reforma para introdução de mudança prévia e planejada que se pretende aplicar nacionalmente.

Nesta perspectiva para Fino a inovação é considerada heterodoxa se assim não fosse não seria inovação. Devido a mesma sobrepôr as culturas escolares tradicionais para as novas culturas provavelmente estranhas aos olhares conformados com a tradição para esses olhares viciados pelas rotinas tradicionais escolares o caminho da inovação raramente passa pelo consenso ou pelo senso comum, assim torna-se complicado conceituá-la e torná-la consensual. O caminho acontece por saltos premeditados absolutamente assumidos em direção muitas vezes inesperada. Ela envolve obrigatoriamente as práticas, portanto não deve ser procurada nas reformas do ensino ou nas alterações curriculares ou programáticas, mesmo sabendo que ambas são importantes para facilitar ou sugerir mudanças qualitativas nas práticas pedagógicas. (2008)

Ainda para o autor a inovação pedagógica não acontece na educação institucionalizada, não é resultado de formação de professores mesmo que a boa educação seja determinante, ela acontece num processo dentro do ser humano, nunca de fora para dentro, a mesma implica reflexão, criticidade, sentido crítico e autocrítico, ela é sempre uma opção individual e local mesmo que seja inspirada ou estimulada por ideia e movimentos que extravasem do âmbito

local, podendo também dentro da escola envolver o risco de esbarrar contra o currículo, nos dias de desenvolvimento exponencial das ciências e das tecnologias, ela não é sinônima da inovação tecnológica (FINO, 2008)

Fino, (2008), a inovação pedagógica implica mudanças qualitativas nas práticas pedagógicas e essas mudanças envolvem sempre um posicionamento crítico, explícito ou implícito, faces às mudanças pedagógicas tradicionais. É certo que há factores que encorajam, fundamentam ou suportam mudanças, mas a inovação, ainda que se possa apoiar nesses factores, não é neles que reside, ainda que possa ser encontrada na maneira como são utilizados.

Parafraseando Fino, (2001), a inovação é mudança nas concepções de aula, nela aprendem-se novos conceitos, é preciso atirar-se ao novo, acreditando nas capacidades das crenças, é deixar-se disponível e aberto para aprender com elas, criando novas formas de avaliação, é envolver a comunidade na escola, é ver a criança, o jovem como seres globais, é preciso investir neles para o aprimoramento das suas capacidades de oralidade, cooperação, respeito aos colegas, é também fundamental a destruição do paradigma dominante, o principal entrave para o desenvolvimento da humanidade.

Acredita-se que apesar de tantas contribuições científicas e tecnológicas sobre a educação, nada contribuirá para humanização em sua plenitude enquanto os docentes permanecerem reproduzindo as práticas tradicionais. A inovação da prática pedagógica é o principal paradigma para a cidadania.

É rompendo com a prática desumanizante que haverá um salto, uma descontinuidade do velho e onipotente paradigma fabril descrito por Toffler (1970) e Gimeno Sacristan (1985) A inovação pode acontecer localmente no espaço físico ou virtual onde se movem aprendizes e professores funcionando como agente de mudanças. A inovação consiste na criação de contextos de aprendizagens e não de contextos de ensino presentes ainda nos hábitos escolares. Esse é o grande desafio no mundo atual para os educadores descontinuarem o paradigma do passado ainda contido no presente que não contribui para libertação dos aprendizes. (FINO, 2008)

Segundo (Fino, 2006) A inovação pedagógica não se trata de buscar soluções paliativas para instituições ou sistema educacional. Deve-se olhar para além delas e partir para ruptura do paradigma tradicional em prol da sustentação da instituição escolar e do sistema de ensino que correm o risco do declínio, não há mais espaço para esse paradigma estático e excludente e

formas paliativas não dão solução, o paradigma emergente é pensar holisticamente e atuar no futuro.

Confirmamos a importância da superação do paradigma fabril com Toffler (1970 p.104):

Um grande desafio da ciência contemporânea: Criar e transmitir o conhecimento necessário a que se compreenda e faça frente a um futuro que continua em grande parte desconhecido. Para uma resposta adequada, talvez seja necessário nada menos que uma revolução na ciência social-revolução nas teorias e perspectivas dominantes, na metodologia, no conteúdo do que se ensina, e nas próprias técnicas de ensino.

Nessa perspectiva de Toffler percebemos que são grandes os desafios, pois na verdade tudo que está relacionado com a educação precisaria ser repensado, mas no contexto de inovação pedagógica abordaremos as metodologias como precursoras de melhoria da qualidade do ensino e da aprendizagem, objetivando tornar o aprendiz construtor do seu próprio conhecimento.

Novos ambientes educacionais inovadores serão abertos ao público, porém faz-se necessário a favor da humanização. Os inovadores educacionais devem estar cientes de que para serem bem sucedidos eles devem ser sensíveis ao que acontece na cultura circundante e suas tendências culturais dinâmicas como meio de atingir suas intervenções educacionais”. (PAPERT, 1986. p. 215-218)

A tecnologia educacional tornou-se onipotente na cultura, são consideradas pessoais que entrou na vida das pessoas, onde o educador deve considerar o computador na realidade cotidiana. Nos últimos anos cresce o avanço tecnológico, mas também cresce o movimento social relevante na política da educação. A educação tradicional será extinta, pois os pais passarão a tirar os filhos da escola e educá-los em casa, pois a escola não cumprindo sua missão, a saída para os pais das crianças será a aprendizagem construída nos ambientes computadoriais. Também há a preocupação que seja sempre para construção do conhecimento significativo. Essa questão é cultural, não econômica, pois o computador estará presente em todas as residências.

Neste sentido a inovação da prática pedagógica é o novo caminho para humanização. Na mesma faz-se necessário que o estudante seja o foco incluindo suas convicções, processos de pensamento e de conhecimentos. Para Steffe e Galle as visões dos aprendizes e dos professores devem se basear no construtivismo, onde os mesmos são autores ativos engajados

na construção do conhecimento trazendo consigo seus conhecimentos anteriores para enfrentarem as novas situações de aprendizagem, os debates entre os alunos servem para a organização dos pensamentos, são também valorizados na aprendizagem os jogos, as pesquisas, o diálogo, há estimulação ao consenso entre os vários significados encontrados e construídos pelos mesmos. Neste contexto o professor é apresentador, um facilitador de experiências, a tarefa pedagógica é criar situações de aprendizagem facilitadoras da construção individual do conhecimento (BENAIM, 1995).

A dimensão da inovação pedagógica proposta por Fino (2007) está relacionada ao princípio emancipatório dos aprendizes por considerar que para que haja a emancipação, há a necessidade de um processo de ruptura do paradigma tradicional que gera a crise com a ordem pré-estabelecida, a que não reconhece nem considera o exercício crítico-reflexivo, nem a relação dialógica em uma sala de aula, distanciando consideravelmente as proposições de inovação na perspectiva da emancipação e edificação de sujeitos, sendo este um desafio para a prática inovadora.

Corroborando com Fino (2011) a inovação pedagógica é algo que deve romper com os contextos do passado criando os contextos do futuro. Para ser um inovador precisa-se que tenha uma atitude definitiva e buscar contagiar e conquistar sempre os parceiros do espaço pedagógico onde estão inseridos. Nessa concepção faz-se necessário se ter uma nova filosofia que fundamente a educação como também a escola da seguinte maneira: que haja uma transformação paradigmática pespectivada por Khun 1996, in Fino, 2011; como toda constelação de conceitos, crenças, valores e técnicas compartilhadas pelos membros de uma comunidade.

A inovação pedagógica impõe uma ruptura epistemológica, o rompimento definitivo do paradigma tradicional que marginalizou as massas populares ao longo dos anos nas escolas. Não basta na prática o faz de conta que inovou buscando soluções paliativas, é necessário na atualidade buscar soluções imediatas para permanência da escola e para o sistema educacional brasileiro que está cada vez mais apresentado como deficitário, a beira do declínio total (FINO, 2006).

3.2- Cenários necessários para a educação do futuro

O mundo globalizado, sem fronteiras onde tudo está interligado, as partes formam o todo e o todo se faz presente nas partes, a tecnologia da comunicação e da informação a cada dia se inovam e repassam tudo que é de interesse da ideologia dominante.

A sociedade atual para uns é considerada da informação, para outros como a era do conhecimento, para Marvin Minsky é a sociedade da mente. Essa nova concepção paradigmática nos leva a compreendermos que já estamos muito além dos poderes das tecnologias da informação e da mente individual quando percebemos que essa nova era engloba além das questões tecnológicas, outras relações que incluem as conexões inter, intra e transpessoais.

É um movimento rumo ao desenvolvimento da compreensão, da autoridade interior, da integração da humanidade, da responsabilidade social e planetária, que traduz também o reconhecimento do próprio espírito humano. Um movimento que implica o desenvolvimento da inteligência, do pensamento de qualidade superior, que envolve a criatividade e racionalidade em direção a evolução da consciência individual e coletiva, em busca de justiça, paz e harmonia (MORAES, 1997, p.210).

A era das relações significa uma nova fase de evolução da humanidade onde há a prevalência do poder do indivíduo e das sociedades. Novos cenários diferentes predominam nos sistemas das comunicações caracterizados nos sistemas tecnológicos, interpessoais e mais além nas relações intra e transpessoais. Neste contexto os cenários educativos podem facilitar a transição entre a Era Material e a Era das Relações corrigindo os desequilíbrios, as injustiças, como também as desigualdades.

No ritmo acelerado de mudanças, o passado e o agora desaparecerão, pensar no futuro é preciso. A mudança será contínua, adaptar-se nela é o paradigma. Para Toffler, “O indivíduo de amanhã terá de lidar com mudanças ainda mais febris do que as que enfrentamos hoje. Para a educação, a lição é clara: seu principal objetivo deve ser aumentar a capacidade de luta do indivíduo” (1970, p.324)

A educação deve aumentar a capacidade de luta das pessoas para o processo de adaptação nas aceleradas e contínuas mudanças, o passado e o presente não precisam ser entendidos, mas pensar no futuro dos educandos e dos educadores. A educação do futuro superindustrial deve conter as alternativas do futuro sobre empregos, profissões, sobre tipos de famílias e relacionamentos humanos, tipos de problemas éticos e morais, tipos de tecnologia

que nos cercarão e sobre as estruturas empresariais que deveremos lidar. Como as gerações vão encarar esses dilemas e como vão lidar com eles, só através de pressuposições, debates, sistematizações e atualizações contínuas, nesta perspectiva faz-se necessário os movimentos de massas sensíveis ao futuro.

No mundo globalizado, das constantes mudanças, das grandes transformações, da sociedade mutável, não há mais certeza, nem segurança no futuro.

Neste contexto os Cenários surgem como instrumentos para aprender sobre os pressupostos usados pelos decisores políticos. “Os cenários são umas ferramentas para nos ajudar a ter uma visão geral num mundo de grande incerteza” (SOUSA, 2004, p. 3).

Historicamente o passado deixou a desejar causando desastrosas sequelas que prejudicaram o presente e o futuro tornou-se inseguro, duvidoso e incerto, nesse contexto os cenários são os novos paradigmas para sociedade futura, eles apresentam muitas alternativas sonhadas para os possíveis futuros. Não há fórmula pronta de como saber, como descobrir e como conhecer o mundo do amanhã, o que necessita-se é planejar cenários com visão holística do mundo das incertezas, de variadas tendências e perspectivas.

Uma nova visão de mundo se faz precisa no século atual. Os mesmos impõem mudanças na sociedade presente na perspectiva da sustentabilidade futura. “O uso dos cenários está relacionado com visões sobre o impulso das mudanças na sociedade” (SOUSA, 2004, p.3). Eles são ferramentas relevantes para que haja nas pessoas uma visão geral do mundo das incertezas, também pode ser usado para facilitar os consensos nas tomadas de decisões.

Para Sousa, (2004), a educação não melhorará se baseando nos problemas de hoje, de ontem e em algum tipo obscuro de prevenção para o futuro. É preciso que haja sensibilidade para as tendências e mudanças. O olhar para o futuro implica grande dose de incerteza, sentar-se comodamente pensando no futuro não é suficiente. Neste sentido as tendências devem ser interpretadas levando em conta as probabilidades de mudanças e conexões com outras tendências tornando necessário algum tipo de metodologia.

A educação antidialógica do passado persiste ainda no presente na maioria das escolas, a qual colocou em risco a educação do futuro. Os problemas da educação de ontem e de hoje vêm comprometendo o futuro. Pensando nos ingredientes necessários para educação de amanhã o paradigma dos cenários educativos contribuem para as políticas educacionais e para a

inovação pedagógica. (...) “Torna-se necessário um absoluto repensar dos objetivos da educação” (SOUSA, 2001, p.5)

Neste sentido o risco é a educação estar sempre a reboque das necessidades da sociedade. Para que haja cidadãos críticos, intervenientes, ativos e participativos, o currículo deve se projetar no futuro. Diante da necessidade da educação o que o ser humano precisa no mundo atual e posteriormente são crescentes estudos de estratégias de pensamentos prospectivos nos decisores políticos e líderes educacionais no campo da educação.

Para Amaral, (2002) há necessidade de ampliação dos cenários educativos, neste caso sugere o uso da Internet como ferramenta para pesquisa e de suporte, podendo ampliar novos horizontes pedagógicos, visando o crescimento da educação sem as fronteiras físicas. Não há mais como a escola ser a única fonte de informação no mundo atual, a internet vai além atingindo grandes públicos de todas as idades e locais, é necessário que os cenários sejam vivenciados neste espaço de construção de novos paradigmas educacionais presentes e futuros.

Na maioria dos casos, as políticas educacionais e de inovação, ao nível nacional e institucional, tratam de problemas que se vivem dentro da infraestrutura educacional existente: não são as necessidades do amanhã ou as mudanças a operar na sociedade que definem hoje os desenvolvimentos educacionais, mas os problemas organizacionais das nossas escolas. Mais ou menos assim, as mudanças educacionais são antes um resultado e uma resposta aos problemas de hoje ou de ontem. Se este for o caso, torna-se necessário um absoluto repensar dos objetivos da educação. Neste sentido, há o risco de que a educação esteja sempre a reboque das necessidades da sociedade. As decisões do currículo têm necessariamente de se projectar no futuro, se quisermos cidadãos activos, intervenientes. (DELORS, 1996).

De acordo com Moll, na educação os cenários familiares são ricos em conhecimentos (1990-2000) e Greenberg (1990) seguem uma semelhante abordagem com Vygotsky, pois é no processo de interação que as compreensões acadêmicas se enriquecem com as compreensões adquiridas com a participação em comunidades que acumulam. Para Moll, as escolas devem recorrer às contribuições cognitivas e sociais dos pais, como também de outros membros da comunidade para o desenvolvimento da criança. Os estudos antropológicos realizados em grupos nos cenários familiares perceberam as riquezas de conhecimentos encontrados nos cabedais de conhecimento e como constroem e adquirem aprendizagens nessa comunidade,

neste espaço as crianças alcançam valiosos resultados. Constatase que neste contexto há conexão entre os recursos intelectuais de casa e da escola. (1996)

Os cenários educativos prospectivos devem ter como base um currículo emancipador. Macedo sugere o currículo por temas geradores e por problematização inspirado no pensamento freireano como ferramenta importante por facilitar a articulação do trabalho pedagógico com a realidade sociocultural dos aprendizes na aprendizagem curricular, com os saberes acumulados historicamente pela humanidade a que todos têm direito de acesso, com os interesses.

Os temas vão mobilizar um clima de trabalho conjunto e de cooperação a medida que os conhecimentos vão sendo coletivamente construídos, ao mesmo tempo em que são respeitados os interesses individuais e os ritmos diversificados de aprendizagem. (MACEDO, 2011, p.102)

O currículo neste contexto de trabalhar com temas geradores, o professor propõe, os grupos detectam, ele não se identifica com a simples transmissão de conhecimentos, nem com atividades realizadas nos centros de interesses, mas na procura a ampliação do horizonte de investigação e de aprendizagem, explora os fatores sociais e culturais desde o ponto de partida ao seu desenvolvimento. O trabalho realizado na interação das áreas de conhecimento com os temas geradores há superação da fragmentação e de informações muitas vezes irrelevantes, comum nos atuais currículos. É fundamental neste contexto uma práxis transformadora das iniquidades sociais dentro e fora dos cenários educacionais.

3.3 - As tecnologias como instrumentos facilitadores da aprendizagem

O mundo atual e futuro necessita das tecnologias como forma de mudar o ambiente de aprendizagem, onde a escola tem continuado com as dificuldades de aprendizagens, mesmo com os custos elevados, os sucessos são limitados. Nesta perspectiva segundo Papert (1980), as tecnologias surgem como um meio de contornar a situação da escola a serviço dos aprendizes nos seus ambientes naturais.

Neste sentido Seymour Papert no mundo das tecnologias dá sua contribuição como um dos autores fundamentais no mundo dos computadores na educação, é conhecido sobre a utilização dos computadores na escola. Seu campo de estudo foi a matemática disciplina que fez seu doutoramento, como também estudou ciências cognitivas, ciências da computação, dedicando-se, sobretudo a informática. Passou anos em Genebra. Lá foi colaborador de Piaget

na investigação de desenvolvimento da criança Nasceu nos Estados Unidos, viveu até a juventude na África do Sul, faleceu com 83 anos, ficou conhecido com o trabalho desenvolvido por LOGO, uma linguagem para fins educativos. (PAPERT, 1996)

A melhor forma de aprender é logo na infância com a língua materna natural como Piaget defende na sua teoria. Papert como seu colaborador considera que a máquina comandada logo cedo tem positivamente colaborado para aprendizagem natural da criança.

Relativamente à aprendizagem, a sua ideia fundamental é que deve ser a criança a comandar o computador e não este a comandar a criança. No que respeita a estas tecnologias, ele discorda tanto dos críticos – que consideram que elas vão trazer, inevitavelmente, muitos mais prejuízos do que benefícios – como dos utópicos – que valorizam, sobretudo, os respectivos aspectos positivos. (1996, p.8)

Enquanto que na escola os alunos têm dificuldades de aprender alguns assuntos e não despertam interesses, neste sentido a tarefa educativa é criar contextos adequados para que a aprendizagem se desenvolva naturalmente. Para ele o uso das tecnologias traz efeitos positivos e negativos depende de como é utilizada e da escolha do material adequado. Neste sentido há programas que permitem o uso crítico e enriquecedor no computador.

O desenvolvimento da filosofia educacional LOGO foi desenvolvida por Papert em meados dos anos 60 e no início dos anos 70, a mesma considera o computador como uma ferramenta que propicia à criança as condições de entrarem em contato com algumas das mais profundas ideias em ciências, matemática e criação de modelos. Nela o erro é tratado na tentativa de acerto, essa fase é necessária para a nova estruturação cognitiva. Essa linguagem é desafiadora, podendo ser usada por alunos de todas as idades, ou por qualquer usuário que tenda interesse de criar e de construir conhecimentos, ela tem sua importância em relação ao desenvolvimento cognitivo, afetivo e emocional dos alunos (1994).

Não se trata simplesmente das mudanças curriculares ou de resultados de testes, mas de alterações nos relacionamentos humanos, especialmente as relações ligadas a aprendizagem, como intrafamiliares, entre professores e alunos, entre gerações, entre pares de interesses comuns. Mesmo havendo discussão entre os utópicos e os críticos, o autor está convencido de que o modo como a criança aprende utilizando o computador vai melhorar extraordinariamente a aprendizagem e luta frequentemente contra os que sustentam que os computadores não desempenham grande papel na educação (PAPERT, 1996).

Na realidade as escolas precisam ver o que está sendo feito, Papert age ruidosamente com a forma como as coisas são feitas nas escolas, suas visitas nas mesmas o deixaram acabrunhado.

Em primeiro lugar, a aprendizagem é mais bem sucedida quando o aprendiz participa voluntária e empenhadamente. Em segundo lugar, a existência de decepção e de desonestidade no processo de ensino contraria a ideia de que as escolas devem fomentar valores morais, tanto quanto o conhecimento da matemática ou da história. (1996, p.43)

O ensino tem sido oferecido de forma memorizante e mecanicista. Como exemplo o autor cita como a escola trabalha a tabuada, apesar do uso do computador, em sua maioria vem mantendo os velhos métodos de ensino e copiando suas piores e repetitivas características tradicionais, mais ainda fazendo o trabalho com um espírito perigosamente desonesto apresentando o método como se fosse um jogo, introduzindo um elemento de engano minado dos principais princípios educativos.

O uso do computador é um instrumento facilitador para aprendizagem. Nessa realidade ele não contribuirá para mudar a prática da aprendizagem antidialógica, visto que o professor ainda não desenvolve práticas pedagógicas emancipatórias. Se os aprendizes não participam voluntariamente na construção da sua aprendizagem, onde a prática educativa não fomenta os valores morais, esse paradigma não é emancipador com ou sem o uso das tecnologias (PAPERT, 1996).

Aprender para Papert (2008) não é um ato natural tratando-se da aprendizagem escolar. As escolas jamais vão conseguir um completo sucesso enquanto o professor continuar sendo um técnico. Muitos deles já vêm resistindo e defendendo a não-tecnificação. A mais recente onda da tecnologia na educação mundial foi o surgimento dos notebooks para os alunos do ensino fundamental e do ensino médio. O autor reafirma que o computador na educação é importante por dar ao aprendiz autonomia intelectual, deve partir dos primeiros anos de escolarização, tornando as crianças mais independentes dos adultos sendo provedoras de informação. Sugere que o computador para o aprendiz deveria ser como um livro, como um caderno. Esse seu pensamento serve também para os estudantes adultos exercerem as atividades intelectuais e quando precisarem se deslocar levem seu computador para suas atividades e contatos.

Neste contexto a aceleração das fontes de conhecimento nas últimas décadas, deve-se a utilização do computador. Ele tornou-se a força magna na aceleração dos conhecimentos.

Segundo (TOFFLER, 1970, p. 37).

A tecnologia no entanto deve ser encarada como uma grande máquina, um poderoso agente acelerador, então o conhecimento deve ser encarado como seu combustível. E assim chegamos ao ponto crucial no processo de aceleração da sociedade, pois a máquina está sendo alimentada a cada dia com um combustível cada vez mais rico.

O computador gerou novas ideias nos homens e nas mulheres, na filosofia, na psicologia familiar, como se aprende, como se recorda, são várias hipóteses promovendo a difusão dessa tecnologia. O conhecimento é considerado o mais importante combustível para o desenvolvimento da sociedade. Nos últimos dez anos o ser humano vem armazenando conhecimento, pois durante séculos perdeu essa oportunidade. O homem vem descobrindo conhecimentos continuamente, uma prova é a aceleração da publicação de livros, com o crescimento dos inúmeros artigos publicados em revistas científicas, tal como a produção industrial nos países avançados, o que vem se aprendendo nas últimas três décadas, a extensão do conhecimento vem sendo comprovado na história da humanidade.

Papert acredita que as tecnologias contribuem para a aprendizagem fora da sala de aula. Ele vendo as salas de aulas como um ambiente artificial de aprendizado que a sociedade forçadamente a inventou ao longo dos anos, propõe os ambientes informais de aprendizagem, devido ao fato das salas de aulas em sua maioria ainda estarem inadequadas para a aprendizagem de domínios importantes do conhecimento como a escrita, a gramática e a matemática. Acredita-se que a presença do computador permite mudar o ambiente de aprendizagem de tal forma que todos os programas que elas têm atualmente facilitem vencer as grandes dificuldades de construir aprendizagens; só assim seu limitado sucesso será compreendido como a criança aprende a falar menos dolorosamente com êxito e sem nenhuma instrução organizada (1980)

A mediação pedagógica e o uso da tecnologia são fatos importantes. Com o surgimento da informática e da telemática os professores, alunos, sociedade têm oportunidades de contato com as informações novas, pesquisar e fazer produções científicas, desenvolver a autoaprendizagem e interaprendizagem com o uso dos microcomputadores encontrados nas residências, escritórios, bibliotecas, nas escolas, nos locais de trabalho, nas diversas formas de construir conhecimentos como: trabalhos científicos, filmes, vídeos, imagem, som, etc. o computador também desenvolve a criatividade e a curiosidade para buscar coisas novas,

capacidade para se expressar, refletir e discutir valores contemporâneos e emergentes na sociedade e na profissão. (ibid, 2003, p 136)

Neste sentido, o autor afirma que não é possível se falar em tecnologias em educação sem abordar o processo da aprendizagem. Mesmo sabendo que as tecnologias não resolvem os problemas da educação no Brasil, mas usada adequadamente pode colaborar para o desenvolvimento dos estudantes.

(...) a tecnologia apresenta-se como meio, como instrumento para colaborar no desenvolvimento do processo de aprendizagem. A tecnologia reveste-se de um valor relativo e dependente desse processo. Ela tem sua importância apenas como instrumento significativo para favorecer a aprendizagem de alguém (MASETTO, 2003, p. 139).

Na escola o professor é o transmissor de conhecimentos e o aprendiz o receptor, outro rumo é preciso neste século para aprendizagem significativa: o sujeito que aprende que busca informações dá significado ao seu conhecimento, produz reflexões, conhecimentos próprios, pesquisa, dialoga, desenvolve competências, integra conceitos teóricos, muda comportamentos, dá sentido as práticas de vida cotidianas, desenvolvendo sua criticidade, cresce e se desenvolve. No ensino superior o desenvolvimento humano envolve diferentes áreas de conhecimento, também a sensibilidade, competências, atitudes e valores. Esse desenvolvimento humano é visto como um todo, na totalidade envolvendo todas as idades, momentos, estado da existência, ou seja, por toda evolução humana.

Segundo Fino, (2009) a incorporação da nova tecnologia na educação não é sinônimo de inovação pedagógica. Necessita-se da abordagem construcionista com a ideia de escrutinar como seu corpo teórico pode dar suporte a criação de contextos de aprendizagem com o apoio das tecnologias dentro e fora da escola, ultrapassando a relação tradicional para ambientes de aprendizagens centrados nos aprendizes e os mesmos empenhados no processo que dura toda vida.

O construcionismo surge nesta perspectiva. Papert (1988) fundamentado na teoria construtivista de Piaget define o construcionismo como uma teoria de construção de conhecimento pelo aluno por meio do computador. Nela se explica as relações entre os aprendizes e o computador para produzir o máximo de aprendizagem com o mínimo de ensino. A mesma também valoriza as estruturas cognitivas dos sujeitos partindo das suas ações, tendo como foco central a mente. Admite que a tecnologia terá um papel essencial sobre a educação do futuro.

Segundo Fino, (2004) o pensamento construcionista acrescenta algo ao ponto de vista construtivista, no construtivismo o sujeito é considerado o construtor ativo da sua aprendizagem colocando-se contrário aos modelos passivos de aprendizagem e de desenvolvimento.

O construcionismo é uma corrente teórica importante empenhada em explicar como a inteligência humana se desenvolve, partindo do princípio de que o desenvolvimento da inteligência é determinado pelas ações mútuas entre o sujeito e o meio. A inteligência humana não é inata, os sujeitos não são passivos sobre as influências do meio, que os mesmos respondem aos estímulos e agem sobre eles para construir e organizarem os seus próprios conhecimentos de forma cada vez mais elaborada. Piaget se destaca nesta corrente teórica explicando como se desenvolve a inteligência humana (ALTOE e PENATI, 2005).

Pensando no desenvolvimento da aprendizagem construída pelos alunos, Papert propôs uma metodologia ou filosofia a linguagem de programação Logo que embasou a abordagem construcionista. Além do Logo o advento das novas ferramentas de informática, outros ambientes computacionais surgiram: internet, programas aplicativos (processadores de textos, planilhas eletrônicas, gerenciadores de banco de dados) jogos, simuladores e outros. Segundo os princípios construcionistas propostos pelo autor (1985-1994).

Neste sentido Papert (1988), fala dos princípios matemáticos e heurísticos para promover a aprendizagem. A matemática é conceituada como o conjunto de princípios norteadores que regem a aprendizagem. O fundamental é que o conhecimento trabalhado tenha sentido para o aluno, que a aprendizagem seja sintônica. Quanto a heurística é o conhecimento que leva a resolução de problema e a matemática é para aprendizagem.

Para Valente (1999), a introdução da informática na educação necessita de uma revisão da prática pedagógica, onde o professor não impõe o seu saber ao aluno, acompanha, sugere, questiona, incentiva e aprende junto com ele. Sendo necessário que o professor conheça os recursos computacionais de forma crítica, assim a ação pedagógica deve promover a construção do conhecimento pelo aluno. Tais ações são voltadas para uma educação contextualizada, de acordo com a realidade social desenvolvendo no educando a autonomia, a criatividade, a cooperação, o pensamento crítico – reflexivo para cidadania.

PARTE II – O ESTUDO EMPÍRICO

CAPÍTULO IV- PERCURSO METODOLÓGICO

4.1- Pesquisa Qualitativa

Para Peters, (1937), a preocupação dos educadores era com a mensuração quantitativa, as estratégias qualitativas de campo no contexto social, tornaram-se menos relevantes para esses educadores, assim a sociologia dominava a investigação educativa. Entre os anos de 1893 a 1935 realizou-se centenas de doutoramento em Chicago, contudo, só duas delas se referiam a educação. Em 1927, Ellworth Faris, no jantar anual da sociedade americana de sociologia aproveitou a oportunidade chamando a atenção dos presentes para importância do campo da sociologia da educação alertando-os para o problemas desse campo. “Ainda que a quantificação representasse a tendência dominante no tocante a sociologia da educação (Peters 1937. Snedden, 1937), apareceram algumas exceções, particularmente o trabalho de Willard Waller” (BOGDAN e BIKLEN, 1994, p.30).

O autor fez o mestrado em Chicago na sua abordagem defendeu a sociologia educativa empírica, mas totalmente antiquantitativa, se baseou no contato social, se preocupou com a relação entre as partes e o todo, também nas entrevistas em profundidade, nas histórias de vida, na observação participante, nos registros dos fatos, nos diários, cartas, etc, para descrever o mundo social entre os professores e os alunos, considerados seres humanos integrais, enlaçados num labirinto de interconexões sociais, assim a escola é um mundo social por a mesma ser habitada por alunos.

O aspecto qualitativo da pesquisa social situa-se no fato de não se partir de qualquer prefixação hipotética sobre os valores a serem pesquisados, como verdades prontas, mas alcançar sua compreensão na interação com a comunidade escolar na medida em que os participantes concordem, permitam que tenhamos acesso a suas produções em sala de aula, aceitem participar das entrevistas, pois a linguagem falada e escrita são fundamentais, assim como as narrativas de vida.

Concordamos com Sousa (2000), a abordagem qualitativa quebra a hegemonia das formas tradicionais de se praticar pesquisa. Não mais procurando encontrar explicações saindo

do contexto dos indivíduos, mas ponderando a sua própria história, bem como as marcas culturais, a formação social da qual fazem parte, os aspectos afetivos e ideológicos, entre outros.

Nas pesquisas qualitativas as observações realizadas no lócus são os instrumentos ou as técnicas que ajudam a desvendar os fenômenos e os fatos. Como também, as histórias de vida dos sujeitos, questionários e as entrevistas semi-estruturadas, a qual facilita a obtenção dos dados qualitativos (OLIVEIRA, 2008).

Na pesquisa de abordagem qualitativa, permitiu a investigadora trabalhar os resultados que foram obtidos com as observações, com as entrevistas e com o questionário na tentativa de compreender como se processavam os pressupostos da investigação.

A respeito da pesquisa qualitativa,

A abordagem qualitativa parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito. O conhecimento não se reduz a um rol de dados isolados, conectados por uma teoria explicativa; o sujeito-observador é parte integrante do processo de conhecimento e interpreta os fenômenos, atribuindo-lhes um significado. O objeto não é um dado inerte e neutro; está possuído de significados e relações que sujeitos concretos criam em suas ações (CHIZZOTTI, 1998, p.79)

Na pesquisa de abordagem qualitativa há relação entre o mundo real com o sujeito, há uma interdependência entre o sujeito e o objeto e não se separa o objetivo da subjetividade, como também os conhecimentos não partem de dados isolados ou por uma teoria explicativa. Nela o observador é uma parte integrante na construção dos conhecimentos com capacidade de interpretar os fenômenos e atribuir-lhes significados.

Nossa intenção é que esses estudantes sejam protagonistas da pesquisa e não meros espectadores. A mesma intervirá na realidade, utilizando o grupo focal para o aprofundamento nas entrevistas. Assim, nas pesquisas de campo as técnicas se adequam ao objeto de estudo, através da utilização dos questionários, das entrevistas, observação participante. A pesquisa etnográfica exige que haja uma participação do pesquisador no processo da observação e uma interação com os autores sociais da mesma (OLIVEIRA, 2008).

Para o autor, na descrição etnográfica no campo da educação os etnometodológicos usam dispositivos variados de coleta de dados como: observação participante, entrevistas, estudos de relatórios, resultados dos testes, gravações em vídeos nas aulas e nas entrevistas,

gravação de comentários, entre outros, são procedimentos do método etnográfico (COULON, 1995).

4. 2- Etnografia

A palavra Etnografia nas suas raízes etmológicas, decompomo-la em Ethnos (grupo de pessoas) + Graphein (escrever) a cerca de um grupo de pessoas. Nela o pesquisadora etmologicamente esteve atenta e teve uma base sólida do ambiente de atuação e para conhecê-lo só pela etnografia (FINO, 2011).

Segundo Lapassade, ‘‘A etnografia etmologicamente significa (grafia) de um ethnos (termo que designa um povo uma cultura’’), (2005, p.148).

O trabalho etnográfico é composto por instrumentos valiosos como observação participante, as entrevistas etnográficas que depende da observação participante e análise dos materiais oficiais e pessoais realizados pelo pesquisador e pelo sujeito (LAPASSADE, 2005).

Optou-se pela abordagem etnográfica, nesta, faz-se necessário considerar não apenas a posição do pesquisador, mas também dos demais participantes. E mais, como estes veem o pesquisador-observador como o pesquisador é de fato recebido pelo grupo.

Nessa perspectiva a etnografia tem a missão de oferecer os elementos indispensáveis para o pesquisador observar, questionar para que equipados de informações possam descrever e compreender e interpretar as práticas pedagógicas, numa expectativa de práticas culturais.

A etnografia é de extrema importância na escola para a formação teórico-metodológica e crítica tanto do professor como dos alunos, ela parte da base filosófica e sociolinguística, calcada na descrição reflexiva, também da pertinência de um trabalho contextualizado construídos na prática etnográfica que nasce no interior das práticas pedagógicas (MACEDO, 2010).

A etnografia tem sua importância oferecendo a investigadora os meios que facilitam a aprendizagem na escola. Para Fino, (2011, p.100) ‘‘se é verdade que a etnografia pode ser um utensílio poderoso para a compreensão dos fenômenos de inovação, não é à etnografia, enquanto área de conhecimento, que compete definir inovação pedagógica’’. Nessa perspectiva

a etnografia tem a missão de oferecer os elementos indispensáveis para o pesquisador observar, questionar para que equipados de informações possam descrever, compreender e interpretar as práticas pedagógicas, numa expectativa de práticas culturais. A presente escola campo de investigação possibilita o debate epistemológico sobre a validade dos conhecimentos que foram obtidos através dela.

É na encruzilhada entre o currículo e a Etnografia que o professor investigador assume sua profissão, neste contexto como afirma Fino (2005) não devendo abstrair-se da sua subjetividade, fazendo uma análise auto-reflexiva introspectiva de sua identidade para poder como etnógrafo entrar no mundo do outro. (...) “Para se fazer etnografia da educação, nomeadamente para investigar inovação pedagógica, não basta saber etnografia, nem é suficiente ser portador do senso comum sobre educação” (in FINO, 2011, p.100).

Neste sentido a investigadora deveria conhecer o senso comum, aprendizagem significativa e inovação pedagógica, pelo menos, as linhas gerais no campo das ciências, onde os assuntos estão inseridos e a contribuição dos principais precursores. Também conhecer as metodologias adequadas a investigação e as limitações da mesma (FINO, 2011).

A investigação etnográfica um dos seus essenciais princípios é a permissão da investigadora por tempo prolongado de (abril a dezembro de 2014) no campo de investigação, a essa estratégia utilizada pode ser denominada por observação participante, como trabalho de campo ou como pesquisa no terreno (AFONSO, 2005 in FINO, 2011).

A etnografia possibilitou no contexto escolar o contato direto com os alunos, com a professora, com a gestora com quem a investigadora precisou compreender sobre a participação dos pesquisandos nas oficinas culturais, gincana pedagógica, projetos e programas, se a escola é democrática, se ela trabalha de forma participativa, como se relaciona com a comunidade, se os saberes dos alunos merecem valorização na construção da aprendizagem e se as ciências são trabalhadas inter e multidisciplinar nas ações pedagógicas e sobre a equipe pedagógica.

Como também sobre sua participação nos sábados na oficina do Cavalo Marinho na escola Frei Caneca acompanhando os alunos numa comunidade rural localizada no engenho Poço Comprido – Vicência-PE.

Com o pessoal da secretaria da escola foi possível saber sobre o conselho escolar, sobre o histórico da escola, sobre horários de funcionamento, número de alunos, de funcionários,

sobre o projeto político pedagógico, sobre os programas e projetos atuais, sobre os transportes dos alunos e dos professores, os dados da turma: quantitativo, endereços, idades, frequência e desempenhos dos pesquisandos, entre outros.

4.3- Instrumentos da Pesquisa

4.3.1- Observação Participante

A observação é considerada uma das mais importantes fontes de informação nas pesquisas qualitativas em educação. É na observação que foram realizadas as anotações cuidadosas no diário da investigadora que constitui os dados da pesquisa.

Neste sentido a qualidade dos dados observados depende em grande parte, da maior ou menor habilidade do observador, como também da capacidade de observar (GATTI, 2012).

A observação foi um instrumento utilizado pela investigadora na sala de aula na escola lócus da pesquisa, na disciplina de Geografia de forma organizada e planejada, observando os sujeitos nas situações vividas e descrevendo os elementos observados, pois se tratando de uma pesquisa qualitativa a observação participante fez-se necessária.

A observação aconteceu de forma participativa nos diversos aspectos do contexto escolar. A partir da presença em sala de aula foi possível coletar informações relativas às atividades realizadas, informações e acompanhamento do trabalhado pelo grupo presenciando os momentos vividos na sala de aula.

Também foi possível observar e perceber as ações da professora no período de nove meses.

Alguns cuidados foram precisos na realização da coleta no campo da pesquisa desde os primeiros aos últimos contatos com os pesquisandos em relação aos instrumentos utilizados e materiais de apoio como celular, câmera, explicação das questões, conversas contínuas para deixá-los a vontade para as respostas.

A observação possibilitou a presença da investigadora na escola no período de abril a dezembro de 2014.

Como afirmam André e Ludke:

[...] a observação possibilita um contato pessoal estreito do pesquisador com o fenômeno pesquisado, o que a apresenta uma série de vantagens. Em primeiro lugar, a experiência direta é sem dúvida o melhor teste de verificação da ocorrência de um determinado fenômeno. “Ver para crer”, diz o ditado popular (LUDKE e ANDRÉ 1986, p.26).

Segundo Ludke e André (1986), a observação é considerada como principal método de investigação, já que possibilita um contato maior entre a pesquisadora e o objeto de pesquisa. A observação aconteceu em diversos aspectos do contexto escolar. A partir da presença em sala de aula foi possível coletar informações relativas às atividades realizadas e no acompanhamento do trabalho pedagógico da professora de geografia. Observando no dia a dia, a professora não trazia nada pronto tudo partia dos seus questionamentos e os alunos ficavam muito a vontade para dialogar na aula contribuindo na construção da aprendizagem, como também foi possível observar e perceber as ações dos sujeitos nas atividades e como o senso comum é utilizado na construção da aprendizagem significativa da geografia crítica.

A observação participante é considerada uma das bases metodológicas da etnografia, a mesma termina assumindo o sentido de pesquisa participante. Pois um dos argumentos que estão contidos nos pressupostos epistemológicos da observação participante “é que a ciência social é um produto do intelecto humano”. Esse instrumento é valioso nas pesquisas de cunho etnográfico. Merece destaque devido a sua importância nas pesquisas qualitativas (MACEDO, 2010, p.96).

Gil (2002) corrobora com a ideia da importância de testar cada instrumento, com o intuito de: “(a) desenvolver os procedimentos de aplicação; (b) testar o vocabulário empregado nas questões; e (c) assegurar-se de que as questões ou as observações a serem feitas possibilitem medir as variáveis que se pretende medir” (p. 132).

Segundo Bogdan e Talyon, (1975), é na observação participante que o observador nota e observa ao vivo com as pessoas, compartilha as atividades se esforçando para adquirir um conhecimento de membro.

É através da observação no lócus do estudo que a pesquisa concreta acontece na realidade. A vivência com os pesquisandos possibilitou as informações coletadas necessárias para esse objeto.

Marconi e Lakatos (2003, p. 190), definem observação como: “Uma técnica de coleta de dados para conseguir informações e utiliza os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade. Não consiste apenas em ver e ouvir, mas também em examinar fatos ou fenômenos que se desejam estudar” (2003, p. 190).

Gil (1999) destaca que na observação os fatos são percebidos de forma direta no contato com os sujeitos sem intermediação, assim a mesma é considerada uma vantagem em comparação aos demais instrumentos de pesquisa.

Segundo Gil (1999, p. 111) e Marconi e Lakatos (2003, p. 191-192) a observação apresenta vantagens e limitações: a observação possibilita meios diretos e satisfatórios para estudar uma ampla variedade de fenômenos; propicia a coleta de dados sobre um conjunto de atitudes comportamentais; permite obter dados não contemplados em questionários e entrevistas. Quanto às limitações – a presença do pesquisador pode provocar alterações no comportamento dos observados; os acontecimentos podem ocorrer simultaneamente, dificultando a coleta dos dados; fatores imprevistos podem interferir na tarefa do pesquisador; algumas informações podem não ser acessíveis ao pesquisador.

A observação participante muito importante nas pesquisas qualitativas, ela acontece nas interações sociais entre o pesquisador com os participantes da pesquisa. “A observação participante é a técnica fundamental da investigação etnográfica” (LAPASSADE, 2005, p. 69).

O observador pode realizar a participação externa (OPE) e interna (OPI). Ela é uma pesquisa que acontece nas interações sociais entre o pesquisador e os sujeitos, nela o observador mergulha na vida dos sujeitos e compartilha suas experiências.

A Observação Participante Externa acontece de fora. Nela o pesquisador chega por um tempo limitado no campo da pesquisa, o mesmo entra no campo por alguns meses, e de fora redige seu trabalho. Já na Observação Participante Interna, a utilizada neste estudo o observador é um ator no grupo que tem seu lugar no meio de estudo, onde desenvolve o papel de pesquisador instituído como autor desenvolvendo a condição de um docente social que decidiu compreender a pesquisa na sala de aula na ciência geográfica.

A observação participante torna a si a tarefa do pesquisador de descobrir partindo da participação do mesmo na vida das pessoas participantes do estudo nas quais ele estuda as

normas, os valores, as categorias, é nesse procedimento que se faz a descrição dos fenômenos sociais partindo do ponto de vista dos atores (LAPASSADE, 2005).

4.3.2- Diário Etnográfico

O diário etnográfico é um instrumento valioso no campo da investigação do início ao final do estudo. “É um instrumento utilizado pelo investigador para o registro do seu trabalho de campo” (BRAZÃO, 2007 in FINO, 2011, p.301). Desde o século passado o diário adquiriu um estatuto de instrumentos de pesquisa, e uma técnica com especialidades diferentes a serviço da investigadora. Ele também pode ser utilizado como método de coleta de dados, de descrição das estratégias da pesquisa, nas análises da pesquisadora; Nos métodos de formação docente, também nas práticas pedagógicas, no desenvolvimento pessoal, profissional, é um método de suma importância nas intervenções ou na investigação- ação.

O diário etnográfico para Souza (2006, p.45):

O objetivo maior do Diário Etnográfico é permitir a quem o escreve o acompanhamento das próprias ações e as implicações no meio em que atua. Ou a identificação, em outros autores, tanto do mapa da cultura do escritor como do grupo social ao qual pertence. Assim, fornecerá à autora ou ao autor (professor, estudante, político, pesquisador, entre outros) um perfil de sua própria atuação ou do seu fazer pedagógico. [...].

Nesse contexto o diário etnográfico foi utilizado pela pesquisadora com o intuito de acompanhar toda sua trajetória durante o decorrer da pesquisa, onde registraram-se todos os passos para facilitar no momento da análise e interpretação dos dados.

O diário também pode ser um instrumento de formação, o mesmo pode melhorar as didáticas dos docentes. “O diário veio a assumir um estatuto de instrumento de pesquisa, uma técnica com diferentes especialidades ao serviço dos investigadores e também de docentes” (FINO, 2011, p.301).

O diário como método de pesquisa e como um dispositivo de ação planejada podendo produzir mudanças e práticas de avaliação, o mesmo pode ser escrito por qualquer actor social quando o mesmo estiver sensibilizado para as relações sociais vivenciadas. O método do diário etnográfico considerado por diário institucional, como histórias de vida, são abordagens qualitativas de pesquisa educacional/social.

Para Brazão o diário etnográfico é um instrumento utilizado pelo investigador etnógrafo para o registro do trabalho de campo e desde o início do século passado o mesmo assumiu um estatuto de instrumento de pesquisa, podendo também ser usado como método para a coleta de dados, de descrição dos processos e das estratégias da pesquisa e para as análises das implicações subjetivas, como método de formação, de análises das práticas pedagógicas, para o desenvolvimento pessoal, profissional, método ainda de intervenção e de investigação-ação, (BRAZÃO, 2007).

O diário foi um instrumento que possibilitou a investigadora organizar e sistematizar os dados recolhidos no campo de estudo. Os registros descritos aconteceram no espaço da sala de aula através da observação participante no período de abril a dezembro durante dois dias por semana como também fora da sala de aula nas atividades pedagógicas, reuniões, apresentações culturais, entre outros, onde os pesquisandos fizessem parte.

De acordo com Macedo (2010.p.124), O diário é considerado um dispositivo relevante nas investigações. (...) “Ao construir o seu diário de campo, o etnopsiquisador reafirma definitivamente seu status de ator” (...)

A elaboração do diário levou a investigadora constituir-se como sujeita entre os demais sujeitos. O mesmo possibilitou a pesquisadora humanizar-se, dialetizar-se no campo levando-a a aceitar a lógica do inacabado. Também levou o conhecimento do vivido dos pesquisandos no lócus do estudo.

4.3.3- A Entrevista em Investigação Qualitativa

A entrevista é um instrumento de pesquisa importante que possibilitou a investigadora no campo de estudo conversar com alunos, com a professora, com a gestora, com a planejadora e com as coordenadoras da escola para obter informações. A duas formas de entrevistas foram utilizadas na pesquisa pela investigadora.

A conversa intencional geralmente entre duas pessoas, sendo ela utilizada na pesquisa qualitativa tem um formato próprio podendo ser usada para recolher os dados ou pode também ser realizada em conjunto com a observação participante com a finalidade de recolher dados descritivos na linguagem do sujeito (BOGDAN e BIKLEN,1994).

A entrevista é um instrumento importante nas pesquisas etnográficas. Começa com uma conversa do observador com os sujeitos da pesquisa na perspectiva de obter informações. O observador participante deve marcar os momentos de encontro com os participantes conduzindo uma entrevista mais formal por se tratar de um estudo qualitativo que envolve a investigação de documentos. Para Bogdan e Biklen, “No início da entrevista, tenta-se informar com brevidade o sujeito do objetivo e garantir-lhe (se necessário) que aquilo que será dito na entrevista será tratado confidencialmente” (1994, p.135). Caso alguns dos sujeitos fiquem apreensivos negando algumas informações importantes a dizer, cabe ao investigador passar segurança encorajando-os e apoiando-os, neste caso o sujeito pode questionar sobre os métodos, sobre a coerência dos estudos, mas o pesquisador entrevistante deve ser firme defendendo a seriedade e confiabilidade do estudo.

Em investigação qualitativa, as entrevistas são utilizadas para recolha de dados descritivos na linguagem do sujeito pesquisado. Elas oferecem ao entrevistador vários temas consideráveis permitindo uma amplitude de tópicos e oferece aos sujeitos a oportunidade de moldar o seu conteúdo. As boas entrevistas são caracterizadas pelo facto de deixar os sujeitos a vontade para falar livremente, as mesmas produzem uma riqueza de dados recheados de palavras reveladoras das perspectivas dos respondentes (BOGDAN e BIKLEN, 1994).

“A entrevista é um rico e permanente recurso metodológico para apreensão de sentidos e significados e para compreensão das realidades humanas”, ela é uma premissa irremediável como um instrumento que é resultante da conceituação (MACEDO, 2010. p.104). Na entrevista o entrevistador se encontra face a face com os pesquisandos, trata de uma série de encontros na perspectiva da compreensão sobre a vida, as experiências, sobre as instituições que pertencem e sobre as realizações no estudo.

Na pesquisa etnográfica a entrevista é um recurso fecundo na etnopesquisa, é conceituada como um encontro social constitutivo de realidades, ela é um recurso quase indispensável para os etnopsquisadores, (MACEDO, 2010).

Gil (1999) cita que a entrevista é o instrumento que permite que os participantes disponham de um tempo maior para sua realização, pois após sua aplicabilidade o pesquisador deverá dialogar com os pesquisandos sobre as perguntas de forma geral, por exemplo: se está claro o enunciado, se estão entendendo as questões, o entendimento está facilitado, se há

perguntas parecidas, se há algum tipo de indução na pergunta direcionando para determinada resposta, como também obter informações referente à postura do próprio entrevistador.

Para Duarte (2002), a entrevista, aponta a necessidade de o pesquisador avaliar a aplicação das questões, ao ouvir as gravações realizadas no teste piloto. Conforme a autora esse é um tipo de aprendizado que somente é adquirido por meio da repetição e da autocorreção.

A autora realizou 2 entrevistas, 1 individual e a outra em grupo com os pesquisandos na perspectiva de verificar na prática trabalhada como os alunos produziam mais conhecimentos. A entrevista realizada conteve elementos para identificação dos participantes. Da entrevista individual participaram 7 sujeitos sendo 4 meninas e 3 meninos os quais responderam individualmente a entrevista com 6 questões abertas.

A investigadora levou individualmente os sujeitos para sala dos professores, lá voltava a reforçar a importância da entrevista e dos entrevistados como premissas na construção desse objeto. Apêndice 2.

As quais foram aplicadas com a presença da autora de forma dialogada com eles individualmente longe de contato com os colegas. Cada participante respondeu tranquilamente.

Na entrevista em grupos a mesma contendo 8 questões abertas. A duração foi 1 hora e 20 minutos durante aulas geminadas na sala de aula. Apêndice 3.

A entrevista de grupo pode ser útil para transportar o entrevistador para o mundo dos sujeitos (BOGDAN e BIKLEN, 1994).

A entrevista é um recurso significativo, vai muito além da coleta de dados, tanto se dá pela observação no contato com os participantes, é uma coleta de informações que permite que os sujeitos possam ser entrevistados por várias entrevistas, na etnopesquisa, ela é quase indispensável para a apreensão de sentidos e significados segundo a etnometodologia, nela dizer, significa fazer.

De fato, a entrevista é um rico e pertinente recurso metodológico para apreensão de sentidos e significados e para compreensão das realidades humanas, na medida em que se torna como premissa irremediável que o real é sempre resultante de uma conceituação, (MACEDO, 2010, p.104)

De acordo com Gil (2007), entre todos os instrumentos de pesquisa a entrevista é a mais flexível, nela ao contrário do questionário o entrevistador estar presente tendo que conduzir

bem os trabalhos, saber formular bem as questões, devendo estar sempre informado sobre os objetivos da pesquisa, ser um apaixonado pela temática escolhida, entre outros.

A entrevista aberta ou semiestruturada é considerada como um recurso de profundidade, ela permite vários encontros face a face entre o pesquisador com os atores do estudo, na perspectiva de compreender as pessoas, suas vidas, experiências, sobre suas instituições que pertencem, realizações (BOGDAN e TAYLOR 1975 in MACEDO, 2010).

O tipo de entrevista utilizada pela investigadora foi a aberta ou semiestruturada porque a mesma possibilitou a pesquisadora se encontrar continuamente face a face com os pesquisandos durante a observação no lócus da pesquisa. A investigadora deixou bem a vontade os pesquisandos para responderem, assim eles desenvolveram muito bem cada questão.

4.3.4- O Questionário na Pesquisa Etnográfica

Outro instrumento utilizado pela pesquisadora foi o questionário, o mesmo elaborado pela investigadora contendo perguntas abertas referentes aos objetivos do estudo que iniciou com perguntas mais simples em relação aos dados pessoais da participante, seguiu-se com as questões mais aprofundadas que foram respondidas pela professora de geografia que leciona no 7º Ano A e nas demais turmas das séries finais do Ensino Fundamental da Escola José Rufino.

Para os autores, Marconi e Lakatos, (2003), O questionário é muito importante, é um instrumento de coleta de dados, distribuído pela pesquisadora, e com a presença da mesma os participantes responderam por escrito.

De acordo com Marconi e Lakatos, (2003) e Gil, (1999), o questionário apresenta vantagens e limitações. As vantagens são por atingir maior número de pessoas, por abranger áreas geográficas extensas, não expõe os entrevistados, dá liberdade e segurança aos participantes, apresenta respostas rápidas. Quanto às limitações poucos são respondidos, outros com perguntas não respondidas, ele exclui os analfabetos, entre outros.

A investigadora conversou antes com a professora e realizou a atividade em dois momentos: no primeiro a investigadora perguntou oralmente, a professora respondia por escrito 5 questões abertas por se tratar de uma pesquisa qualitativa. A mesma foi realizada em 11 de julho de 2014 na sala dos professores nas aulas brancas da pesquisanda.

No dia 10 de outubro de 2014 a investigadora realizou mais 6 questões abertas com a professora dando continuidade aos questionamentos realizados no primeiro momento. O objetivo de fazer por parte partiu da curiosidade da observação quando observava depois de três meses o que mudaria na sua prática pedagógica do primeiro para o segundo semestre. Este foi realizado na sala de aula após ela ter trabalhado com a música Asa Branca introduzindo o estudo da Região Nordeste do Brasil. Tanto ela como a turma muito alegre e participativa, percebi que deveria questioná-la novamente. Assim que a turma largou perguntei se podia continuar o questionário. A mesma com muito prazer me chamou para perto dela, pois eu estava no final da sala terminando minhas anotações. Nesse momento ela respondeu 4 e levou duas para trazê-las na aula do dia posterior. A duração foi de 50 minutos, tempo de uma aula. Percebi que a professora é conhecedora dos temas práticos e científicos deste objeto. Nas duas etapas do questionário foram trabalhadas 11 questões, tais como:

Questões

- 1-O que acha da turma do 7º Ano A?
- 2- Como se relaciona com a turma?
- 3-Como se sente na escola onde trabalha?
- 4-Quais as suas dificuldades na sala de aula?
- 5-Acha que a disciplina da geografia interfere na realidade social?
- 6-Como trabalha os conteúdos de geografia?
- 7-O que entende por senso comum, ou conhecimento prévio?
- 8-Acha importante valorizar a aprendizagem dos alunos? Justifique.
- 9- Quando a aprendizagem é significativa?
- 10-O que acha do uso das tecnologias na escola?
- 11- O que entende sobre inovação pedagógica?

4.4- Descrição do Campo da Pesquisa

O lócus da pesquisa é a Escola José Rufino – Ensino Fundamental – Vicência –PE, está localizada na Rua Flávio Guerra s/n – Povoado Borracha –PE. Funciona em um prédio da Rede Municipal de Ensino- Prefeitura Municipal de Vicência. Fundada no ano de (1979), no governo do prefeito Luiz Gomes Maranhão, é regida pela Lei (241-14-10-1988), sua portaria de autorização é de (11-01-1985). Foi ampliada em (1988) na gestão do prefeito Amaury Pedrosa sendo a primeira Escola Municipal do Ensino Fundamental II.

A mesma atendendo atualmente o turno da manhã com 124 alunos, o da tarde com 119 e o da noite com 19 alunos da EJA. Essa modalidade começou há 14 anos atrás com salas lotadas, atualmente talvez não funcione mais mesmo tendo ainda a demanda, eles começam mais desistem, outros dos sítios desistem devido a falta de transportes, o medo de viajar a noite e o cansaço nos trabalhos na agricultura da banana que é a principal economia que vem gerando empregos e rendas para a comunidade como para pessoas de outras cidades e estados que comercializam o produto dentro e fora do Estado de PE.

Os estudantes da mesma são da localidade e dos sítios: Bom Viver, Desengano, Convales, Mulatas, Onça de Cima, Onça de Baixo, Viração e Sítio Novo.

Atualmente conta com 36 funcionários. Os alunos da Zona Rural são 87 e os da comunidade local 175. Isso se deve a dificuldade de acesso devido às paradas dos motoristas levando os pais a matricular os filhos em outros municípios vizinhos e muitos pais migraram para localidade para os filhos terem acesso diariamente à escola.

Os repetentes foram 15 alunos, os que precisam de reforço principalmente em matemática e português foram 78 alunos.

Da turma pesquisada 7 foram reprovados. Na secretaria trabalham três técnicos administrativos, sendo 2 mulheres e 1 homem. Na cantina conta com três merendeiras 1 efetiva e 2 contratadas são ex-alunas da escola.

Os Programas oferecidos são: Mais Educação, Alfabetizar com Sucesso e Mais Cultura.

Os Projetos desenvolvidos são: Negros e Indígenas um passado refletindo na realidade presente e Família e Escola; Integrar para Evoluir.

Também 5 monitores da comunidade a maioria ex-alunos ganham uma bolsa em dinheiro prestando serviços no Programa Federal Mais Educação nas oficinas de danças, teatro, coral, leitura, música e arte, nos quais os sujeitos da pesquisa são os mais atuantes. Segundo a coordenação as oficinas tem estimulado a frequência, a participação e a aprendizagem.

No Programa Mais Cultura as professoras são efetivas formadas nas culturas brasileiras, trabalham com a cultura nas escolas que se inscreveram no projeto e ganharam via secretaria de educação. As oficinas trabalhadas são: caboclinho, coco, maracatu, danças Afro, Indígenas. O outro professor de dança é contratado é Mestre no Cavalo Marinho.

Todos os contratados da escola são indicados em todos os setores pelo governo municipal através dos seus representantes da gestão e vereadores.

A equipe gestora é composta pela professora Maria de Fátima da Conceição Silva, a mesma foi indicada pelo governo municipal o qual tirou do PCCS em 2013 as eleições diretas nas escolas, uma conquista da luta sindical da categoria há 18 anos; pela Planejadora Glaucimere Moreno de Arruda, pela coordenadora de aprendizagem Isabela Araújo de Moura, pela coordenadora de gestão Iramar Nunes e Alexandra Araújo Coutinho coordenadora do Centro de Apoio Didático (CAD) toda essa equipe indicada pelo governo.

No laboratório de informática inaugurado em 2012 existem 20 computadores, e tem como coordenador o professor Ednaldo Bandeira um técnico administrativo e especialista em história. A mesma começou a funcionar em 2014 devido a falta de reforço de energia. Houve muita cobrança dos alunos e dos professores para a utilização, até o momento é pouco utilizada e as máquinas com problemas necessitando de reparos técnicos.

A equipe gestora realiza um plantão pedagógico bimestralmente, onde os pais se encontram com os professores, coordenadores, gestora e planejadora que atendem horário integral para tratar da aprendizagem, das dificuldades na aprendizagem e da necessidade da atuação dos pais na escola. Os professores das séries iniciais atendem nas suas salas de aula, os das séries finais atendem juntos apresentando inclusive os resultados dos alunos.

Esse grupo se relaciona bem, cada um é respeitado no espaço que ocupa e no final de cada mês a secretaria da escola marca as provas de todas as disciplinas, o calendário dos horários é exposto nos informes para os alunos e professores. A semana é de prova escrita, os

alunos fazem 2 a 3 por dia. As demais avaliações anteriores a essa ficam a critério dos professores. A recuperação é paralela, ou seja, contínua.

O Conselho é composto por 14 membros: 2 pais, 4 alunos, 2 professores, gestora, planejadora, coordenadora do CAD, 1 representante da comunidade, 1 serviços gerais, 1 da secretaria. O mesmo quase não se reúne, só quando tem pendências para resolver. Tem poder limitado, age sempre quando se trata de algo mais sério sob o acompanhamento da secretaria de educação representada pelo Conselho Municipal.

O quadro dos professores se apresenta da seguinte forma: uma que trabalha contratada no 2º ano cursa Pedagogia, o restante todos são graduados e pós-graduados. Dos quais 9 são efetivos e 6 contratados, a maioria são mulheres, do grupo só 3 homens. (PPP -2014) a informação foi dada pela planejadora por escrito.

A escola “é um lócus indispensável para a compreensão da concretude das políticas e das ações educacionais.” há a cultura escolar e a cultura da escola, são âmbitos significativos para os etnopedagogos nos cenários educativos (MACEDO, 2010.p.37).

4.4.1- Descrição do Espaço Físico

Quanto ao quadro físico a escola é ampla, e tranquila, atende bem a comunidade e se relaciona bem com a mesma. Está precisando de uma pintura e de uma reforma na rede elétrica, pois desde sua construção ainda não foi revista. Tem internet, tem um ônibus do governo federal, um ônibus locado, 4 caminhões para os alunos dos sítios e uma besta para os professores que vêm da cidade. A escola tem 10 salas de aula, sala de leitura e de pesquisa- (CAD), sala de informática, 1 secretaria, tem uma sala de projeção onde os professores podem usá-la para apresentação pedagógica: teatro, dança culturais, oficinas, vídeos etc. 1 sala dos professores, 1 sala para merenda, 1 cantina, 1 sala dos projetos Mais Educação e Mais Cultura uma sala para a banda marcial, tem rampa e sanitário para alunos especiais, mesmo só tendo uma aluna com deficiência auditiva, os sanitários foram melhorados mais ainda deixam a desejar falta mais estrutura para atender os 100 alunos que passam o dia nos projetos na escola. A cantina tem três repartições: a de servir a merenda, a cozinha pequena com dois fogões e uma geladeira, e o arquivo dos produtos alimentícios, panelas, talheres e uma frizer. Não dispõe de um refeitório para as alimentações dos alunos, os quais merendam e almoçam no pátio e nos corredores do prédio. Com a chegada do Mais Educação foram compradas mesas e cadeiras plásticas para os

alunos almoçarem sentados, antes do mesmo os alunos saíam da fila do almoço sem um espaço para se alimentar adequadamente.

A escola tem uma área grande para ampliação, segundo os alunos sujeitos da pesquisa, já solicitaram a construção do refeitório a gestora da escola. Tem uma quadra para educação física, jogos, brincadeiras, a sala da gestora está com os materiais didáticos e de custeios comprados pela Unidade Executora para 2015.

4.4.2- Caracterização da Turma

A turma é composta de 28 alunos, deles 18 possuem a bolsa família. É importante ressaltar a diferença de personalidade encontradas nos alunos na escola, pois há diversos perfis. Há alunos e alunas que não gostam de falar, mais acompanham como ouvintes, conversam entre si. Todos se comportam bem, a maioria são interessados querendo aprender sempre mais, conversam com a professora e ajudam quando necessário nas atividades. Usam fardas compradas na escola, a gestora faz uma oração, dá os avisos e manda para sala de aula. A turma forma a fila no pátio, é feita uma oração geralmente pela gestora. Eles vão para sala e quando a professora chega eles se levantam, rezam com ela e sentam em silêncio. A turma é muito visitada pela gestora para dar avisos, nas suas falas engraçadas a turma se diverte. Ela olha as roupas dos alunos, por isso cobra o fardamento. Proibiu o uso do celular e internet na sala de aula, devido alguns alunos de outra turma estarem com fotografias e filmes desagradáveis mostrando aos colegas, além de atrapalhar as aulas e conseqüentemente a aprendizagem. A turma entendeu e a professora também. Em uma das suas visitas, os alunos da minha pesquisa cobraram o uso da sala de informática, o quadro branco e o refeitório. A professora de geografia reforçou as falas dos alunos. A sala de informática começou a funcionar mesmo ainda sem muito acesso no ano em curso, o quadro branco foi colocado, restando o refeitório para quando houver condições financeiras.

As aulas duram 50 minutos, de manhã até as 12 h. a tarde para os que participam do Mais Educação e Cultura vai até as 17h.

Os alunos que residem nos sítios são menos participativos, mais tímidos, menos sociáveis, sentam juntos no lado direito da sala. Às vezes um ou dois deles se separam para junto dos que ficam do lado esquerdo mais próximos do quadro e da professora. Os mesmos só

participam quando a professora cobra deles, são mais isolados. Os quais viajam, quando chove as estradas ficam interditadas, os transportes não chegam na maioria das residências, os mesmos faltam as aulas, como também quando há atraso no salário dos motoristas eles param as atividades deixando os alunos sem acesso a escola. Isso acontece todos os anos contribuindo para o fracasso dos alunos e dificuldades para a professora que fica trabalhando com a turma incompleta, tendo que esperá-los depois de semanas, às vezes meses para fazer atividades diferenciadas. Isso tem contribuído para redução do número nas matrículas anualmente. É uma turma presente, assídua e envolvida na escola, assim até os mais tímidos estão se relacionando, mesmo entre os conterrâneos. Pois há diferença entre os alunos residentes nos sítios e os que moram na localidade.

4.4.3- Participantes da Pesquisa

Os sujeitos da pesquisa escolhidos pela pesquisadora foram 7 sendo 4 alunas e 3 alunos do 7 Ano A da escola lócus da pesquisa, suas idades são de 11 a 13 anos. A pesquisadora informou aos sujeitos desde o início do trabalho sobre os objetivos da pesquisa, sobre as tarefas que realizaria na escola durante o ano 2014, tendo o cuidado de proteger as informações, de manter o diálogo e confiança com eles e elas.

São alunos descontraídos, assíduos, que demonstram carinho, atenção e respeito pela professora, entre eles, entre nós, com a gestão, coordenação e funcionários. Ajudam a professora e a escola em tudo nas oficinas, nas gincanas, nas reuniões, espaços ornamentados, nos cartazes, avisos, recados, entre outros.

São alunos que estudam na escola desde o 6º Ano tendo como professora de geografia a mesma professora.

Eles são organizados, criativos e determinados. Planejam suas apresentações culturais sozinhos, ensaiam e se destacam dentro e fora da sala de aula. Informam a gestora, ganham espaço onde organizam peças teatrais, danças, gincanas, participam dos projetos, todos tocam na banda marcial e fanfarra sempre contando com o apoio dos professores principalmente a de geografia e de história. Gostam de sentar perto do birô em todas as disciplinas. Quando a professora manda se juntar eles sempre ficam no grupo de sempre, ela mistura com outros colegas, mas quando terminam os trabalhos voltam para o local de origem e sempre vão se

aproximando do birô da professora todos para conversar sobre assuntos deles, a mesma dá atenção se envolve tanto na história de um filme que em um determinado momento acabou se emocionando. Contam sobre tudo, desde histórias da bíblia até os riscos da permanência da vida das gerações presentes e futuras na Terra e da insustentabilidade planetária, dos demais planetas e galáxias.

Dos pesquisandos 4 meninas e 2 meninos fazem parte do ministério de música da igreja católica, se apresentam nas igrejas dentro e fora da localidade, o outro é também religioso mais não é do ministério.

Eles têm sua autonomia, em uma das aulas a maioria se reuniram com a representante da turma e com a vice e decidiram faltar devido uma data facultativa e no dia seguinte eu estava novamente no campo e só 8 vieram para aula, eles tinham decretado um dia de greve. Uma ata foi feita dos presentes, a aula aconteceu normal com os que não aderiram ficar em casa. Nessa mobilização as aulas continuaram normal.

Os sujeitos da pesquisa participam dos 2 programas em horário contrário as aulas em sala de aula. A escola comprou os materiais, eles confeccionaram as roupas e os acessórios do caboclinho.

Os mesmos estão sempre juntos também no intervalo, quando algo precisa ser resolvido eles se reúnem no grupo com a representante de turma e resolvem com a gestão da escola. Desde a educação infantil eles estudam juntos na outra escola da comunidade, Maria de Lourdes Moura Pedrosa.

Quanto a participação dos pais dos pesquisandos é 100% presente. Eles dizem que é por isso que querem se sair bem em tudo para agradar os pais.

Entre eles não há inveja, desigualdades, há competição, não admitem notas baixas. Quando um falta eles colocam o nome nas atividades ou explicam a professora o porquê e pedem para levar para o colega trazer na próxima aula.

Sempre se ajudam, partilham o material, explicam uns para os outros as questões e também procuram se socializar com os colegas dos sítios.

4.4.4- Caracterização da professora

A professora tem a vida dedicada a educação e a comunidade nas pastorais da igreja católica. No lócus da pesquisa tem 24 anos de trabalho nas diversas funções. Graduada em geografia e pós-graduada em geografia no Mundo Tropical.

Na educação tem experiência como professora nas séries iniciais, finais, na EJA em todas as fases, vice-diretora, diretora, membro do conselho e trabalha com os grupos de crianças, jovens e adultos aos sábados dando aula de evangelização, inclusive aos meus pesquisandos.

A mesma se relaciona maravilhosamente com a turma, problematiza e estimula a participação partindo dos saberes que os alunos trazem, criando vários ambientes de construção de aprendizagens. Trabalha com poucos conteúdos, sintetizando-os com a turma de forma discutida, lida, relida, desenvolvendo a leitura, a consciência crítica na participação e na interação. O foco dela é o aluno, na sua aproximação um a um ela consegue estimular, olhar cada caderno e tirar as dúvidas. A aula não é cansativa, a mesma muda sempre as estratégias para que a aula seja produtiva. Usa pouco o livro didático, tira dele o necessário para o aluno, assim a mesma produz com os alunos mais aprendizagem sem perder tempo nos capítulos enormes.

Todos os alunos gostam da geografia devido a forma que a professora trabalha envolvendo a bagagem dos alunos de forma multidisciplinar. Ela trabalhou vários assuntos das regiões através da leitura, interpretação e cantos de músicas, caça-palavras, jornais, assuntos assistidos pelos alunos, gincanas, etc.

A professora avalia os alunos por diversos métodos, como seminários, debates, produções de textos, pesquisas, participação na aula e nas atividades fora da sala de aula e 1 prova é marcada pela secretaria para todas as disciplinas e turmas. Alguns alunos gostam mais de um tipo de método do que de outros, no caso dos alunos mais participativos, eles gostam mais de seminários e trabalhos em grupos para apresentar, já os mais calados preferem os trabalhos também grupo com os colegas dos sítios sem apresentação oral.

Observando a metodologia da professora, percebi que há interação entre ela e os alunos, além da importância que esta dá a realidade vivida pelos alunos valorizando os saberes deles tornando suave a aprendizagem. O método construtivista é utilizado, havendo troca de

conhecimentos, pois o professor também aprende com seus alunos na construção coletiva da aprendizagem.

CAPÍTULO V- AS RESPOSTAS AS QUESTÕES DE INVESTIGAÇÃO

5.1- Questões da Pesquisa

De que forma os saberes construídos por alunos numa pesquisa etnográfica dialogando com os saberes do senso comum e os saberes científicos contribuem para aprendizagem significativa numa perspectiva de inovação pedagógica?

A análise dos dados é um dos instrumentos metodológicos que apresenta maior carência de sistematização e de interpretação.

Para Gil (2007.p.141), “Todavia, é natural admitir que a análise dos dados seja de natureza predominantemente qualitativa.”

A investigadora fez criteriosamente a análise durante todo tempo da pesquisa. A análise foi triangular uma vez que pretendemos utilizar diversos caminhos para a interpretação e análise cuidadosa dos dados coletados.

É um momento que o pesquisador precisa estar “em condições de controlar os riscos de distorção e de controlar a validade dos dados coletados” (LAPASSADE, 2005, p.121). Será relevante estar conectada o tempo inteiro aos objetivos da pesquisa.

A análise dos dados é necessária para interpretar e tornar compreensiva os materiais recolhidos.

Para Bogdan e Biklen, (1994).

Análise dos dados é o processo de busca de organização sistemático de transcrições de entrevistas, de notas de campo e de outros materiais que foram sendo acumulados, com o objetivo de aumentar a própria compreensão desses mesmos materiais e de lhe permitir apresentar aos outros aquilo que encontrou.

A investigadora realizou análises individuais e em grupo com os pesquisandos. No total foram quatro análises com os educandos, duas individuais e duas em grupo. Uma análise individual e uma em grupo estão explícitas neste capítulo e as outras constam no diário etnográfico deste estudo.

A investigadora também realizou a análise do questionário realizado com a professora de geografia o qual foi apresentado neste capítulo, como também relata no diário etnográfico

uma entrevista com a gestora da escola e com os professores que participaram da pesquisa de campo – uma atividade da professora de geografia junto aos alunos.

5.1.2 – Análise da entrevista com os pesquisandos – individual

A professora realizou uma pesquisa de campo na comunidade local onde os próprios alunos entrevistaram a população. Após essa atividade de campo a investigadora realizou individualmente uma atividade com os alunos com 6 questões abertas.

Essa atividade consta no apêndice 2 da pesquisa.

Tabela 1-Aprendizagem significativa construída na pesquisa de campo.

Questão 1- O que você aprendeu com as pessoas entrevistadas nas ruas na aula de campo?

Entrevistado 01	Entrevistado 02	Entrevistado 03
Eu aprendi que a sociedade nem sempre contribui com a limpeza da comunidade por muitas vezes ajudam a destruir cada vez mais tudo o que outras pessoas construíram, e que algumas pessoas reciclam lixo e cuidam da sua água.	Aprendi que elas querem de um modo ou de outro ajudar a comunidade envergonhados, aprendi também a questão da água, lixo, saúde, energia etc. que eles querem mudar a nossa comunidade	Eu aprendi sobre o lixo que devemos fazer a coleta, mas não jogar nas bananas, pois faz mal ao solo, aprendi a questão de cuidar bem da água.
Entrevistado 04	Entrevistado 05	Entrevistado 06
A entrevista com as pessoas da comunidade que foi ótima, poia a	Que devemos nos conscientizar e parar de jogar lixo em locais não	Eu aprendi com a comunidade de Borracha que não se deve jogar lixo

Associação falou sobre a água que vai muito bem, e com as escolas Maria de Lourdes e Carlos Pessoa Guerra nas duas um ótimo trabalho.	apropriados e arborizar todas as ruas.	nas ruas, que ao invés de jogar as garrafas plásticas, reciclá-las, que lugar de lixo é no lixeiro e que deve sempre ser reciclado, etc.
Entrevistado 07		
Eu aprendi de tudo um pouco, como a água da rua é tratada, como o posto de saúde funciona e sua higiene, sobre a limpeza de cada escola da comunidade, aprendemos sobre a reciclagem dos lixos, sobre cortes de árvores na comunidade.		

Os entrevistados aprenderam com as pessoas entrevistadas nas ruas, nas escolas, no posto de saúde diversos assuntos importantes: que a sociedade nem sempre colabora com a limpeza, que ela às vezes destrói o que foi construído. Sobre a questão do lixo e da água todos os entrevistados colocaram em destaque esses problemas. Os entrevistados também aprenderam como o posto de saúde funciona, sobre a limpeza das escolas, reciclagem, entre outros. Eles sugerem a reciclagem do lixo, os cuidados com a água sem tratamento, e se conscientizar para não jogar lixo na rua, coleta do lixo e arborizar as ruas.

Os alunos construíram na comunidade muita aprendizagem em ambientes diferentes. Os assuntos da comunidade se repetiram nas ruas, nas escolas e no posto de saúde. Esses alunos deram suas sugestões que podem resolver os principais problemas da comunidade: a água e o lixo. Todos esses caminhos são pertinentes na aprendizagem da geografia construída dentro e fora da sala de aula onde o senso comum se fez presente entre os envolvidos, entrevistados e entrevistandos.

Neste sentido os conteúdos são importantes, e o mais importante é o significado deles e para que ocorra a aprendizagem significativa o conhecimento prévio é o ponto de partida (MOREIRA, 2011).

Tabela 2-Abastecimento da Água da comunidade

Questão 2- O que a Associação da Água respondeu sobre a água da comunidade?

Entrevistado 01	Entrevistado 02	Entrevistado 03
<p>Respondeu que a água não chega bem tratada nas casas por causa da própria comunidade, ela disse que tem um tempo para que todo processo seja realizado mais as pessoas chegam na associação dizendo que está sem água. Quando chove não solta água por causa que chega barrenta, depois vão reclamar por isso.</p>	<p>Respondeu muito bem, explicou sobre o porquê de não ligar a água quando está chovendo, porque fica barrenta, Falou que a água demora chegar por causa do tratamento que é um procedimento demorado.</p>	<p>Que a água é tratada todos os dias, que quando chove não pode tratar, ela falou também sobre a reforma do local.</p>
Entrevistado 04	Entrevistado 05	Entrevistado 06
<p>Que a água que vai para as casas não é tratada, mas os povos da comunidade não deixa a água ser tratada, pois é o maior problema.</p>	<p>Que é necessário ter um tempo para que os produtos deixem a água um pouco mais limpa, mas a população reclama e pede que a água chegue logo.</p>	<p>Simplesmente um pouco anormal, porque eles fazendo a limpeza da água e o pessoal querendo água com pressa, eles soltam a água suja mesmo, pois, mesmo fazendo sua parte, mas o pessoal não deixam.</p>

Entrevistado 07

Ela fala sobre o funcionamento do tratamento da água com ela tem para comunidade, as vezes a água não vem limpa devido a chuva, mas as pessoas da comunidade querem a água e não dá tempo para vir limpa.

Todos os entrevistados responderam que a água da comunidade não é devidamente tratada devido ao fato da comunidade não esperar o processo do tratamento, que quando chove chega barrenta nas residências, que por isso não pode utilizá-la.

Os pesquisandos preocupados com a água que abastece a comunidade, também visitaram o local do abastecimento e viram durante o caminho um forção que prejudica a água devido o chorume, como também o local que uma rua coloca o lixo. Acredita-se que é por isso que a comunidade cobra da associação para ter direito a uma água de qualidade. O caso mais grave em relação a água são os agrotóxicos que pulverizam os bananais prejudicando as águas e a saúde da comunidade. Os participantes da pesquisa compreenderam melhor o lugar onde vivem.

Conhecer o espaço geográfico onde vive é importante, pois, “o espaço geografico é um fenômeno de escala planetária que, nas escalas locais e regionais, manifesta-se em paisagens com maiores ou menores graus de humanização e acultramento” (OLIVEIRA, 1998, p.98).

Tabela 3-As escolas locais contribuindo para aprendizagem de geografia e de outras ciências.

Questão 3- Na visita as escolas Maria de Lourdes e Carlos Pessoa Guerra o que mais contribuiu para sua aprendizagem?

Entrevistado 01	Entrevistado 02	Entrevistado 03
Nós fomos muito bem recebidos, lá vimos as hortas, a responsabilidade dos pais e a participação dos	A questão do reciclamento do lixo, as hortas, o comportamento et. Fomos muito bem recebidos nas duas escolas, cada um	O que eu mais gostei foi da horta, uma mais bonita que a outra, as diretoras falaram sobre o lixo nas escolas que

<p>alunos eles reciclam em baldes diferentes, contribuem com a horta, aguando, trazem sementes e ajudam com a higiene da escola, os funcionários são ótimos super simpáticos.</p>	<p>passou o que sabiam para nós, foi muito gostoso,</p>	<p>é cuidado, que os pais participam da reunião, as crianças gostaram da escola e mostraram-nos as hortas pra a gente</p>
<p>Entrevistado 04</p>	<p>Entrevistado 05</p>	<p>Entrevistado 06</p>
<p>Contribuiu no interesse dos alunos, pois tinha muitas coisas novas que não sabia, com a presença dos pais na escola, o desenvolvimento das escolas, o interesse principalmente dos alunos</p>	<p>Na escola Maria de Lourdes aprendemos que a água de lá não vem da ASSECO e sim do chafariz e os funcionários separam todo o lixo. Na Carlos Pessoa Guerra é o mesmo processo da água e do lixo.</p>	<p>Na escola Maria de Lourdes é muito legal, todas as crianças compreendem e fazem cada uma a sua parte contribuindo na horta, na reciclagem e nos estudos. Nós fomos recebidos com muito amor, lá é tudo pipo especial, quem nos recebeu foi a planejadora. Na escola Carlos Pessoa Guerra também fomos recebidos com gentileza pela diretora. Lá tem horta é uma escola tipo experiente, tiramos fotos e tudo, lá é um ambiente específico.</p>
<p>Entrevistado 07</p>		
<p>Na Maria de Lourdes entrevistamos a planejadora, ela falou da presença dos pais na escola e dos funcionários, do lixo, da limpeza, etc. Na Escola Carlos P. Guerra vimos que a horta é muito bem tratada e eles até dão verduras para as pessoas da comunidade que são carentes.</p>		

Os entrevistados afirmaram que foram bem recebidos nas duas escolas, que durante a entrevista aprenderam sobre o lixo (reciclagem, a coleta seletiva), sobre a água da escola oriunda do chafariz e não da associação, sobre o abastecimento e sobre o tratamento da água, sobre a participação dos pais na escola e sobre a horta que serve para merenda da escola e ainda para as pessoas carentes da comunidade.

Nesta atividade de campo os alunos construíram muitas aprendizagens em ambientes diferentes sem nenhum ensino. Os mesmos estavam estimulados entrevistando, fazendo suas anotações, tirando fotos, sentiram-se felizes.

A matemática foi vivenciada: pouco ensino e muita aprendizagem (PAPERT, 2008).

Tabela 4-A Saúde X Educação

Questão 4- No Posto de Saúde como foi realizada a entrevista com a dentista e com a dirigente?

Entrevistado 01	Entrevistado 02	Entrevistado 03
Elas praticamente nos deram uma aula nos explicando tudo o que acontece com são os processos e autorizaram que nós registrássemos tudo, todas as salas com instrumentos e todos os ambientes no final a dentista nos orientou.	Foi muito interessante. Acompanhei as falas da Dr ^a , Daniela ela explicou sobre a questão da higiene do posto, além disso deu uma aula.	Eu fiquei na equipe de entrevistar a dirigente ela falou sobre o atendimento, sobre os remédios, sobre o lixo que era tudo dividido. Com a dentista ela falou que devemos sempre cuidar dos dentes e que existe o atendimento as escolas.
Entrevistado 04	Entrevistado 05	Entrevistado 06
Contribuiu no interesse dos alunos, pois tinha muitas coisas novas que não sabia,	A dentista explicou que quando ela não atende os pacientes, ela faz visitas	Elas explicaram sobre a prevenção, sobre os trabalhos delas, etc.

com a presença dos pais na escola, o desenvolvimento das escolas, o interesse principalmente dos alunos	domiciliar e a dirigente falou que todo lixo do posto de saúde vai para uma caixa para que não haja contaminação.	
Entrevistado 07		
Dr ^a Daniela falou sobre a higiene do seu consultório, os aparelhos muito bem esterilizados, o lixo recolhido, os remédios que vem para o posto as pessoas da comunidade pegam, a mesma aproveitou a oportunidade e deu uma aula para nós sobre saúde bucal.		

Analisando as resposta da questão 4 os participantes citaram os assuntos da comunidade. Dos quais 3 deles consideram como uma aula dada pela doutora e pela gestora do posto de saúde. Os assuntos foram interessantes na aprendizagem da geografia, como para as outras ciências: língua portuguesa, matemática, história, etc. Os outros três entrevistados responderam que a atividade despertou o interesse, pois, aprenderam coisas novas, sobre as visitas domiciliares na comunidade, sobre a prevenção e esterilização dos materiais odontológicos, entre outros.

A tarefa da escola é propiciar elementos por meio da aprendizagem de diferentes conteúdos para que os alunos possam fazer um elo entre os que acontecem no lugar em que vivem, na sua vida, no seu cotidiano e os que acontecem em outros lugares do mundo (CAVALCANTI, 2010).

As entrevistadas contribuíram tanto para a aprendizagem, como também informaram como funciona o atendimento médico, a higiene do ambiente, a seleção do lixo hospitalar, a distribuição de medicamentos e no final a doutora deu uma palestra sobre saúde bucal. A relação entre os envolvidos facilitou a construção da aprendizagem, os mesmos estavam realizados e foram elogiados pelos entrevistados.

Tabela 5-A Interdisciplinaridade na aprendizagem de geografia

Questão 5- Achou importante os professores de outras disciplinas se envolverem na pesquisa de campo? Por que?

Entrevistado 01	Entrevistado 02	Entrevistado 03
Sim, por que podemos nos envolver em todas as matérias, a matemática, nós fazemos os gráficos, e português e todas as outras matérias.	Sim. É melhor porque eles desenvolvem melhor as matérias e nós aprendemos melhor, pois a geografia fala muito sobre a natureza e é melhor trabalhar juntos.	Sim, por que quanto mais as matérias juntas, melhor para fazer. Como exemplo: pra desenhar precisa da arte, pra contar história precisa da matéria de história, pois sem matérias não conseguimos estudar.
Entrevistado 04	Entrevistado 05	Entrevistado 06
Sim, pois os professores deram muita ajuda, como as perguntas que fazemos, foi muito bom pra todos.	Sim, por que podemos compreender de varias formas tipo na matemática nos podemos aprender gráficos sobre a pesquisa, e em ciências a questão do lixo.	Sim. Por que podemos tirar nossas dúvidas para nota.
Entrevistado 07		
Sim. Por que o que nós vemos nas ruas podem levar para nossa aprendizagem e para as disciplinas		

Nessa questão 100 % dos alunos afirmaram que sim sobre a importância dos outros professores participarem da pesquisa de campo, estavam na rua a professora de geografia, o professor de matemática, o de português e o apoio da professora de história e de ciências que se interessaram pela sistematização da pesquisa.

A pesquisadora percebeu que os alunos acharam importante a participação dos professores das outras ciências juntos com a geografia. Todos professores só acompanhando deixando os alunos bem a vontade na pesquisa. Os alunos foram descobrindo sobre os problemas da comunidade. Na rua surgiram os assuntos: abastecimento da água, lixo, separação do lixo, reciclagem, horta na escola. A aprendizagem foi construída de forma participativa e democrática.

Neste sentido o conhecimento não pode ser considerado como algo predeterminado, ele é algo construído nas estruturas internas do sujeito, uma construção efetiva e contínua, graças a mediação necessária dessas estruturas cognitivas e que essas, ao enquadrá-las, enriquecem-nas (PIAGET, 2007).

Tabela 6-A Geografia X Sociedade

Questão 6- A aprendizagem da geografia interfere na realidade da sociedade?

Como?

Entrevistado 01	Entrevistado 02	Entrevistado 03
Sim, a geografia inclui o mundo todo nos ensina como lidar com a reciclagem e com a água, quando a pessoa faz coisa errada, nós orientamos sobre tudo.	Sim. A questão da energia, da poluição, agora que estamos falando do campo para aprender melhor para desenvolver com a comunidade,	Não, pois tudo no mundo tem geografia como a paisagem, a natureza, o mar e o campo e uma sociedade limpa.

Entrevistado 04	Entrevistado 05	Entrevistado 06
Sim, pois a matéria geográfica não aprendi só com os mapas, mas o mundo inteiro, é muito gratificante para nós todos como para professora também.	Não, por que conhecendo a geografia todos irão saber do Estado, do nosso Planeta e irão pensar duas vezes antes de jogar lixos nos rios, cortar árvores,	Sim de forma específica nas regionalidades das comunidades...
Entrevistado 07		
Não. Porque a geografia está em tudo, no nosso saber e no nosso Planeta, por isso nós precisamos muito dela.		

Os alunos entrevistados afirmaram que “sim” que a geografia interfere na realidade social. O A3. e o A5, afirmam que “não” por não entenderem a pergunta, mas explicaram como os demais colegas que a geografia interfere na realidade social porque tudo no mundo tem geografia, com ela aprende-se sobre o mundo inteiro, conhecendo-a todos irão saber sobre o Estado, o Planeta, que a mesma interfere de forma específica sobre a regionalização das comunidades, porque a geografia está em tudo.

A prática pedagógica da professora possibilita aos alunos a compreensão e o pensar sobre a realidade com o conhecimento geográfico. Pois a professora desenvolve a prática dialógica envolvendo os alunos nas conversas sobre tudo que eles sabem, assistiram, leram, viram na internet fazendo com que a disciplina seja a mais preferida pela turma.

Neste sentido a aprendizagem da geografia pode levar os alunos a compreenderem a realidade possibilitando que nela interfiram de forma mais conscientes e prospectivas. Na realidade as abordagens atuais da geografia têm buscado práticas pedagógicas que leve os alunos a desenvolver a capacidade de identificar e de refletir sobre os vários aspectos sobre a realidade (PCN, 2000).

5.1.3- Análise da entrevista com os pesquisandos em grupo

A investigadora no dia 12-11-14, realiza na sala de aula uma entrevista com 8 questões abertas em grupo. Para formação dos grupos a investigadora deixou que os pesquisandos formassem as equipes sem sua intervenção. Os mesmos formaram quatro grupos compostos por dois elementos; envolvendo mais um aluno da classe; os grupos foram descritos como G1, G2, G3 e G4.

Tabela 7-Importância da Geografia

Questão 1. Qual a importância da geografia?

RESPOSTAS	
G-1- A importância da geografia é que ela interfere na vida de nossa comunidade falando sobre população, água. Saneamento básico, ar etc.	G-2- Ela é importante para o meio ambiente, para as regiões que nos conhecemos, agora com os trabalhos que ela passa sobre a comunidade ajuda o crescimento da comunidade.
G-3- A importância da geografia é que ela fala sobre o mundo e sobre países como eles são o que eles fazem e fala sobre o meio ambiente, a poluição o desmatamento, o lixo jogado nas ruas e nos lagos, cidades e quando conhecemos o estado da poluição do nosso Planeta iremos parar e pensar no que podemos fazer.	G-4- A importância da geografia para nós é que ela nos mostra e nos transforma em alunos ou pessoas melhores e que nos ensina a verdadeira realidade do mundo lá fora.

Todos os entrevistados afirmaram que a geografia é importante porque ela interfere na vida da comunidade ajudando no seu crescimento, falando sobre a população, sobre meio ambiente, sobre regiões, países, mundo e sobre os problemas ambientais como poluição, lixo, água, saneamento básico e transforma os alunos em pessoas melhores.

Nesta perspectiva a aprendizagem da geografia pode contribuir para a minimização dos problemas ambientais da comunidade local, como também do Planeta através dos conhecimentos do mundo dos alunos. Assim a escola possibilita a construção da consciência crítica e ecologicamente voltada para o desenvolvimento sustentável.

De acordo com Furtado a preocupação é ter uma nova concepção de desenvolvimento para que todos sejam capazes de preservar o equilíbrio ecológico. A educação tem o papel de desenvolver as potencialidades humanas, assim as pessoas com sua criatividade desenvolvida vão diminuir o consumismo, erradicar o poder de acumulação em prol do bem coletivo da comunidade (1998).

Tabela 8-Conhecimentos científicos X Conhecimentos trazidos pelos alunos

Questão 2 - A geografia na sala de aula envolve os conhecimentos que vocês trazem de casa? Como?

RESPOSTAS	
G-1- Sim. Pois os conhecimentos que nós trazemos nos influencia como conviver com a comunidade e também nós ficamos preocupados com a nossa realidade, como também a professora aproveita os nossos conhecimentos que trazemos de casa.	G-2- Sim, como as histórias que trazemos de casa, as vestes de hoje e de antigamente, a Região Nordeste que ela trabalhou com a música da Asa Branca depois mandou ilustrar a música.
G-3- Sim, por que quando estamos em casa aprendemos muito a geografia através dos livros, computadores, para poder saber mais, a televisão em muita coisa relacionada a geografia e aprendemos muito mais na escola.	G-4- Ela inicia nos estimulando o tema sim. Ela nos mostra um pouco das histórias do Brasil e que nos devemos transformar nossa cultura passada em realidade e fazendo com que nos interessemos pelo conteúdo.

Todos os entrevistados afirmaram que “sim” a professora envolve os conhecimentos que os alunos trazem de casa na prática pedagógica em sala de aula através de assuntos da vivência na comunidade, da preocupação com a realidade, através de história que trazem de casa, da cultura passada, através dos livros, dos computadores, da televisão e da música.

O senso comum é valorizado na prática pedagógica nas aulas de geografia, um conhecimento valioso porque através dele os alunos contribuem para sua aprendizagem significativa de forma dialogada, participativa com a professora e com os colegas que vão perdendo a timidez e passando a se interessar pela aula e pela disciplina da geografia e pelas demais ciências.

Confirmando este contexto Castrogiovanni (2000) afirma que aprender a pensar significa elaborar, a partir do senso comum, do conhecimento produzido pela humanidade e do confronto com outros saberes e o seu conhecimento.

Tabela 9-Relacionamento Aluno X Aluno

Questão 3 - Como vocês se relacionam entre si?

RESPOSTAS	
G-1- Nós nos relacionamos bem, mas tem alguns alunos que se sentem intimidados com a presença da professora e preferem se excluir.	G-2- Bem. Falamos com todos, mas se alguém tem raiva de nós, nos ficamos no nosso lugar e tentamos sempre ajudar o outro.
G-3- Bem. Às vezes quando algumas não conseguem fazer a tarefa uns vão ajudar e quando esquecemos o livro alguns formam duplas.	G-4- Nós temos um relacionamento um pouco chato, não é uma sala muito animada, uma parte se diverte a outra é um pouco tímida.

Quanto ao relacionamento entre os alunos G1, G2, G3 afirmaram que se relacionam bem, mesmo tendo alunos intimidados, com raiva, procuram ajudar os outros nas tarefas.

A relação aluno X aluno foi considerada pelos grupos 1, 2 e 3 da seguinte forma: bem, bem, bem, pois sempre se ajudam nas tarefas, quando algum esquece o livro o colega senta junto para ajudar, mesmo se alguém estiver com raiva, ainda é ajudado.

O G.4. Acha o relacionamento um pouco chato devido a timidez de um grupo que não se diverte com o grupo mais animado.

Esses alunos tímidos que se excluem do grupo participativo são os alunos que vêm dos sítios para escola. A maioria da turma se mobiliza participando da aula construindo sua aprendizagem, colaborando com a escola e prontos para servir ao outro.

A originalidade dos alunos dificulta a comunicação interpessoal e com ela todo esquema de relações humanas que envolvem os segredos de convivência (ANTUNES, 2003).

Tabela 10-Relacionamento Alunos X Professora

Questão 4- Como vocês se relacionam com a professora?

RESPOTAS	
G-1- Bem, por que ela nos entende de uma maneira que ficamos à vontade e nós envolvemos na aula.	G-2- Então, todos nós falamos com ela e a maioria faz perguntas, nós se relacionamos bem.
G-3- O relacionamento é ótimo, nós a obedecemos e a respeitamos, fazemos nossas tarefas, nos comportamos, não fazemos bagunça e as vezes nós ajudamos ela.	G-4- Muito bem, ela nos relata sobre coisas divertidas que acontece nas nossas vidas, nos ensina a viver nesse mundo ingrato que tá se transformando num mundo triste e feio.

Quanto ao relacionamento dos alunos com a professora três grupos G1, G2, G4 afirmaram que se relacionam muito bem porque a professora os deixa à vontade no envolvimento das aulas, perguntando, dialogando e porque ela os entende. O G3 afirmou que o relacionamento com a professora é ótimo porque ela relata coisas divertidas e os ensina a viver no mundo ingrato que está se transformando num mundo triste e feio.

Os pesquisandos afirmaram que o relacionamento deles com a professora é ótimo e muito bem porque a professora os deixa à vontade no envolvimento das aulas, porque ela relata coisas divertidas, como viver no mundo moderno e insustentável em busca dos objetivos.

Para Coll a interação entre os alunos e professores é um paradigma decisório para conquista dos objetivos educacionais tanto para aprendizagem dos conteúdos como para os que concernem o desenvolvimento cognitivo social (1994).

Tabela 11-Relacionamento Escola X Comunidade

Questão 5- Como ocorre o relacionamento da escola com a comunidade?

RESPOSTAS	
G-1- A escola procura sempre esta por dentro da comunidade e a própria comunidade dentro da escola e tentam a melhor forma de se entrosarem uns com os outros para melhorar a aprendizagem dos alunos.	G-2- Muito bem, com as comemorações, e as reuniões de pais e mestre e a equipe pedagógica sempre perguntando os pais sobre a aprendizagem em casa.
G-3- Não anda muito bem, porque as vezes entra garotos na escola e ficam atrapalhando nós alunos, e os professores e até mesmo os zeladores.	G-4- Ótimo, ela participa dos eventos, nós recebemos também nossos pais visitantes e tentamos dar a eles o nosso melhor para ajudar nas apresentações para agradá-los.

O relacionamento da escola com a comunidade foi diagnosticado como positivo pelos grupos 1, 2 e 4.

Para o G1, e G2 se relacionam muito bem uma comunidade dentro da outra, se entrosam para melhorar a aprendizagem, realizam reuniões, a comunidade participa dos eventos da escola.

De acordo com os grupos 1, 2 e 4 o relacionamento da escola com a comunidade é ótima, se relacionam muito bem, pois a comunidade dentro da escola e a escola dentro da comunidade elas se entrosam para melhoria da aprendizagem.

O G.3. Ao contrário dos demais considera que o relacionamento não vai bem devido os garotos da comunidade que entram na escola atrapalhando os alunos, professores e funcionários.

Para o G4 o relacionamento é ótimo, pois os pais visitam a escola e os alunos dão o seu melhor agradá-los nas representações.

A investigadora observou por alguns dias esses garotos da rua e conversou com alguns. São alunos que estudam em outros horários, outros são ex-alunos que vêm para escola porque gostam do ambiente. Quando solicitados ajudam a escola, eles gostam de chegar no intervalo, outros ficam no portão, quando as turmas voltam para sala de aula eles vão embora. Seria necessário que a escola tivesse um projeto pedagógico que abrisse espaço para que eles participassem dela. Pois a mesma ainda é o melhor lugar de convivência com as famílias e com a comunidade em geral.

Neste sentido a escola se torna o lugar central da continuidade social, a socialização metódica se opera desde o seio da família e na escola é sistematizada (FILLOUX, 2010).

Tabela 12-Aulas de geografia

QUESTÃO 6- Como se processa as aulas de geografia?

RESPOSTAS	
G-1- Nada. Só achamos nós como a sala inteira acha que deve ser mais trabalhada no campo com coisas naturais, ou seja, fora da sala de aula.	G-2- Fazer as aulas de campo, fazer mais aulas de computação e aumentar mais os conhecimentos dos alunos.

<p>G-3- Tá tudo bem. Queremos livros interativos seriam melhores, usar a internet, ter aula de campo e usar mais</p>	<p>G-4- O desenvolvimento dos alunos na escola e que o tanto que nos aprendemos, nós queremos também envolver aqueles alunos que não participam e os que atrapalham.</p>
---	---

Para o G1 e G3 a escola não tem o que inovar nas aulas de geografia, pois está tudo bem, nada precisa de inovação. O G1, G2-G3 sugeriram a aula de campo, aula de computação, livros interativos, internet, utilizar globos, mapas etc. O G4 afirmou que falta inovar o desenvolvimento dos alunos para aprenderem mais e envolver os que não participam.

A maioria dos entrevistados estão satisfeitos com a aprendizagem que constroem na escola, por isso não falaram que é preciso inovação nas aulas de geografia. Para a investigadora a prática pedagógica da professora aponta para inovação pedagógica.

No que tange as sugestões dos grupos em primeiro lugar foi a aula de campo, depois foram os instrumentos tecnológicos e por último o materiais didáticos globos e mapas.

Segundo (FINO, 2006) a inovação pedagógica não se trata de buscar soluções paliativas para escola ou para o sistema educacional. Deve-se olhar para além delas em prol da sustentação da instituição escolar e dos sistemas de ensino que correm riscos do declínio.

Tabela 13-Aprendizagem de geografia

QUESTÃO 7- Como aprendemos geografia?

RESPOSTAS	
<p>G-1- Aprendemos nos expressando cada vez melhor com a professora.</p>	<p>G-2- Com conversa sobre o assunto, as histórias, com os livros e com a sabedoria que cada um tem.</p>

G-3- Aprendemos geografia usando o nosso conhecimento e o conhecimento da professora e o livro de geografia.	G-4- Através de leituras, histórias, explicações, envolvimento e participação de nossos colegas.
---	---

Os alunos responderam que aprendem geografia no diálogo com a professora, com conversas sobre o assunto, com as histórias, com os seus conhecimentos, com a sabedoria de cada um, com o conhecimento da professora, com os livros de geografia, através de leituras e explicações envolvendo a participação dos colegas.

Percebe-se que os entrevistados valorizam o senso comum, os conhecimentos deles e os da professora e acrescentam as demais formas de aprendizagem da geografia.

Neste pressuposto Vesentini considera que essa forma de aprendizagem contribui para vivência da geografia crítica que estará sempre em construção, recusando os modelos prontos onde a sua substância é a inovação, a criticidade, o diálogo (1992).

Tabela 14–Trabalho em grupo

Questão 8 -Você aprende mais nos trabalhos em grupo? Explique.

RESPOSTAS	
G-1- Porque são várias pessoas pensando é bem melhor de nós desenvolvermos, pois um ajuda o outro em qualquer duvida.	G-2- Sim em grupo, porque é muita coisa pra uma só pessoa porque uma pessoa não aprende tudo ela aprende só a metade, a outra aprende a outra metade, depois uma explica para a outra. Seria muito melhor se a professora fizesse mais trabalhos em grupo.
G-3- Nós trabalhos individuais, porque me entenreço mais em ler o conteúdo e assim eu aprendo mais do que trabalhando em grupo.	G-4- Aprendemos mais em grupo porque cada um tem seu ponto de vista, e juntando cada um dá uma resposta e várias cabeças

	pensando ao mesmo tempo fica bem melhor.
--	--

A maioria responderam que aprendem mais em grupo G1, G2, G4 porque pensam juntos, tiram dúvidas, um ajuda o outro. O G3 afirmou que aprende mais individual por que se interessa mais na leitura dos conteúdos e aprende mais.

O trabalho em grupo é preferido por três grupos, pois em grupo os alunos constroem mais aprendizagens na troca dos saberes, unidos resolvem problemas, como também tiram a timidez, elevam a socialização. Por curiosidade a investigadora questionou individualmente toda turma sobre essa questão, a única resposta do aluno que aprende mais sozinho foi do pesquisando que repetiu no grupo 3 porque se interessa mais na leitura dos conteúdos. A professora vem trabalhando entre pares no dia a dia sempre entrosando os mais socializados com os mais tímidos.

Neste contexto a ZDP e a colaboração entre pares são valorizadas pelo autor. As crianças que trabalham em grupo na sala de aula são orientadas pelo professor, elas conseguem unidas com os colegas resolver problemas sem intervenção de adultos (VYGOTSKY, 1984).

5.1.4- Análise do questionário com a professora

No dia 11 -07-14 a pesquisadora realiza um questionário com a professora da turma pesquisada com 11 questões abertas.

Identificação:

Experiências na educação: A experiência na sala de aula é de 34 anos nas séries iniciais e finais, na escola pesquisada trabalha há 24 anos, na gestão escolar 12 anos, no Conselho da Unidade Executora 16 anos, efetiva aposentada no primeiro contrato e ativa no segundo concurso.

Nível de instrução: Graduada em geografia e pós - graduada em Geografia no Mundo Tropical - Ensino Fundamental e Médio.

Questões:**1- Como se apresenta a Turma do 7º Ano A?**

Resposta- É uma turma legal, disciplinada onde tenho facilidade de interagir meus referenciais. Acho uma turma responsável, estudiosa e muito dinâmica, apesar das dificuldades por causa dos que moram nos sítios e necessitam de transportes, mesmo assim se esforçam para dar o melhor.

A professora elogia a turma e se preocupa com os alunos da zona rural que são prejudicados devido ao acesso a escola.

Segundo Mendonça os discentes residentes nos meios rurais enfrentam dificuldades devido à distância da escola, espera pelo o transporte, cansaço e limitação de tempo para estudos (2009, p.104).

2- Como se relaciona com a turma?

Resposta- Meu relacionamento com a turma do 7º Ano A é muito bom, pois nós nos respeitamos e quando há algum problema procuramos resolver da melhor maneira possível.

O relacionamento da professora com os alunos é importante para aprendizagem significativa construída nas aulas de geografia. É nas relações que o aluno desenvolve a participação dialogando seu saber prévio com o saber científico do professor de forma democrática. Esse relacionamento leva ao abandono das práticas da pedagogia tradicional elitista e disciplinada.

Corroborando com Coll um princípio educacional relevante é o melhoramento nas relações professor x alunos negando coletivamente o elitismo e abandonam o apego pela pedagogia disciplinada (COLL, 1994)

3- Como se sente na escola onde trabalha?

Resposta- Me sinto bem, sou respeitada pelos meus educandos e gosto do que faço, me realizo bem com todos os companheiros de trabalho e graças a Deus hei de finalizar minha jornada na paz.

A professora é a mais antiga na escola. É muito dedicada a escola e aos seus alunos. A escola para ela é parte da família. Os pesquisandos e muitos outros alunos no sábado vão para escola para aula de catequese com a professora que é também ministra da eucaristia.

De acordo com o autor a cidadania se aprende e a escola não deve abster-se do papel de formar cidadãos. A escola deve proporcionar condições para que o aluno de fato viva o exercício da cidadania (CAVALCANTI, 2002).

4-Quais as suas dificuldades na sala de aula?

Resposta- Minhas dificuldades são inúmeras: às vezes é adquirir material tecnológico como vídeo e explorar mapas no quadro e a falta de interesse por parte de alguns pais, falta a colaboração dos pais, falta de transporte contínuo para os alunos, de materiais didáticos suficientes, acesso aos computadores, sala de leitura com poucos acervos, etc.

A dificuldade mais grave é a falta do transporte escolar que prejudica o trabalho pedagógico da professora e principalmente a aprendizagem dos alunos. Isso também vem fazendo com que os pais percam a credibilidade na escola. Mesmo assim, esses dilemas externos não permitem na prática pedagógica o desânimo, nem comodismo, nem a repetição. A professora acaba realizando uma aula prazerosa e participativa. (Apêndice I -06-11-14) e (Fig. 5); Como também sempre cobra da direção e da coordenação junto a turma os direitos dos alunos, principalmente o transporte escolar, a utilização da sala de pesquisa e da sala dos acervos tecnológicos.

Como afirma Fino (2011) a inovação só depende das práticas inovadoras, ela não está fora das pessoas, ela vem de dentro, independe de ambientes, materiais, ou de tecnologias. A inovação partindo sempre do interior para o exterior necessita que o professor seja um inovador reflexivo, criativo, seja um pesquisador e crítico da sua própria prática.

5- Acha que a disciplina da geografia interfere na realidade social? Como?

Resposta- Antes de conhecer a disciplina não simpatizava muito com ela, mas depois que fui vendo os horizontes, o leque de conhecimentos que ela nos proporciona, me apaixonei.

A professora não comentou sobre se a geografia interfere na realidade social, citou o leque de conhecimentos dessa ciência e seu amor por ela.

Os conhecimentos da geografia são plurais, assim ela tem se estruturado como uma ciência mais plural, que os saberes são integrados, interdisciplinares, abertos na perspectiva da complexidade (CAVALCANTI, 2010).

6- Como trabalha os conteúdos de geografia?

Resposta- Meu trabalho com os conteúdos de geografia é de modo participativo, onde os alunos usam o livro didático para leitura e debate, sobre reportagens na TV narradas por eles, suas experiências, etc.

Na sala de aula ela usa pouco o livro didático, a mesma destaca com os alunos o que é necessário para aprender, sempre envolvendo os saberes prévios dos mesmos, depois dos destaques em síntese, ela provoca as discussões na coletividade e depois manda ler, interpretar e responder questões pertinentes ao assunto trabalhado.

A professora trabalha coletivamente envolvendo o aluno na construção dos conhecimentos significativos da geografia da tradição com a geografia acadêmica (CAVALCANTI, 2010).

7-O que entende por senso comum, ou conhecimento prévio?

Resposta- É o saber que não se baseia em métodos ou conclusões científicas, e sim no modo comum e espontâneo de assimilar informações e conhecimentos úteis no cotidiano, é o saber que se adquire através de experiências vividas do cotidiano, engloba costumes, hábitos, tradições, normas, éticas é também aquilo que se necessita para viver bem.

O senso comum é a base da construção da aprendizagem dos alunos. O saber prático, ou popular dos alunos é uma premissa para a construção de conhecimentos e para compreensão da realidade.

Moscovic conceitua o senso comum semelhante o conceito da professora:

As teorias científicas sobre as realidades naturais e sociais interagem com a cosmovisão (senso comum, saber popular, saber da prática) dos diferentes grupos sociais, possibilitando a construção de outra compreensão dessas mesmas realidades, a construção de um novo real histórico-social, um saber diferente (MOSCOVIC, 1978 in SOUZA, 1999.p.23).

É um tipo de saber resultante do confronto do conhecimento científico dos profissionais com os valores, regras, saberes do povo, é nas relações onde se organizam a elaboração dos comportamentos e do diálogo entre os participantes.

8-Acha importante valorizar a aprendizagem dos alunos na construção dos conhecimentos? Justifique.

Resposta- Sim, porque para desenvolver o nosso trabalho pedagógico temos que começar do conhecimento dos nossos alunos. Eles sabem sobre meio ambiente, problemas das queimadas, poluições, venenos, desmatamentos, os problemas que estamos vivendo e suas consequências.

De acordo com a professora os conhecimentos dos alunos são valorizados na sua prática pedagógica.

Neste sentido a aprendizagem consiste numa nova prática pedagógica na qual de fato se produz saber, professores e alunos recriam, tornam-se coautores de conhecimentos geográficos, história de vida dos alunos, os estudos participativos do meio, as experiências e os problemas da comunidade local e nacional (VESENTINI, 1992).

9- Quando a aprendizagem é significativa?

Resposta- Uma aprendizagem é significativa quando os alunos evoluem nos conhecimentos na sala de aula, quando eles participam, contextualizam, quando contribuem com os assuntos que trazem de casa, que assistiram na TV, quando utilizam a internet, quando constroem conhecimentos com o pouco de conteúdos trabalhados, pois não gosto de muitos conteúdos vou direto ao foco para que eles não cansem, quando cansam, não constroem, não respondem as atividades, não participam.

Quando a professora afirma que constrói aprendizagem junto aos alunos com pouco ensino para não cansá-los, creia-se que a matemática foi utilizada. No interacionismo de Papert (1994) a meta é a produção do máximo de aprendizagem com o mínimo de ensino.

Neste sentido Moreira, (2011) sua teoria é sempre em prol da aprendizagem na sala de aula, nas escolas, aprendizagem essa que é influenciada pelo que o aluno já sabe, esse é o fator valioso na sua teoria. A experiência cognitiva vai além do significado já existente quando modifica a estrutura cognitiva pela influência do novo material.

10-O que acha do uso das tecnologias na educação?

Resposta- Seria muito bom se a escola nos proporcionasse esse meio, pois facilitaria muito o trabalho pedagógico do professor, infelizmente nossa escola ainda está dando os primeiros passos e além do mais o educador tem que estar apto a manusear os equipamentos tecnológicos.

Nesta afirmação o uso do computador é utilizado na escola como um instrumento facilitador da aprendizagem. Ele possibilita a participação do aluno, torna a aula mais interessante e deve ser usado para o desenvolvimento cognitivo dos envolvidos. Uma nova prática, uma nova visão e compreensão são necessárias para que os professores utilizem a ferramenta do computador em prol da aprendizagem dos alunos.

De acordo com Papert o uso do computador é considerado uma ferramenta para construção do conhecimento e para o desenvolvimento do aluno (1994).

Ele é considerado por Valente por uma ferramenta educacional. Uma nova prática, uma nova visão e compreensão é necessária para que os professores utilizem a ferramenta computador visando melhorar a aprendizagem dos alunos.

De acordo com o autor se os aprendizes não participam voluntariamente da construção da sua aprendizagem, onde a prática educativa não fomente os valores morais, esse paradigma não é emancipador com ou sem o uso das tecnologias (PAPERT, 1996).

11- O que entende sobre inovação pedagógica?

Resposta- A inovação pedagógica é mudar, é criar meios novos, formas novas e concepções para entender o processo da aprendizagem. A inovação materializa-se em práticas pedagógicas e representa como foco principal o desenvolvimento do educando a partir das suas reais possibilidades. Embora tenhamos avançado em busca de novas fórmulas, soluções para os problemas como doenças graves, previsões de catástrofes e tantos outros problemas, ainda não conseguimos fazer da escola um locus de desenvolvimento das potencialidades humanas em sua plenitude.

A professora na sua prática pedagógica tem o docente como foco da aprendizagem, ela procura a cada momento criar meios para que os alunos construam suas aprendizagens,

preocupa-se com a realidade onde há curas para as doenças graves, ainda não conseguimos fazer da escola um locus de desenvolvimento.

Neste sentido, Fino, (2001), a inovação é mudança nas concepções de aula, nela novos conceitos são construídos, é preciso atirar-se ao novo.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

6.1- Os saberes construídos pelos alunos

Os saberes construídos por alunos: uma pesquisa etnográfica dialogando com os saberes do senso comum e os saberes científicos numa perspectiva de inovação pedagógica é o objeto dessa investigação.

A importância do senso comum para cidadania é por ser um novo caminho que permite o agir, o operar, a criação, a construção do conhecimento, partindo da realidade vivida pelos alunos e professores, sociedade, é a premissa para o desenvolvimento humano.

Segundo Vygotsky, a construção do conhecimento valoriza os conceitos cotidianos, pois os mesmos abrem caminhos para os conceitos científicos. (...) Os conceitos científicos desenvolvem-se para baixo, através dos conceitos espontâneos; os conceitos espontâneos desenvolvem-se para cima, através dos conceitos científicos (VYGOTSKY, 2009, p.251-252).

O senso comum é valioso na construção da aprendizagem partindo do intelecto do aluno, numa prática pedagógica inovadora a aprendizagem acontece fazendo a ligação entre senso comum e o conhecimento científico. Para tanto, o mesmo pode usar a interdisciplinaridade, a multidisciplinaridade e a transdisciplinaridade. A aprendizagem leva a interdependência individual e coletiva dos indivíduos envolvidos no processo.

O mundo tem evoluído permanentemente e na realidade da turma investigada a professora de geografia tem buscado na sua prática pedagógica proporcionar e acompanhar a evolução dos alunos. A globalização trouxe graves transformações na sociedade contemporânea. O acelerado desenvolvimento cultural, tecnológico leva a humanidade a enfrentar grandes desafios neste século. O mundo do trabalho, a cultura, a educação enfrentam novos paradigmas para adequar-se a uma sociedade industrializada. “O sistema capitalista alcança no neoliberalismo globalizante o máximo de eficácia de sua malvadez intrínseca” (FREIRE, 2002. p.141).

O mundo deve se refazer recusando a ditadura do mercado que de forma perversa visa só o lucro. Esse sistema será totalmente superado pela rebeldia dos homens e das mulheres, que conscientemente críticos e comprometidos construirão o mundo mais humanizado. A liberdade do comércio não pode sobrepor-se a liberdade humana. O progresso científico e tecnológico para ter significado deve ser fundamentado nas pessoas.

De acordo com a autora diante dos avanços globais a escola de hoje em sua maioria não tem se preocupado com as necessidades futuras. “A educação tal como temos hoje, não consegue dá respostas às exigências de amanhã” (SOUSA, 2001, p.2).

O senso comum é o conhecimento adquirido pelo homem a partir das suas experiências e vivências e por isso precioso necessário para o desenvolvimento humano na modernidade e na pós-modernidade. Ele é tão importante porque todo conhecimento científico constitui-se através dele.

Segundo o autor:

A ciência moderna construiu-se contra o senso comum que considerou superficial, ilusório e falso. A ciência pós-moderna procura reabilitar o senso comum por reconhecer nesta forma de conhecimento algumas virtualidades para enriquecer a nossa relação com o mundo (SANTOS, 1995, p.55-56).

Considerado um conhecimento mistificado, mistificador, conservador, ele possui uma dimensão libertadora ampliando o diálogo com o conhecimento científico. Sem o mesmo é impossível a relação com o mundo. E na escola sem essa relação não há aprendizagem significativa. Toda construção sem consideração ao senso comum, nega o diálogo, a participação do aluno, o trabalho coletivo, a consciência crítica, em suma a humanização dos sujeitos.

A investigadora considera que o objeto de estudo é de suma importância para cidadania em sua plenitude. Os saberes do senso comum dos educandos e das educandas sendo valorizados na construção dos conhecimentos científicos de geografia é o paradigma relevante na construção da aprendizagem significativa tão necessária neste século, que à luz da inovação pedagógica erradicará o ensino antidialógico da geografia como nas demais ciências ainda presente no mundo globalizado.

Neste contexto os saberes do currículo de mundo dos educandos dão estruturação ao currículo científico na perspectiva da aprendizagem significativa no ensino da geografia crítica como nas demais ciências.

Acreditamos que apesar de tantas contribuições científicas e tecnológicas atuais, de tantas mudanças globais, nada contribuirá para humanização em sua plenitude enquanto a maioria dos professores permanecerem reproduzindo as práticas tradicionais na escola.

Torna-se urgente que os educadores rompam com os paradigmas antidialógicos, aderindo aos paradigmas inovadores na aprendizagem da geografia no contexto inter e multidisciplinar contribuindo para uma sociedade mais justa e sustentável para as gerações presentes e futuras.

Nesse sentido a prática pedagógica vivida no lócus da investigação tem dado ao aluno a oportunidade de aprender na troca dos currículos do seu cotidiano com o da escola, é sujeito da construção da sua aprendizagem.

Outro fator essencial é a democratização do currículo como ele está vivenciado contribui para humanização, a educadora vem desobedecendo às práticas tradicionais dos conceitos estereotipados desagradáveis na sociedade moderna e pós-moderna. As disciplinas fragmentadas fora da realidade são desnecessárias para cidadania (TOFFLER, 1970).

Na turma investigada a prática pedagógica da professora aponta para a inovação por considerar o senso comum dos alunos, por possibilitar ambientes diferentes de aprendizagem, por vivenciar as teorias construtivistas, por proporcionar a interação social, por permitir que a produção dos conhecimentos com poucos conteúdos, entre outros.

Neste contexto para Fino: “A inovação pedagógica implica mudanças qualitativas nas práticas pedagógicas e essas mudanças envolvem sempre um posicionamento crítico, explícito ou implícito face às práticas pedagógicas tradicionais” (2008, p.1).

Pensando no futuro partindo da educação na perspectiva da inovação pedagógica que contempla o senso comum promovendo a aprendizagem significativa crítica, com base etnográfica essa premissa não se limita a turma investigada, pois diante das experiências vividas no campo investigado, os demais professores não têm as mesmas práticas emancipatórias da professora de geografia. A aprendizagem significativa se dá quando o conteúdo descoberto liga-se aos subsunçores já existentes na estrutura cognitiva (AUSUBEL, 2001).

Um fator importante é que mesmo a escola apresentando dificuldades na estrutura da sala de aula: pintura, iluminação, ventiladores quebrados, pouco acesso as tecnologias, mesmo assim os alunos constroem aprendizagem em ambientes diferentes, na sala, no pátio, no teatro, etc.

Como afirma Fino (2011) a inovação só depende das práticas inovadoras, ela não está fora, ela vem de dentro, independe de ambientes, materiais, ou de tecnologias. A inovação

partindo sempre do interior para o exterior necessita que o professor seja um inovador reflexivo, criativo, seja um pesquisador e crítico da sua própria prática.

6.1.2. Recomendações

Um novo cenário educativo deverá surgir na escola como um todo com a minimização das teorias, com mais espaço para as pesquisas de campo, nos trabalhos coletivos, na continuidade do trabalho com oficinas, na valorização das culturas e das artes dos alunos, pois, uma só turma como afirma a gestão, coordenação, professores e eles mesmos acham que se destacam em tudo que participam, teatro, danças, músicas, jogos, produções de textos, entre outros.

Neste contexto considerando que a inovação pedagógica não se limita ao espaço da escola ou de uma turma ela é a única saída para enfrentar os desafios do mundo atual e futuro. Para saber quais são as mudanças que são impostas no mundo atual é preciso que conheçamos as necessidades futuras. Precisa-se de preparar as escolas e professores para treinar e estimular urgentemente estratégias inovadoras, conscientizar professores e gestores para as possíveis mudanças e os desafios.

Um paradigma importante para educação da sociedade futura são os cenários, no mundo dos avanços e incertezas os mesmos contribuem para inovação, para as tomadas de decisões, para estimular a criatividade, a reflexão e a imaginação (SOUSA, 2001).

Nesse processo, o professor é uma peça fundamental, é o agente categorizado para educar é o mediador do conhecimento historicamente produzido e culturalmente organizado.

Neste sentido pretendo apresentar no campo estudado os resultados deste objeto como forma estimuladora a comunidade.

O trabalho serve para autora para o crescimento profissional pelos conhecimentos adquiridos, também como fonte de pesquisa para aqueles e aquelas que buscam a mudança da práxis, que sonham com uma sociedade mais justa e emancipada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTOÉ, A, PENATI, M. **O Construtivismo e o Construcionismo fundamentado na ação docente**. Maringá, Eduem, 2005.

AMARAL, V. L. **Tão Longe, tão perto**. Natal: UFRN/PPGED/GPEM, 2002. (Tese de Doutorado Programa de Pósgraduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte)

ANTUNES, C. **Relações interpessoais e auto estima: a sala de aula com um espaço de crescimento integral**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

AUSUBEL, D. P. NOVAK, J. D. HANESIAN, H. **Psicologia Educacional**. Trad. De Eva Nick e outros. Rio de Janeiro: Interamericana, 1980.

_____. **Psicologia Educacional**. Trad. De Eva Nick e outros. Rio de Janeiro: Interamericana, 2001.

_____. **Educational psychology: A Cognitive View**. Nova York, Holt.Rinehart and Wunston Inc, 1968.

BOGDAN, R. BIKLEN, S. **Investigação Qualitativa em Educação**. Uma introdução a teoria e aos métodos. Porto Editora. 1994

_____. TAYLOR, S. **Introduction to qualitative research methods: a phenomenological approach to the social sciences**. N. Y.: Wiley, 1975.

BOURDIEU, P. **Sur le Povoir Symbolique Annales, Economies - Societes- Civilisations**.32- Anneé.n.3, Mai-Junho, 1997.

BRASIL, **Parâmetros Curriculares Nacionais: história e geografia**. Secretaria de Educação Fundamental-2 ed.-RJ: DP&A, 2000.

BRAZÃO, P. **O diário de um diário etnográfico eletrônico**. In J. Souza & Fino, C. (orgs). A escola sob suspeita. Porto Asa Editora, 2007.

BECKER, F. **O que é construtivismo?** Revista Pedagógica AEC, Brasília, v.21, n..83, p 7-15. Abril/junho. 1992.

_____. **Da ação a operação: o caminho da aprendizagem:** Jean Piaget e Paulo Freire. Tese (Doutoramento) Instituto de psicologia da Universidade de SP. 1984.

BEHRENS. M. A. **O Paradigma Emergente e a Prática Pedagógica.** 2 ed Curitiba, Champagnat, 1999.

_____. **A prática pedagógica dos problemas universitários: perspectivas e desafios.** Revista de educação. PUCRS: Porto Alegre. Ano XXI n° 35, AGOST, 1998

BENAIM. D. **Memorandum for Dailton School's Educational Policy Commttee.** Nov.1995.

CAVALCANTI. L. S. **Geografia e Prática de Ensino.** Gioana, Alternativas, 2002.

_____. **A Geografia Escolar e a Cidade:** ensaios sobre o ensino de geografia para a vida urbana cotidiana. Campinas. SP. Papirus, 3 ed. 2010.

CARDOSO, C. **A canção da incerteza uma visão holística da educação.** SP.:Summus, 1995

CARDOSO. A. P. **As atitudes dos professores e a inovação pedagógica.** Revista Portuguesa de Pedagogia, Ano XXVI, n° 1, p.85-99, 1992

CARBONELL. J. A. **A aventura de inovar: a mudança na escola.** Porto Alegre: Artmed, 2002.

CARRETEIRO, M. **Construir e Ensinar as Ciências Sociais/história.** SP: Artmed.1997

CASTROGIOVANNI, A. (Org) **Ensino de geografia:** práticas e contextualização no cotidiano. Porto Alegre: Mediação, 2000.

COLL, C. **Aprendizagem Escolar e Construção do Conhecimento.** Porto Alegre: ARTMED. 2002.

_____. **Aprendizagem Escolar e Construção do Conhecimento.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

_____. **Aprendizagem Escolar e Construção do Conhecimento.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

COULON, A. **Etnometodologia e Educação**. Tradução Guilherme João de Freitas. Petrópolis, RJ. Vozes, 1995.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 3.ed. São Paulo: Cortez, 1998.

DANIES, H. **Vygotsky e a Pedagogia**. Loyola, SP. Brasil, 2003.

DELORS, J. (ed.) (1996) **Learning, the treasure within**. Report to UNESCO of the international commission on education for the 21st century (Paris, UNESCO).

DUARTE, R. **Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo**. Caderno de Pesquisa, n. 115, p. 139-154, março/2002.

FÁVERO, O. GIONANNI, S. (orgs). **Democracia na Construção do Público** – no Pensamento Educacional Brasileiro. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

FERNANDES, M, R. **Mudança e inovação na pós-modernidade**. Perspectivas curriculares. Porto editora. 2000.

FEREIRA M. E. **A contradição entre a tradição e inovação pedagógica no processo educativo** das escolas públicas municipais de Anápolis, tese de doutoramento, UniEvangélica, 2012.

FERREIRA, N. AGUIAR, M. (org.) **Gestão da Educação: impasses, perspectivas, e compromissos**. 4 ed. SP. Cortez, 2004.

FREINET, C. **Para Uma Escola do Povo**. SP: Martins Fontes, 1966.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários a Prática Educativa**. 24 ed. Paz e Terra. RJ. 2002.

_____. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários a Prática Educativa**. Paz e Terra. RJ. 1996

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª ed. RJ, Paz e Terra, 1987

_____. FAUNDEZ, A. **Por uma Pedagogia da Pergunta** RJ: Paz e Terra 4 ed.1998.

_____. **Ação Cultural para a Liberdade**. 10ª ed. Paz e Terra. 2002

_____. MACEDO, D. **Alfabetização. Leitura do mundo leitura da palavra.** RJ: Paz e Terra, 1990.

_____. **A Educação na Cidade.** 4 ed. SP: Cortez, 2000

_____. **Alfabetização: leitura da palavra leitura do mundo.** Paz e Terra. SP.1994.

_____. **Educação como Prática da Liberdade.** RJ, Paz e Terra. 24 ed. 2000

_____. HORTO, M. **O Caminho se faz caminhando. Conversas sobre educação e Mudança Social.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

_____. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam.** 32ª ed. São Paulo: Cortez, 1996.

FINO, C. **Um novo paradigma para a escola ; precisa-se,** in FORUMa- Jornal do grupo de estudos Clássicos da Universidade da Madeira - 1,2, 2001.

_____. **Convergência entre a teoria de VYGOTSKY e o Construtivismo, Construcionismo.** Portugal, 2004.

_____. **Actas III Conferência Introdução da Tecnologia da Informação e Comunicação na Educação,** Universidade do Ninho, 2003.

_____. **III Colóquio DCE – UMA. Oficina de Inovação e Supervisão.** 2008.

_____. **Inovação e invariante cultural.** In: Actas do VII Colóquio sobre Questões Curriculares, Braga; Universidade do Ninho, 2006.

_____. **Inovação Pedagógica, Etnografia, Distanciamento,** In Fino, C. N. (2011), Etnografia da Educação. Funchal: Universidade da Madeira – CIE – UMa. 2011.

_____. **AS TIC Redesenhando as Fronteiras do Currículo.** Revista Galego-Portuguesa, 2003.

_____. **Tecnologia e pedagoga construtivista.** Centro de Ciências Sociais, Funchal, 2009.

_____. **Inovação Pedagógica: significado e campo (de investigação).** Texto apresentado no III Colóquio do DCE - UMa, oficina B – Inovação e Supervisão. 2007.

_____. **A Etnografia enquanto método** : Um modo de entender as culturas(escolares) locais. Universidade da Madeira(s/d).

_____. **O Futuro da Escola do Passado**. In Jesus Maria Sousa & Carlo Fino (Orgs.). A Escola sob Suspeita (pp.31-44). Porto: Asa, 2007.

FILLOUX, J. C. **Émile Durkheim**. Recife : Fundação Joaquim Nabuco, Massangana, 2010.

FURTADO, C. **O Capitalismo Global**. Paz e Terra. 5 ed. SP: 1998

GADOTTI, M. **Perspectivas Atuais da Educação**, Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000

GATTI. B.A. **a construção da pesquisa em educação no Brasil**. Brasília LIBER Livro Editora, 2012

GIL, A.C. **Como elaborar Projeto de Pesquisa**. 4 ed, SP: Atlas, 2007

_____. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

_____. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GIROUX, H. A. **Os professores como intelectuais**. Rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem. Tradução Daniel Bueno. Porto Alegre: Artes Médicas. 1997

_____. **Cruzando as fronteiras do discurso educacional**: novas políticas em educação. Porto Alegre: Artes Médicas, Sul. I Sociologia da Educação. 1999

LAPASSADE, G. **As microssociologias**. Tradução de Lúcio Didio - Brasília: Liber. Livro Editora, 2005.

_____. **La Methode Ethnographique**.1993.

_____. **L' Observation Participante**. Revista Européia de Etnografia da Educação. 1. 9-26.2001

LURIA, A. R. **Curso de Psicologia Geral**. V.1 RJ, Civilização Brasileira, 1979.

LUKDKE e ANDRÉ. **O Livro e Metodologia da Pesquisa em Educação**. SP: Cortez, 1986

_____. **Pesquisa em Educação**: Abordagem Qualitativa. Temas Básicosde Educação e Ensino.SP. EPU. 1986

MACEDO, R. S. **Etinopesquisa crítica, etinopesquisa-formação**. Brasília: Líber Livro Editora, 2 ed, 2010

_____. **Currículo: Campo, Conceito e Pesquisa**. 4 ed. Petrópolis, RJ :Vozes, 2011

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003

MASETTO, M. (org). **Novas Tecnologias e mediação pedagógica**. Papirus: 2003

MANZINI, C. **O que é cidadania**. SP: Brasiliense, 11^a ed. 2003.

MENDONÇA, A. **O Insucesso Escolar: Políticas Educacionais e Práticas Sociais**. Um estudo de caso sobre o Arquipélago da Madeira. Ed. Pedago Lta. Portugal. 2009.

MORAES, M. C. **O paradigma Educacional Emergente**. Campinas, SP: Papirus, 1997.

MOREIRA, M. A. **Teorias de aprendizagem**, 2 ed. SP: EPU, 2011.

_____. **Aprendizagem Significativa**: a teoria de David Ausubel. SP: Centauro. 1999.

_____. **Modelos mentais. Investigações em Ensino de Ciências**. Porto Alegre, 1996.

_____. **Aprendizagem significativa**: a teoria de David Ausubel edição: 2^a, 2001

MORIN, E. **Os setes saberes necessários a educação do futuro**. Tradução de Catarina Eleonora e Jeanne Sawaya. 6 ed. SP: Cortez; Brasília, de: UNESCO, 2002.

MOLL, L. C. **Vygotsky e a educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996

NOVAK J. **Aprender, criar, e utilizar o conhecimento: Mapas Conceituais como ferramenta de facilitação nas escolas e empresas**. Lisboa. Pântano edições técnicas, 1996.

MUNARI, A. **Jean Piaget**, tradução e organização: Daniele Saeb- Recife: Fundação Joaquim Nabuco, ed. Massagana, 2010.

OLIVEIRA. M. M. **Como fazer pesquisa qualitativa**. 2 ed. Petrópolis. RJ: Vozes, 2008

OLIVEIRA, A. U. **Para onde vai o ensino da geografia?** (Org). 6 ed. SP: Contexto.1998.

PAPERT, S. **A máquina das crianças: repensando a escola na era da informática.** Porto Alegre: Artmed, 2008.

_____. **A máquina das crianças: repensando a escola na era da informática.** Porto Alegre, Artes Médicas, 1994.

_____. **A máquina das crianças: repensando a escola na era da informática.** Porto Alegre, Artes Médicas, 1996.

_____. **Logo-computadores e educação.** 3 ed. SP. Brasiliense, 1988.

_____. **Logo. Computadores e Educação.** 2 ed. Brasiliense. SP.1986.

_____. M. Mindstorms – C. **Computers, and Powerful Ideas.** New York: Basic Books 1980.

_____. **Qual é a grande ideia?** Revista teoria e Prática da Educação. Educação e Informática. Maringá. V.6, n.14. 2003

_____. **Para onde vai a Educação?** Braga. 7 ed. RJ. Livraria José Olímpio,1980.

PEREIRA. M.G. **O percurso curricular alternativas, um desafio a inovação pedagógica.** Uma abordagem etnográfica no campo de pesquisa de uma turma do 5 anos com proposta de PCA. Tese de doutoramento. Funchal. 2012.

PIAGET J. A. **Equilibrarção das Estruturas Cognitivas** - problema central do desenvolvimento, trad Álvaro Cabralrj –Zabar, 1976.

_____. **Seis estudos de psicologia.** RJ: Forense. 1964

_____. **A formação do Símbolo na criança.** Rio de Janeiro: Zahar,1975.

_____. **Epistemologia genética.** Tradução de Álvaro Cabral. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

_____. **Como se dasarolla la mente del nino.** In Piaget, Jean et allii. Los anos postergados, la primeira infância. Paris: UNICEF, 1975

_____. **Epistemologia genética.** Tradução de Álvaro Cabral. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1990

_____. **A Equilíbrio das estruturas cognitivas** RJ: Zehar, 1975

_____. **A. Seis estudos de psicologia**. RJ: Forense. 1964

POZO, J, GOMEZ, M. **A Aprendizagem e o Ensino de Ciências**. Do conhecimento cotidiano ao conhecimento significativo. 5 ed. Porto Alegre: Artmed, 2009

RODRIGUES, L. **Educação Popular: temas convergentes**. Universitária UFPB, 1999.

SABER, M. G. **PIAGET: o diálogo com a criança e o desenvolvimento do raciocínio** - SP. Sipiõne, pensamento e ação no magistério. 1997.

SANTOS, B. **Um discurso sobre as ciências**. Afrontamento. 7ª ed.1995.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. SP; Hucitec.1999.

SAVIANI, D. **Escola e democracia. Teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política**. SP, Cortez: 20 ed, 1988

SAVIANI, N. **Saber escolar, currículo e didática**. Problemas de unidade conteúdo/método no processo pedagógico. 3 ed. Campinas, SP: AUTORES ASSOCIADOS, 2000

_____. **Florestan Fernandes e a educação. Estudos Avançados**, São Paulo, vol.10, n.26, 1996.

SOUSA, J. M. **Scenário Planning em Educação: Centro de Investigação e Desenvolvimento 19 Perspectivas sobre o Currículo na Formação de Professores**. ATEE/RDC 19 Amsterdão, 2001.

_____. **O professor como Pessoa**. Porto: Asa Editora, 2000.

_____. **Scenário Planning em Educação**. Funchal, 2004.

SOUZA, J. F. **Atualidade de Paulo Freire: contribuição ao debate sobre educação na diversidade cultural**. Recife: Bagaço; Núcleo de Ensino, Pesquisa e Extensão em Educação de Jovens e Adultos e em Educação Popular da UFPE, 2001.

_____. **A Democracia dos movimentos sociais populares- uma comparação entre Brasil e México**. Recife: Bagaço Núcleo de Ensino, Pesquisa e Extensão em educação de jovens e adultos e em educação popular. UFPE-NUPEP, 1999

_____. **O DIÁRIO ETNOGRÁFICO**, Um Instrumento de Pesquisa Educacional para formação do educadora e do educador. Recife: NUEPE- 2006

SCOCUGLIA, C. **Educação Popular: outros caminhos**. (Orgs). João Pessoa: Universitária- UFPB, 1999.

_____. **A história das ideias de PAULO FREIRE e a atual crise se paradigmas**. JP. Universitária. 2 ed, 1999.

_____. **A História das Ideias de Paulo Freire e a Atual Crise de Paradigmas**. Universitária. UFPB, 5ª Ed. 2006

TOFFLER, A. **O choque do futuro**. 4 ed. RJ.1970.

_____. **Aprendendo com o futuro**. Artenova. S.A.1990.

_____. **Aprendendo com o futuro**. Artenova. S.A.1997

VALENTE, J. **O computador na sociedade do conhecimento**. Campinas. UNICAMP-NIED, 1999.

VESENTINI, J. W. **Para Uma Geografia Crítica na Escola**. Ática, 1992.

VYGOTSKY, L.S. **A Formação Social da Mente**. 7ª ed. SP. Martins Fontes, 2010

_____. **Obras Escogidas**1. Madri, Centro Publicaciones del.M.E.C.Y. Visor Distribuciones. 1993

_____. **A Formação Social da Mente**. 7ª ed. SP. Martins Fontes, 1984.

APÊNDICES

APÊNDICE - 1

Investigadora – MARIA RITA DA SIVA OLIVEIRA

Escola – JOSÉ RUFINO – BORRACHA – VICÊNCIA-PE.

Período- ABRIL a DEZEMBRO – 2014



DIÁRIO ETNAGRÁFICO

Dia 28/04/2014- fiz meu primeiro contato no lócus da pesquisa. Ao chegar me apresentei pela manhã a gestora da escola Maria de Fátima da Conceição pedindo um tempo da atenção para oficializar minha pesquisa na turma do 7º ano A. Conversei sobre a pesquisa, sobre a necessidade da permissão e apoio, do tempo de duração, das visitas frequentes no ano de estudo, entre outros.

Fui bem recebida por ela, pela coordenadora, logo me apresentei à planejadora Glaucimere Moreno é já agradei antecipadamente por ter me recebido no ambiente escolar. Elas disseram que eu poderia contar com o apoio para o que precisasse. Procurei a professora de geografia Josefa Maria do Nascimento Rocha (conhecida como Lucineia). A encontrei na sala dos professores no momento fui recebida muito bem. Sentamos e relatei em síntese do que se tratava a pesquisa, a importância da linha de pesquisa-inovação pedagógica nessa era contemporânea e nesse momento perguntei-lhe se podia contar com sua valiosa colaboração, para a realização do trabalho empírico junto aos 28 alunos. A professora me convidou para conhecer a turma fomos acompanhadas pela gestora chegando à sala de aula percebi que os alunos estavam todos fardados, ficaram de pé e me deram as boas-vindas. A diretora me apresentou a turma. A professora explicou minha presença, falou da minha pesquisa na escola, da necessidade da colaboração deles/as para o sucesso da mesma, em seguida foi dado um momento para conversar com a turma, sobre o trabalho que íamos fazer juntos.

No momento fiquei muito à vontade para conversar com eles fazendo assim meu primeiro diálogo. A turma nesse dia estava todos os presentes. Pedi permissão para sentar e eles curiosos olhavam muito para mim sentada no final da sala, dois alunos vieram arrumar o local

para eu sentar pois as bancas estavam ocupadas. Todos sentados começam a participarem dos questionamentos da professora. Perguntava tudo sobre "ecossistema".

Quem já ouviu falar de ecossistema? O que é um ecossistema? Tudo que eles falavam ela escrevia no quadro, depois juntou tudo com eles e fazia leitura em grupo e individual, em seguida ela pediu para os alunos fazerem a leitura do livro sobre o assunto. Segundo ela a leitura facilita a compreensão por isso incentiva-os a ler. Naquele momento a pesquisadora já observava quais alunos/as seriam escolhidos para participar da pesquisa centrava as observações na curiosidade apresentada por eles/as, na vontade de entender o porquê dos fatos, nos questionamentos que os mesmos faziam, entre outros. Assim optei por: Ana Carolina, João Tadeu, José Antônio, Tamyris Miguel, Nardênia Queiroiz, Isabela Alves, Maykon Jhonatan.

Dia 30/04/14- Assunto da aula "População Brasileira". A professora chegou, fez a chamada, muito calma, falando muito baixo, observa a sala para saber quem faltou, pois conhece onde os alunos e alunas se localizam na sala. Os alunos estavam fardados, tranquilos. A mesma fez a chamada cobrando sempre a frequência de um que falta muito o aluno Tássio Vieira e quando termina ela passou nas bancas para observar se trouxeram o livro e o caderno com as questões das atividades de casa se foram respondidas.

Conversando com cada um ou uma sobre as questões que não responderam. Ao terminar as visitas, ela socializa com a turma as vantagens dos que fizeram e os que tiveram dificuldades ela estimula. Os alunos fazem suas leituras com ela e os outros vão entendendo como resolver suas questões. Dos 28 alunos, dez precisaram recuperar algumas questões. Olhou o relógio questiona com pouco tempo mesmo assim introduz o assunto perguntando sobre a população local o que entende por população? Como se apresenta a população da cidade e da localidade? Os alunos participam, falando dos problemas da população, das suas necessidades etc. Ela havia marcado as leituras para casa sobre o assunto. Como foi a última aula para ela pediu para trazerem as dúvidas para próxima aula após a leitura. Eles ajudam a professora a juntar e a corrigir seus materiais. Percebi que o relacionamento entre professora e alunos é perfeito, amigável, respeitoso.

Dia 12/05/2014- Assunto- continuação da População Brasileira.

Aula foi uma avaliação individual com 9 questões para nota. A professora começa conversando com a turma sobre a atividade que irá aplicar deixando-os tranquilos sobre a mesma, após a conversa, ela formula algumas questões na hora sem utilização do livro, os

mesmos copiam sem apresentarem nenhuma dificuldade, perguntando quando necessário. Das 09 questões duas foram objetivas para marca (x) nas alternativas corretas. A professora tira as dúvidas e passa por cada um verificando se estão respondendo a atividade. As outras questões foram subjetivas, segundo ela essa forma leva o aluno a pensar, refletir.

Dia 09/06/2014 – nesse momento a pesquisadora observava a escola antes de chegar a sala de aula havia alunos esperando no pátio, nos corredores, na quadra estavam os participantes das oficinas do projeto Mais Educação, os quais passam o dia na escola entre eles os pesquisando desta investigação. Neste momento ao chegar à sala de aula encontrei a porta quebrada e os alunos reclamando a professora que o barulho da quadra estava atrapalhando a aula. Mesmo assim a professora começou conversando sobre os mapas e depois apresentando o assunto do livro fazendo a leitura de imagem dos mapas e gravuras. Perguntava o que significava um mapa? Qual a sua importância? Quais os tipos de mapas? Para que serve o mapa? Os alunos falaram que era difícil desenhar mapas, mas que eles serviam para nossa orientação e localização. A professora mandou ler o texto e desenhar o mapa da população e resolver os exercícios com questões abertas. Eles resolveram uma parte, tocou a aula, ficou para casa o restante da atividade. A turma caminha com ela no corredor até o portão.

Dia 01/08/2014 - A professora chega, como sempre encontra a turma organizada, fardados, todos com o livro, esperando-a. Ela entregou uma atividade para os alunos com 11 questões abertas sobre os assuntos vividos e revisados após, realizaria a prova escrita, a atividade foi individual com as seguintes questões: 1- O que é miscigenação? 2- Escreva as origens das palavras: Tietê, caatinga, pitanga, berimbau, fubá, espaguete e tchau; 3- Cite os grupos formadores da população brasileira; 4- Liste as características do grupo indígena; 5- Nos séculos XIX e XX chegaram muitos imigrantes europeus no nosso país; cite-os; 6- Cite as grandes culturas africanas que entraram no Brasil; 7- Explique o que é Grileiro; 8- Relate com as suas palavras como os negros africanos vieram para nosso Brasil; 9- Como está distribuída a população brasileira de acordo com a cor pele? 10- Explique como são formadas as comunidades quilombolas. 11- Listem os Estados Brasileiros que têm comunidades quilombolas.

Dia 04/08/2014- Ao chegar percebi mais uma vez os alunos fardados. Eles mesmos se organizam e costumam sentar no mesmo lugar. Assunto da aula Industrialização Brasileira. Identificar as primeiras indústrias e sua importância foi o objetivo da aula. A professora levou os alunos para a sala de projeção pra comemorar o dia do “Amigo” com a música "Amigos”,

seguiu-se com a apresentação de uma peça teatral com o apoio da professora de português Gilvanilza. O tema foi "A Verdadeira Amizade". Também foi feita a leitura e a reflexão do poema "Também só Isso". Percebeu-se que os alunos estavam mais participativos e curiosos nas atividades. Isso incluía os tímidos. Conclui-se com aplausos e agradecimentos pela participação de todos e de todas. Muitas aprendizagens foram construídas na interdisciplinaridade, nas quais os pesquisandos participavam de todos os momentos. Para investigadora foi um dia integral de inovação a escola tornou-se uma comunidade de aprendizagem, um campo de inovação.

Dia 08/08/2014- Continuação do assunto Industrialização Brasileira.

A professora chega dando as boas-vindas, conversa questionando sobre o tema trabalhado, fez a chamada e seguiu a leitura do texto do livro didático página 113. Devido a dificuldade da iluminação da sala, a aluna Tamyris (pesquisanda) fez a cobrança sobre a iluminação a professora, a mesma mandou falar com direção da escola, a aluna responde: Nós já chamamos e reclamamos. Sendo aulas conjugadas a professora inicia o assunto: Hidrografia da Região Norte perguntado sobre a água na terra; o que entende por hidrografia, qual a sua importância; como ela se apresenta na realidade local, entre outras. Mandou abrir o livro para fazer a leitura da hidrografia nos mapas, nos textos. Pediu que lessem em casa, pois continuaria na próxima aula.

Dia 09/08/2014- A professora chega dá um bom dia! Muito calma como sempre começa falando sobre a tarefa que passou para casa na aula anterior, fez a chamada e cada aluno que faltava ela perguntava o porquê e contavam sempre com a colaboração da representante e vice representante da turma (pesquisandas) justificando a ausência dos colegas devido a chuva, pois o transporte escolar não foi buscar nos sítios por causa das estradas em péssimos estados de conservação. A professora conhece as dificuldades dos alunos e justifica as faltas. Estavam na sala 22 alunos. O assunto foi "Movimentos Sociais Urbanos". A professora inicia a aula fazendo como sempre questionando sobre o tema: O que é um movimento social? Quais os movimentos sociais que existem no Município Vicência? Como têm visto esses movimentos na TV e nos livros? Após a contextualização foi feita a leitura de um texto no livro didático página 08 sobre o assunto discutido. Ao mesmo tempo ela trabalha o "Relevo", através das gravuras do livro. Começa a passar nas bancas corrigindo a tarefa de casa, um a um. Os mesmos tem o caderno de geografia organizado. Ela citou que 12 alunos responderam por completo e

corretamente, ficando 8 para terminar com a ajuda dela. Essa ajuda é lembrando a aula trabalhada com eles.

Dia 18/08/2014 – A professora chegou deu as boas-vindas, fizeram a oração e a chamada. Atividade: continuando a aula anterior. Leitura do assunto página 110. Leitura individual, Leitura em grupo, exercício escrito. A professora quase não utiliza o livro do aluno, perguntei o porquê, ela disse que o autor cansa o aluno. Como já foi registrado, os alunos que moram nos sítios só participam quando a professora chega até eles, ficam com o livro aberto acompanhando, porém, não lêem em voz alta. Existem alguns alunos que moram na rua como podemos citar: Alan, Alexandre, Edilane, Davi, Júnior, Edvan, Tássio, Erli também não participam das aulas, não têm interesses por nada que esteja sendo tratado, ficam fazendo as atividades sem estima, não são tímidos, verbalmente eles participam, caso a professora solicite.

Dia 28/08/2014 - A pesquisadora realizou uma atividade com os pesquisandos na intenção de saber o que os mesmos achavam da escola. Acompanhando o dia todo eles na escola, visto que os pesquisados passariam o dia integralmente na mesma. Já havia avisado os mesmos anteriormente.

A questão foi apresentada individualmente na sala dos professores, cada um pesquisado separadamente produziram a resposta por escrito.

1-Faça um relato sobre sua escola.

Aluno 1- “A escola é legal, porque vivemos aprendendo de forma divertida, com brincadeiras, pesquisas, festas culturais. A escola tem área ampla, é arejada. Os banheiros precisam melhorar, as pias estão sem água. Os alunos são culpados por não manterem a limpeza dos mesmos.”

Aluno 2- “A escola é boa, tem biblioteca, quadra esportiva, sala de vídeo, banda marcial que faço parte, tem um ambiente tranquilo, nela todos se conhecem, tem espaço para construir o refeitório que já pedimos, tem bons funcionários, chegou o quadro branco, o prédio começou a ser pintado, a coordenadora trouxe o projeto para fazermos a horta na escola. Sou bem atendido na secretaria, a merenda tem melhorado devido as exigências dos professores na luta. Os pais deveriam participarem mais da escola. A sala de computação é boa, porém fechada, tem prejudicado os alunos, pois o computador ajuda nas pesquisas e a maioria dos alunos não

tem computador em casa; o motivo de antes parados era a energia e esse ano não sei explicar o porquê. A sala de leitura precisa melhorar o atendimento”.

Aluno 3- “A escola tem bons professores, todos formados. O prédio precisa de uma reforma, precisa da construção do refeitório já pedido a gestora dona Fátima, os banheiros estão melhorando, a limpeza deles não é mantida pelos colegas, como o bebedouro sem higiene, falta melhorar o piso da quadra que é muito crespo. O barulho da quadra atrapalha as aulas, precisa aumentar o muro para ocupar o espaço fora da escola. A escola se relaciona bem com os pais dos alunos, funcionários e com a comunidade. Ela também tem respeito por nós alunos, com exceção do porteiro que não trata bem a nos. Para mim a função da escola é ensinar e aprender com os alunos, é viver em família”.

Aluno 4- “Na escola me sinto super bem, gosto dos professores, da diretora e dos funcionários. Ela tem um ambiente bom, gosto do local, da cantina, mas precisamos de mais acesso a sala de informática, pois nunca tivemos a liberdade de usá-la. Só uma vez fomos e só 4 aparelhos funcionavam, é um absurdo 4 para atender 28 alunos não tem condições. Em relação as outras coisas não tenho o que reclamar, foi colocado o quadro branco agora, a eletricidade está precária apenas 2 lâmpadas funcionam. Sem falar que ventilador não tem, etc. Acho que a escola deve transformar os jovens que vivem no alcoolismo em pessoas dignas, pessoas que saibam se defender se precisar com seus conhecimentos. No futuro o que será do jovem sem conhecimentos, como vai enfrentar o mundo lá fora?”

Aluno 5- “A escola é boa mas precisa melhorar a estrutura (portas, lâmpadas, ventiladores, pintura, melhorar a sala de informática, porque as máquinas em sua maioria não estão funcionando. Elas ajudam a aprender mais história, geografia e as demais disciplinas. Elas não ensinam, mais ajuda. Elas não ensinam, mas ajudam a descobrir os assuntos que temos dificuldades. Acho que as máquinas trazem mais conteúdos para aprendermos. Assim os professores devem estar sempre atuantes para não serem substituídos pelas máquinas, pois são eles quem controlam as máquinas. Faltam mais conhecimentos dos professores para usar as máquinas com os alunos. Pois tem alunos que já sabem utilizá-los pelo celular, pelos tablets, etc. em casa”.

Aluno 6- “Gosto muito da escola, dos professores, direção dos profissionais da mesma. Sinto-me bem nela. Gosto dos colegas. Quanto a sala a estrutura deixa a desejar: iluminação, ventiladores sem funcionar, chegou o quadro branco, pois o anterior não pegava o giz. A sala

de informática que começou a funcionar deixa a desejar devido as máquinas a maioria sem funcionar. A sala de leitura precisa melhorar o atendimento, as vezes sem ninguém para atender. Antes podíamos pegar livros, hoje não pode”.

Aluno 7- “Escola é boa devido os professores competentes nas disciplinas. Tenho um pouco de dificuldade em geografia mesmo sendo aprovado, pois, o livro apresenta assuntos extensos, cansativos, falta uma síntese em vídeo, falta pesquisa, aulas de campo. Na escola gosto de trabalhar individual porque confio em mim mesmo. Eu não aprendo mais em grupo. A professora de geografia não segue as atividades do livro.

De acordo com os alunos todos gostam da escola, por que ela é boa, sentem-se bem nela, por que nela aprendem por que os professores são habilitados, competentes, que ela deve transformar os jovens para enfrentarem o futuro. Gostam dos profissionais, dos colegas, da gestora. O que foi citado como problemas foram a estrutura da escola como um todo; reforma, melhoria das condições da sala de aula”.

As sugestões dos pesquisandos foram: estrutura em primeiro lugar, e o funcionamento adequado da sala de informática, ficou em segundo lugar; pois, a máquina controlada pelo professor pode ajudar na aprendizagem. Neste sentido o professor deve estar atento para não ser substituído pela máquina. Pois, muitos alunos já convivem com as tecnologias diariamente fora da escola.

O interessante é que para os alunos apesar dos dilemas negativos a serem superados pela escola, todos gostam dela, sentem-se bem, etc. nenhum deles criticaram a vivência nela, a aprendizagem construída, os relacionamentos, entre outros. Neste sentido a construção da aprendizagem acontece independente da estrutura do prédio, do uso dos computadores e das demais dificuldades.

Neste contexto, "a escola é a sede de rituais complexos que regem as relações pessoais."(FINO, 2011, p.61)

Dia 01/09/2014 – A professora assim que entrou na sala de aula, chega também a diretora e foi bem acolhida pela professora e alunos – Assunto da visita da mesma era o uso indevido do "celular" havia recolhido mais de 30 celulares devido os alunos estarem assistindo dentro da sala de aula vídeos pornográficos e estarem tirando a concentração dos colegas, sem contar com a utilização errada do *facebook* alguns assuntos, incentivando que o mesmo poderia

ser usado para pesquisas, para se comunicar de forma correta. Frisou como deve ser a democracia na escola, os direitos e os deveres da comunidade escolar, enfatizando que o mau uso da tecnologia só estava atrapalhando e prejudicando o nome da escola. Fala da função da gestão, das mudanças através de eleições, da inovação dos grupos políticos, defende o plebiscito para o povo escolar o melhor. Os celulares seriam entregues aos pais, sem direito a usar a internet. da escola. A professora e a turma compreenderam sua atitude.

07/09/2014- Nesse dia fui para escola às 12 h, era domingo para continuar as minhas observações, pois nesse dia era o desfile escolar e desejava ver os pesquisandos antes de saírem para a rua. A escola apresentou como tema: “O Brasil e suas Regiões”. O mesmo projeto integrava as duas outras escolas da comunidade. A escola pesquisada foi à última a desfilar. Presenciei muitos pais e mães na escola, mesmo os que residiam distantes nos sítios e muitos visitantes. Houve representações de escolas de outros distritos e de outras cidades. Os alunos estavam arrumando suas apresentações, um clima festivo, muitas bandas visitantes, professores, gestores, funcionários das três escolas juntos no mesmo espaço. Às 15 horas começam a entrar na rua. Dos meus pesquisandos estavam: dois meninos vestidos de portugueses levando o estandarte de abertura da Banda Marcial e Fanfarras José Rufino da Silva, três meninas vestidas nas cores da bandeira brasileira na comissão de frente da Banda e uma menina e um menino saíram de azul e branco carregando os pavilhões das Bandeiras: do Brasil, de Pernambuco, de Vicência e da Escola. Essa equipe foi organizada com o apoio da professora de geografia e o de matemática. Os professores dois a dois, três a três, inscreveram os alunos, confeccionaram os instrumentos de acordo com a cultura da região escolhida, pesquisaram com os alunos e apresentaram. Acompanhei na rua as escolas, meus pesquisandos e presenciei elogios da comunidade sobre as belezas brasileiras apresentadas pelas escolas locais. Na praça onde as escolas se apresentavam para as autoridades o povo aplaudiam de pé os pelotões: das danças culturais; da fauna; da flora; as heranças das raças, o cordel, músicas, poesias, etc. Foi uma verdadeira aula pública de cidadania.

Dia 08/09/2014- A investigadora trabalhou com a distribuição de um jornal da Central dos Trabalhadores do Brasil (CTB-2014). O interesse foi compreender como elaboravam textos coletivos, como elaborariam questões através de noticiário em jornais e os tipos de questões que iriam utilizar sem intervenção de professor. O grupo se organizou, pedi para que os pesquisandos escolhessem um tema no jornal e elaborassem um texto coletivo e dele criassem 4 questões com respostas: Os pesquisandos formaram 2 grupos. Os textos estarão nos apêndices,n.2.

G1- Tema: Queremos Salário digno de um trabalhador.

Questão1- Qual é a nova Lei Sancionada pela presidenta Dilma? E qual o ano de validade?

Resposta- Lei 13.382/2011, a validade é até 2015

Questão 2- Entre 2003 a 2013 qual foi o ganho real do salário mínimo?

Resposta- O ganho Real foi de 70,49% segundo o DIESI -2014

Questão 3- Quantas pessoas aposentadas e pensionistas no Brasil?

Resposta- 19 milhoes

Questão 4- O que signifiva CTB?

Resposta- Central dos Trabalhadore do Brasil

G2- Tema: Venezuela e Ucrânia: Alvos do Imperialismo Estadunidense.

Questão 1- Que espaço a Ucrânia tem importante no mapa?

Resposta - Espaço Geoestratégico

Questão 2- Como se apresenta a Ucrânia?

Resposta- A Ucrânia é um país rico, possui grandes recursos naturais.

Questão 3- Por que os planos dos Estados Unidos não deram certo?

Resposta- Por que o povo se reuniram e através do Plebiscito decidiu que Crimeia se separaria dela para pertencer a Rússia.

Questão 4- Quais as consequências causadas pelo poder do imperialismo?

Resposta- As consequências atingem o povo mais pobres, trabalhadores sofrem com as sabotagens, desestabilização, conspirações, baixa renda, entre outros.

Os pesquisandos criaram dois temas relevantes tanto para realidade mundial como nacional, muito importante no contexto dos países periféricos como o Brasil. Os dois textos criados pelos grupos foram pertinentes na aprendizagem da geografia. O primeiro tratou da

necessidade de um salário mínimo digno para os trabalhadores. O segundo grupo falou sobre o Imperialismo Estadunidense que é o pior mal contra as nações exploradas, como exemplo a Venezuela e a Ucrânia. Quanto as questões os alunos seguiram o exemplo como a professora de geografia trabalha, elaboram questões abertas. Os mesmos têm talentos, capacidades de criar, construir, organizar, compreender e construir conhecimentos.

Pensar globalmente significa entender o mundo, como ele se organiza, como age o capital. (CASTROGIOVANNI,2009, p 131)

Dia 17-09-2014- Observei meus pesquisados na sala de leitura onde estavam juntos sistematizando a pesquisa da aula de campo. (Figura-06). Eles debatiam sobre tudo que viram nas ruas e escreviam, desenhavam um mapa da comunidade sem nenhum professor por perto. Os pesquisandos foram votados pela turma para organizarem o texto final das entrevistas nas ruas.

Dia 18-09-2014 – Manhã. Às 9 horas sai para sala dos professores, Já havia anteriormente dito que precisava da colaboração da gestora Maria de Fátima da Conceição. A mesma é professora de história com experiências nas séries iniciais, finais, EJA, Ensino Médio, tendo também exercido as funções de gestora e coordenadora da EJA.

Iniciei os seguintes questionamentos referentes à escola. Tais como:

Em relação à escola como vem contribuindo para o andamento da mesma?

Achou que contribuiu de forma democrática e participativa, com um relacionamento afetivo entre todos e com a comunidade.

No contexto pedagógico a escola como se apresenta?

“A escola tem avançado com o Projeto Alfabetizar com Sucesso, envolvendo três turmas e o Programa “PACTO” tem ajudado nas disciplinas mais críticas, com a ajuda da sala de pesquisa - ‘Ariano Suassuna’ com mais ou menos três mil acervos, com o projeto Ler Pra Valer e com as colaborações de todos.”

Em relação à Inovação Pedagógica o que entende sobre a mesma?

“Achou que muitos professores já vêm inovando suas práticas pedagógicas, outros continuam no tradicionalismo. Ela considera que os professores deveriam ter formações por área de atuação e formação continuada para contribuírem melhor na aprendizagem dos alunos”

Com relação ao senso comum, eles necessitam ser utilizados na construção da aprendizagem?

“O senso comum dos alunos deve ser dialogado nas aulas abertamente, onde a turma relata suas experiências com as da professora trabalhando assim o tema central da aula onde os alunos se abrem permitindo expressar suas emoções, sentimentos para obtenção de novos conceitos.”

Têm dificuldades administrativas?

“Sim, principalmente com os transportes dos alunos, estrutura, entre outros”.

O relacionamento entre todos é amigável?

“Todos se ajudam, colaboram, se entendem”.

Considera uma comunidade acolhedora?

“Sim. Apesar de residir fora dela sou respeitada, sem preconceito por ser negra, sou satisfeita e grata pelo amor dos alunos que contam até as intimidades a mim e sentem-se meus amigos”

A gestora tem conhecimento sobre as questões desse objeto respondendo verbalmente com firmeza as indagações. Segundo ela a escola é administrada de forma democrática, participativa, tem um relacionamento amigável onde todos se ajudam. É uma gestora respeitada, sem discriminação racial apesar de não residir na comunidade, acha ela acolhedora. Quanto o senso comum deu um conceito importante e quanto a inovação pedagógica afirmou que muitos professores já vêm se inovando, que outros ainda vivem na prática do tradicionalismo. Em relação as dificuldades ela citou as mesmas citadas pelos alunos: estrutura e a falta do transporte escolar. Mesmo assim, a escola vem caminhando democraticamente rumo a inovação das suas práticas visto que a mesma deve mudar continuamente de cara, pois, a inovação jamais acontecerá nas práticas tradicionais.

Neste sentido, Freire diz,

“Pela luta em torno da mudança da cara da escola, por sua democratização.” (2000, p132)

18-09-2014- A tarde a investigadora curiosa para saber o que os outros professores acharam sobre as atividades exercidas pela professora de geografia, aproveitou a oportunidade e questionou-os verbalmente:

**Os alunos construíram aprendizagens significativas na vivência na aula de campo?
Como?**

O professor de matemática respondeu: “Sim, construíram aprendizagem com os outros”.

O de Português afirmou: “Sim, não precisaram do professor para construção da aprendizagem”.

A de geografia achou que “Sim, os alunos construíram aprendizagem significativa mais no campo, dialogando com os saberes dos outros”.

A professora de história respondeu: “Sim, aprenderam na prática, no espaço vivido”

A aprendizagem significativa foi construída nos diversos ambientes, nas outras disciplinas proporcionados pela professora de geografia aos alunos, aos colegas de trabalho e a comunidade.

De acordo com o autor, o conceito mais importante da teoria de Ausubel é a aprendizagem significativa. (1980)

Dia 29/09/2014 - Após a oração, a chamada a aula começou com uma conversação da professora e alunos sobre a Bíblia enfatizando a vivência da Palavra. A aluna Tamires conta sua experiência como vocalista do ministério de música junto com mais dois colegas da classe. A professora disse que fica feliz e tem vontade de dá um cheiro em cada participante. Estimula a leitura do Apocalipse, fala da poluição de São Paulo que nada disso tem a ver com os desígnios de Deus, mas sim da ganância do homem. A diretora chega à sala pedindo o nome dos alunos do programa Mais Educação. Não podem faltar aulas ela cita, quando o aluno falta perde o almoço, lanches... Ela fica triste e cobra a responsabilidade de todos. São 5 turmas que fazem parte do Mais Educação. Fala que um dos critérios para participar é ter o Bolsa Família. Pergunta ao aluno Erli por que ele não participa? Ele logo se colocou: “não venho porque não gosto”. A diretora continua as indagações: Por que não gosta? Erli não respondeu. A professora

reforça o horário integral desejando para todos até para os filhos dela. Volta a conversar sobre a Bíblia. Apesar dela ser religiosa, ministra da Eucaristia, no mês de Setembro é dedicado no País a Palavra de Deus. Ela organizava com os alunos e professores da escola como um todo uma oficina no dia 30-09-14 com palestras, músicas, cartazes, peças teatrais, entre outros.

Dia 30/09/2014 - Acompanhei-os na oficina do caboclinho, na qual meus pesquisados participam no horário da tarde. As professoras são duas, elas ensinam e costumam dançar com os alunos, utilizam a sala de projeção de portas fechadas devido os outros alunos que eram para está na sala de aulas nesse momento, mas queimam para ficarem assistindo as aulas de danças e atrapalhando os demais que querem participar das atividades da sala. Foram 10 escolas que se inscreveram para esse projeto: "Cultura Afro", delas 5 foram aprovadas. O grupo de dança são 5 meninos e 5 meninas. As danças são frevo, maracatu, xaxado, caboclinho, capoeira, cavalo Marinho, etc. As professoras relatam pra mim que é possível viver da arte, muitos dos seus alunos e ex-alunos vivem bem da arte, dá exemplo da sua companheira da dança, sua ex-aluna que há 13 anos tornou-se profissional. Perguntei o que entende por inovação pedagógica? Elas citam verbalmente que essa rica cultura está nos currículos, a inovação é a valorização do aluno, da equipe e da escola como um todo. Faltam os pais estimularem os filhos para valorização e participação das oficinas, pois há oportunidades e recursos para a vivência das danças, músicas na escola, que essas culturas estão no sangue.

Dia 02/10/2014- Cheguei a escola e percebi que a mesma estava muito barulhenta onde os professores tinham organizado uma oficina folclórica. A diretora, professores, coordenadores ofereceram primeiro a alimentação e depois levaram os alunos para sala de projeção. A diretora Fátima apresenta os grupos: teatro: dramatizações (meus pesquisados), fantoches, músicas, danças, etc. Meus pesquisados estavam engajados em tudo, menos nos fantoches, tudo foi organizado pelos alunos. A turma do 7º ano A - turma pesquisada apresentaram uma peça teatral organizada e ensaiado por eles com o tema "O nascimento de Jesus". Participaram dos alunos que fazem parte da pesquisa: Tamiris Miguel, Isabela Alves, João Tadeu, José Antônio, Mayckon Jhonatan. No II momento mudaram-se para sala de projeção. A diretora pede a colaboração e participação de todos. A coordenadora Izabella questionou sobre a Bíblia, agradece, parabeniza pela apresentação do teatro representando "O Natal". O professor Alison falando sobre o batismo de Jesus, representado pelo teatro com música chamou a atenção de todas turmas. Nesse momento as turmas presentes aplaudiram leram mensagens, Evangelho de Mateus - capítulo-3, de 13-16. O professor leu a mensagem do batismo seguindo o texto bíblico. As turmas em silêncio prestava atenção. Percebi 2 meninos e

2 meninas conversando em alguns momentos, mas logo voltaram a ouvir. O professor de ciências começa apresentando o histórico da bíblia no slide, livro especial lido no mundo inteiro. Apresenta os livros, sua importância. Em seguida a professora de português Conceição apresenta com os alunos um coral de 7 alunos com música e a plateia cantava junto com os professores, cantavam acompanhando o texto no data show. Nesse momento um dos pesquisandos gravava e fotografava comigo. A professora Conceição deu testemunho da sua fé da tempestade superada pela música. Minha pesquisanda Isabela fez a leitura da profecia de Mateus no texto bíblico introduzindo o texto com seus companheiros de turma todos os membros da minha pesquisa. Presentes estavam os professores de História, matemática, português, ciências, e das séries iniciais Sabrina, Maria da Conceição, a diretora Fátima da Conceição, coordenadora pedagógica Izabella e a coordenadora da sala de leitura Alexandra. A professora voltou apresentando o grupo de teatro com a peça "O rico e o pobre" Tamyris Miguel, Isabela Alves, Ana Carolina, João Tadeu (pesquisandos) as turmas começavam sorrindo, ficaram de pé. Continuou com a apresentação do "Escuta-me, Ressuscita-me", alunas da professora Sabrina apresentaram no data show, a plateia silencia e participa, seguiu-se com o teatro de dança da oficina do Mais Educação instrutora Tayane Miguel peça: "O bem e o mal. "A moral do texto "O mal nunca vencerá o bem com a ajuda de Jesus". Concluiu-se com uma música religiosa apresentada pela coordenadora Izabella com a letra em data show ela cantava e comovia a plateia com a música. Percebeu-se que através dessas oficinas diferentes da rotina da sala de aula os alunos participam, se interessam, se empolgam, cantam, aplaudem, silenciam, quando necessitam, gritam, despertam seus talentos, criatividade, constroem aprendizagem.

Dia 10/10/2014- nesse dia cheguei à escola cedo às 8:hs, mas as aulas da turma pesquisada só começava das 9:h às 12:h. Encontrei a escola em silêncio todos os alunos nas salas de aulas, todas as turmas trabalhando com seus professores. A novidade foi que os transportes dos alunos pararam devido à falta de pagamento e contávamos na sala só com os alunos da rua. Antes peguei com a professora a ficha dos alunos, local de residência, resultados, com projetos dos governos Mais Educação e Bolsa Família. A professora na sala de aula começa com a fala sobre a Gincana pedagógica: escolher 15 alunos para a gincana sendo as equipes de 5 de cada sala Na turma pesquisada formaram o Grupo do 7º Ano A se inscreveram: João Tadeu, Tamyris Miguel, Isabela Alves, Ana Carolina e Rayane Manuelly. Só a última da equipe não é minha pesquisada. A gincana ficou esclarecida na sala pela planejadora da escola: Glaucimere Moreno. A professora voltou falando para formarem grupos de 3 para interpretação da música Asa Branca introduzindo a Região NE.

Dia 13/10/2014- Cheguei pontualmente às 9:h. A professora faz a chamada e reclama dos transportes escolar, pois percebe a falta mais uma vez de vários alunos. Comemora com a turma o sucesso da festa da comunidade que aconteceu, convida os que não participaram, separou os conversadores das filas, eles estavam no final da sala, 18 alunos estavam com fardas e 5 sem fardas (blusas). Revisa o que aprenderam na música de Luiz Gonzaga: Como aconteceu e acontece a história do sertão? O que aconteceu devido a seca? Foi pra onde a Asa Branca? O que diz a letra da música? Eles responderam oralmente os questionamentos. E inicia cantando a música, todos cantavam, assim introduzia o tema de abertura para Unidade IV: Região NE. A professora cobra os textos das músicas distribuídas por ela anteriormente. Ela fala um pouco da língua popular usada na música e da realidade dela, segue para o estudo do mapa do assunto da página: 142, mapa político da Região NE. Todos liam, uns silenciosamente, outros verbalmente, todos com o livro aberto. Estava chovendo. Os alunos conta os Estados, Capitais, Estados vizinhos a PE. e os Estados que não fazem limites com PE. A professora conta o fato de descobertas científicas partindo do cientista recifense apresentado na TV. Fala do vírus ebola e da preocupação a nível nacional e internacional, estimula a estudar sempre e de ler sobre tudo nos livros, nas caixas de produtos, validade dos produtos, origem etc. Cita exemplos de ex-alunos que se destacaram na sociedade e pede que tirem um pouco de tempo para ler. Cita o exemplo do filho dela que não gostava de estudar, mesmo assim estimula ele fazer um curso de inglês, não fez nenhum, quando foi fazer um de técnico ao receber a apostilha para ler desistiu. Arrependeu-se quando resolveu morar em Portugal, pois por não ter formação para o mundo do trabalho está trabalhando em restaurante, e nesse momento percebe a necessidade de estudar, mas não tem tempo para continuar os estudos. Quem tem formação, tem opção de escolhas.

Dia 17/10/2014 - No Dia da Gincana pedagógica contava com uma mesa julgadora 5 pessoas representantes da comunidade. Pela manhã não houve aula, a professora acompanhava os alunos nas provas da gincana pedagógica dentro da equipe caracterizada como os alunos da torcida azul. Todas as turmas e professores, gestora, planejadora, comunidade participavam das provas solicitadas e nas provas surpresas. Os professores também competiam entre si. A professora de geografia coordenava grupo liderado pela turma pesquisada; tinha dois grupos o da direita de cor azul, o grupo da esquerda de cor vermelha.

1 - Prova conhecimento pedagógico Matemática: respondendo a tabuada - todo acerto -30 pontos-metade de acertos, ou mais da metade -10 pontos equipe vencedora foi a equipe “B”

2 - Maior número de produto de limpeza arrecadado na comunidade. Discriminado: desinfetante, detergente, água sanitária. Para cada unidade 5 pontos. Equipe vencedora "A"

3- Prova surpresa: apresentação de uma paródia, apresentada por um aluno que faz parte da sua equipe tema "Meu professor"- valendo de 0 a 50 pontos as duas equipes ganharam os 50 pontos

4 - Maior número de embaixadinha - Quem obtivesse o maior número ganharia- 30 pontos quem fizesse menos teria, 10 pontos.

5- Prova surpresa montar um quebra cabeça em menos tempo, quem terminasse primeiro ganharia -50 pontos. O segundo lugar ganharia apenas-15

6- Apresentação de um dança da época o funk- valendo de 50 a 70 pontos seria avaliado: coreografia, música, trajés.

7- Prova surpresa: apresentar a historicidade do Povoado Borracha através de uma reportagem por um dia valendo de 0 a 50 pontos.

8- Soletrando - cada acerto valeria 10 pontos

9- Prova surpresa: Maior tempo no bambolê-30 pontos

10 – Desfile - criação modelo construído com reciclagem - vale de 0 a 80 pontos. (Pesquisanda Tamyres Miguel ganha a prova).

11- Estourar balões (5 balões) - 10 pontos

12- Um casal de professores para apresentar a dança dos professores - anos 70, ritmo discoteca, caracterizado.- 30 pontos

Prova- História do povoado local através da entrevista. 50 Pontos para a equipe vencedora, nelas os pesquisandos estavam em todas as provas envolvidos. Mayckon Jhonatan e Ana Carolina os dois participantes desta pesquisa contaram a história do Povoado local através do "Jornal Nacional. Neste dia logo cedo os dois pesquisandos me procuravam pedindo dois paletós emprestados. Me surpreendi aos vê-los apresentando uma aula pública de cidadania com o apoio dos colegas e da professora de geografia que estava sempre por perto gritando, aplaudindo...

Os pesquisandos lideravam o grupo Azul.

Ao terminar todas as provas serviram um lanche e os jurados foram fazer a contagem de pontos. Logo depois chegaram ao resultado e deram a resposta. A equipe B com 6.116 e a equipe A com 9.111, e por fim, os pesquisandos venceram a gincana. Foi muita festa, os alunos ficaram muito felizes por terem ganhado até por que eles batalharam muito e com muita dedicação conseguiram ter a tão esperada vitória. Ganharam de presente uma viagem. Muitas aprendizagens se construíram significativamente, de forma coletiva, divertida, o senso comum foi respeitado, acreditando que foram vivenciadas práticas inovadoras democraticamente e crítica para os participantes, visitantes e comunidade local.

Dia 03/11/2014 - Cheguei cedo à escola, observei os alunos na aula da professora anterior a aula de geografia era aula de história, a mesma forma de organização deles na sala se repetia, Os alunos do sítio ocupavam o lugar de sempre perto da porta, os demais perto da professora (figura em anexo - 05) Esses mais próximos da professora são os meus pesquisados. Começa a aula de geografia com o objetivo de identificar a Cultura Nordestina. Fez a chamada, segue com a continuação da Região NE. A professora perguntava as novidades do final de semana e se entristeceu por que entre eles não apareceu nenhum que leram, nem se quer abriram o livro em casa, mas da televisão, da rua e de casa contaram com detalhes para ela. Ela elogia-os: muito bem. Na aula passada ela havia distribuído o texto da música, hoje só 5 alunos trouxeram, ela não repreendeu, copiou na lousa a música, 18 alunos estavam presentes devido a falta dos transportes (parados por falta de pagamentos) a aluna Tamirys Miguel e Isabella relatam como entenderam o texto. Ela só acrescentava os conteúdos dentro das falas das alunas, os outros alunos permaneciam calados, só ouvindo. Na fala sobre o Juazeiro a aluna pesquisanda acrescenta que há 2 Juazeiros e, a professora não lembra e a aluna Tamyris fala do Juazeiro da Bahia e canta a música de Luiz Gonzaga que tem o seguinte trecho: “eu gosto do juazeiro e adoro Petrolina”, a professora agradece a contribuição e entra no resultado das eleições da presidenta Dilma na qual os paulistanos e os nordestinos estavam se atacando devido a vitória da presidenta. Fala da seca de São Paulo, dos movimentos populares, dos estrangeiros que defenderam Dilma no Brasil a conversa dela com eles e elas sobre a beleza da nossa gente do NE. e que os nordestinos contribuíram bastante no desenvolvimento de São Paulo e de outras regiões. Foi um grande debate, pois os alunos têm em sua maioria parentes em São Paulo, todos defendiam a união do povo em prol do Brasil, e o nordestino em primeiro lugar.

Dia 06/11/2014- Chamada - alunos juntos da professora no birô antes de começar a aula conversando sobre seus resultados. A turma apresentou a história de Morte e Vida Severina e marcaram para assistir na próxima aula o filme "Vidas Secas" de Graciliano Ramos. Maykon

conta do surgimento de uma estrela que viu na TV dia 05/11. Comentaram dizendo o que aprenderam assistindo. Ana Carolina e José Antônio, falam no deserto dos Estados Unidos. Mayckon fala das tecnologias utilizadas nos Estados Unidos. A professora fala das descobertas do Câncer pela saliva do carrapato, o Mayckon fala da cachorra usada para descobrir o câncer, a professora fala do livro Gênesis, e relata o fato histórico da Bíblia e da ciência. A Bíblia afirma que a terra criada por Deus e a ciência explica pelo 'Big Bem'. Alunos discutem com ela junto ao birô, os mais desinteressados continuaram sentados. Mayckon fala do hotel no espaço, tem tanto tentando subir e não deu certo, a professora chama os outros um por um, eles começam a vir Isabela fala do Apocalipse, Nardênia cita que o agir de Deus vem do Apocalipse. A professora fala da aluna estuprada com 12 anos jogada no rio, ela denunciou e o camarada foi preso. Nardênia diz a professora que tem medo desse mundo. Ela aconselha sobre as amizades, a fé, estudos etc. A maldade em São Paulo, enorme contingente, Isabela fala da bebê violentada na internet ela cita a enfermeira que agredia a criança dando banho, a professora fala da agressão de uma babá na TV com 9 meses. Isabela continua contando história, do Homem pobre e da Criança rica que o ajudou. Todos em silêncio escutavam. Ana Carolina falava da história do fotógrafo cadeirante, deu o olho para ela a quem amava, assim que recebeu, o abandonou. As emoções fizeram a professora chorar. Percebe-se que nesse dialogo os pesquisandos eram os participantes principais que construíram aprendizagens na troca de saberes diferentes uns com os outros, a professora se comportou como colega, amiga, mediadora. Se nada foi transmitido, nada foi pronto, os saberes dos alunos trazidos foram utilizados, houve aprendizagem significativa crítica tanto geográfica como de outras ciências. Eu também aprendi bastante como ouvinte.

Dia 05/12/2014- Aula começada com as boas-vindas, oração do Santo Anjo, comentários sobre a festa de encerramento do ano letivo, pois, a professora é a Conselheira da turma. Faz-se a chamada, a aula foi sobre a Região Sudeste. O objetivo foi identificar a Região Sudeste no mapa do Brasil. Começa problematizando revisando a aula anterior. Após o diálogo através de texto, livros, mapas, globos, ela mudou o rumo da aula falando com a turma depois que uma aluna desta pesquisa fala do desenvolvimento do mundo, ela conversa sobre o futuro do jovem no mundo atual globalizado: desenvolvido nas ciências, nas tecnologias e manda os alunos relatarem sobre o comportamento dos jovens no mundo atual e citar suas perspectivas para o futuro. Em silêncio todos começaram individualmente construir o texto atual e suas perspectivas de futuro. As questões foram duas: 1- O que você acha do comportamento dos

jovens e quais as perspectivas de futuro? 2- Você é satisfeito com a escola que estuda e com a família que você vive?

Os mesmos produziram seus textos, que foram avaliados individualmente pela professora.

Os pesquisandos todos foram aprovados no ano letivo. Os resultados estão no anexo 1 deste objeto de investigação.

APÊNDICE - 2

NOME DA ESCOLA- _____

NOME DO ALUNO _____

IDADE _____

SEXO _____

**ENTREVISTADORA- MARIA RITA DA SILVA OLIVEIRA**

Atividade aplicada pela pesquisadora na turma pesquisada no **dia 19 de Setembro de 2014** depois de uma aula de pesquisa campo nas ruas e nos locais públicos: escolas, posto de saúde e associação da água na comunidade local.

Estavam presentes 21 alunos, os mesmos organizaram as perguntas e entrevistaram a comunidade num trabalho interdisciplinar apoiados pelo professor de geografia, de matemática, de português e de história que os acompanharam até o final.

A professora avaliou individualmente as produções dos alunos e a pesquisadora aplicou uma entrevista na aula seguinte com 6 questões abertas sobre as entrevistas realizadas pelos alunos na comunidade.

QUESTÕES:

- 1-O que você aprendeu com as pessoas entrevistadas na aula de campo?
- 2- Como a associação da água respondeu sobre a água da rua?
- 3- Na visita as Escolas Maria de Lourdes e Carlos Pessoa Guerra o que mais contribuiu para sua aprendizagem?
- 4- No posto de saúde com foi realizada a entrevista com a doutora e com a dirigente?
- 5- Achou importante os professores das outras disciplinas se envolverem na pesquisa? Porque?
- 6- A aprendizagem da geografia interfere na realidade da comunidade? Como?

APÊNDICE - 3

A pesquisadora realiza uma atividade em grupo com 8 questões abertas. Foram 4 grupos para análise. A pesquisadora pediu que formassem os grupos sem sua interferência.



NOME DO ALUNO

IDADE

SEXO

ENTREVISTADORA- MARIA RITA DA SILVA OLIVEIRA

QUESTÕES

- 1- Qual a importância da geografia?
- 2- A geografia na sala de aula envolve os conhecimentos que vocês trazem de casa? Como?
- 3- Como vocês se relacionam entre si?
- 4- Como vocês se relacionam com a professora?
- 5- Como ocorre o relacionamento da escola com a comunidade?
- 6- O que precisa ser inovado nas aulas de geografia?
- 7- Como aprendemos geografia?
- 8- Vocês aprendem mais nos trabalhos em grupo ou individual? Explique.

APÊNDICE - 4

No dia 11 - 07- 14 a pesquisadora realiza um questionário com a professora da turma pesquisada com 11 questões abertas.

IDENTIFICAÇÃO:

EXPERIÊNCIAS _____ NA
EDUCAÇÃO _____

NÍVEL DE INSTRUÇÃO _____

QUESTÕES:

- 1-O que acha da turma do 7º Ano A?
- 2- Como se relaciona com a turma?
- 3-Como se sente na escola onde trabalha?
- 4-Quais as suas dificuldades na sala de aula?
- 5-Acha que a disciplina da geografia interfere na realidade social?
- 6-Como trabalha os conteúdos de geografia?
- 7-O que entende por senso comum, ou conhecimento prévio?
- 8-Acha importante valorizar a aprendizagem dos alunos? Justifique.
- 9- Quando a aprendizagem é significativa?
- 10-O que acha do uso das tecnologias na escola?
- 11- O que entende sobre inovação pedagógica?



ANEXOS

ANEXO 1

Relação da turma pesquisada – disciplinas e resultados dos pesquisandos - 2014.

Os pesquisandos estão selecionados no documento abaixo de cor azul

PREFEITURA MUNICIPAL DE VICÊNCIA SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO

ATA DOS RESULTADOS FINAIS DE APRENDIZAGENS: DESEMPENHOS E NOTAS

Estabelecimento de Ensino: **ESCOLA MUNICIPAL JOSÉ RUFINO** Cadastro Escolar: **M. 165.017** Nível de Ensino: **FUNDAMENTAL**

Aos **30** dias do mês de Dezembro do ano de **2014** concluiu-se o processo de apuração de desempenhos e notas finais dos alunos do **7º Ano “A”** do turno

Diurno deste Estabelecimento, com os seguintes resultados.

DISCIPLINAS	L P	H	G	C	M	A	E F	E R	L M I	R
	Í O	I	E	I	A	R	D Í	N E	Í O N	E
	N R	S	O	Ê	T	T	U S	S L	N D G	S
	G T	T	G	N	E	E	C I	I I	G E L	U
	U U	Ó	R	C	M	S	A C	N G	U R Ê	L
	A G	R	A	I	Á		Ç A	O I	A N S	T
	U	I	F	A	T		Ã	O	A	A
E	A	I	S	I		O	S	E	D	
S		A		C			O	S	O	
A				A				T		
TOTAIS DE CH POE	240	80	80	120	240	80	80	40	80	
DISCIPLINA										
NOME DO ALUNO	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N

01- Alan Martins da Silva	-	4,5	-	3,0	-	6,0	-	4,5	-	7,5	-	6,0	-	8,0	-	-	-	4,0	Retido
02- Alessandro Noberto da Silva	-	6,5	-	7,5	-	7,0	-	6,0	-	7,5	-	8,0	-	10,0	-	-	-	7,0	P. Plena
03- Ana Carolina Gonçalves Pires	-	7,0	-	9,0	-	9,0	-	8,5	-	8,0	-	7,5	-	10,0	-	-	-	7,5	P. plena
04- Danyela Paulo da Silva	-	6,0	-	7,5	-	6,5	-	6,5	-	6,0	-	7,0	-	9,5	-	-	-	6,0	P. plena
05- Davi Barbosa de Lima	-	6,0	-	7,0	-	6,0	-	6,0	-	6,0	-	6,0	-	9,0	-	-	-	6,0	P. Plena
06- Edlane Vitor da Silva	-	6,0	-	6,5	-	6,5	-	6,5	-	6,0	-	6,5	-	8,5	-	-	-	6,0	P. Plena
07- Edvânia Aguiar Mandú da Silva	-	6,5	-	7,5	-	7,0	-	7,0	-	4,0	-	7,5	-	9,0	-	-	-	8,0	P. Parcial
08- Erly Pereira da Silva	-	4,0	-	6,0	-	4,5	-	3,5	-	4,5	-	6,0	-	9,0	-	-	-	6,0	Retido

09- Evaldo Luiz Candido da Silva	-	4,0	-	5,5	-	5,0	-	3,0	-	4,5	-	6,0	-	9,0	-	-	-	4,5	Retido
10- Gefferson Amaro da Silva	-	6,0	-	6,5	-	5,5	-	4,0	-	9,0	-	7,5	-	9,0	-	-	-	6,0	P. Parcial
11- Isabela Alves da Silva	-	7,5	-	8,0	-	8,5	-	8,0	-	7,0	-	7,5	-	9,5	-	-	-	7,5	P. Plena
12- João Tadeu da Silva Santana	-	7,0	-	8,5	-	8,5	-	7,5	-	8,5	-	8,5	-	9,5	-	-	-	7,0	P. Plena
13- José Antonio Euclides da Silva Santana	-	6,5	-	9,0	-	8,0	-	7,5	-	9,0	-	8,5	-	9,5	-	-	-	8,0	P. Plena
14- Jussara Maria Silva de Souza	-	8,0	-	8,0	-	7,0	-	6,5	-	6,5	-	8,0	-	9,0	-	-	-	7,5	P. Plena
15- Júnior Severino do Nascimento	-	5,0	-	3,0	-	8,0	-	3,0	-	3,5	-	6,0	-	8,0	-	-	-	4,0	Retido

16- Leonilson Edmilson da Silva	-	5,0	-	5,5	-	6,0	-	4,5	-	9,0	-	7,0	-	8,0	-	-	-	6,0	Retido
17- Luan de Amorim Moura	-	7,0	-	8,5	-	8,0	-	7,5	-	7,5	-	9,0	-	9,5	-	-	-	7,5	P. Plena
DISCIPLINAS	L	P	H	G	C	M	A	E	F	E	R	L	M	I	R				
	Í	O	I	E	I	A	R	D	Í	N	E	Í	O	N	E				
	N	R	S	O	Ê	T	T	U	S	S	L	N	D	G	S				
	G	T	T	G	N	E	E	C	I	I	I	G	E	L	U				
	U	U	Ó	R	C	M	S	A	C	N	G	U	R	Ê	L				
	A	G	R	A	I	Á		Ç	A	O	I	A	N	S	T				
		U	I	F	A	T		Ã		O		A			A				
		E	A	I	S	I		O		S		E			D				
		S		A		C				O		S			O				
		A				A						T							

TOTAIS DE CH POE DISCIPLINA	240		80		80		120		240		80		80		40		80		
NOME DO ALUNO	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	
18- Luciete Maria da Conceição	-	8,0	-	8,5	-	7,0	-	6,5	-	8,5	-	8,5	-	9,0	-	-	-	7,5	P. Plena
19- Márcia Eduarda Vieira do Nascimento	-	6,0	-	6,5	-	6,5	-	7,0	-	6,0	-	7,0	-	8,5	-	-	-	7,0	P. Plena
20- Mayckon Jhônato da Silva Souza	-	8,0	-	9,0	-	8,5	-	7,5	-	10,0	-	8,5	-	10,0	-	-	-	8,0	P. Plena
21- Milene Lopes de França Cavalcante	-	6,0	-	7,5	-	7,0	-	6,5	-	6,5	-	7,5	-	8,0	-	-	-	6,5	P. Plena
22-Mirelly Coutinho Oliveira Ramos	-	6,0	-	7,5	-	6,5	-	6,0	-	6,0	-	7,0	-	9,5	-	-	-	6,5	P. Plena

23- Nardênia de Querós Silva	-	7,0	-	8,5	-	8,0	-	7,5	-	8,5	-	8,5	-	10,0	-	-	-	8,0	P. Plena
24- Patricia dos Santos Silva	-	7,0	-	7,5	-	6,5	-	6,5	-	6,5	-	8,5	-	10,0	-	-	-	8,0	P. Plena
25- Rayane Manuely dos Santos Silva	-	6,5	-	7,0	-	7,0	-	6,5	-	7,0	-	8,0	-	10,0	-	-	-	7,5	P. Plena
26- Severino Edvan da Silva Oliveira	-	5,0	-	6,0	-	5,0	-	4,5	-	3,5	-	6,0	-	8,0	-	-	-	6,0	Retido
27- Tamyris Miguel Ferreira de Lima	-	7,0	-	8,0	-	7,5	-	8,0	-	6,5	-	7,0	-	9,5	-	-	-	7,0	P. Plena
28- Tássio Vieira da Silva Rocha	-	4,0	-	4,0	-	5,0	-	3,0	-	3,5	-	6,0	-	9,0	-	-	-	5,5	Retido

E para constar, eu **Glaucimere Moreno Bandeira de Arruda**, secretário (a), lavrei a presente Ata, que vai assinada por mim e pelo (a) Diretor (a) do Estabelecimento.

Vicência, 30 de Dezembro de 2014.

SECRETARIO (A) – Registro Nº

DIRETOR (A) – Registro Nº

ANEXO 2- FIGURAS



Figura 1- Campo de pesquisa – Fonte- OLIVEIRA – Rita, 2014



Figura 2 - pesquisandos –faz reciclagem – OLIVEIRA. Rita- 2014



Figura 3 - Pesquisandos no teatro - fonte- OLIVEIRA. Rita - 2014



Figura 4-pesquisandos sistematização da pesquisa de campo



Figura 5-professora – pesquisando - Escola



Figura 6-Pesquisandos – Sistematização: mapa da comunidade – CAD. Fonte- OLIVEIRA- Rita, 2014



Figura 7- pesquisandos- trabalho coletivo na escola – Fonte- OLIVEIRA. Rita - 2014



Figura 8- Projeto Mais Cultura na escola – OLIVEIRA. Rita - 2014



Figura 9- Momento religioso – pesquisandos do ministério de música



Figura 10- Sujeitos da pesquisa – Escola José Rufino- Fonte
OLIVEIRA- Rita, 2014



Figura 11- Pesquisa na comunidade – Borracha- Rita Oliveira-



Figura 12- Culminância do projeto Ler pra Valer –Escola - OLIVEIRA. Rita – 2014



Figura 13- Oficina: Cavalo Marinho – Escola Frei Caneca